

CLAPVI

CONFERENCIA LATINOAMERICANA
DE PROVINCIAS VICENTINAS

AÑO XLIV No. 158

ISSN 2145-2482

ENERO - JUNIO 2018



Santos,
Beatos y Venerables
de la Familia Vicentina



Escuela de Formadores CLAPVI
Curitiba - Brasil 2018

CONTENIDO

PRESENTACIÓN**3****SANTOS, BEATOS Y VENERABLES DE LA FAMILIA VICENTINA**Santos da Familia Vicentina, *José Carlos Fonsatti*..... 6História da Bem-Aventurada Lindalva Justo de Oliveira, *Irmã Maria de Fátima do Nascimento e Irmã Leonete Custódio*..... 54Monseñor Pedro Schumacher, C.M, *Max Reyes Sánchez*..... 61Dom Antonio Ferreira Viçoso, C.M., *Lauro Palú*..... 78Hijas de María: Josefa Parra y Coleta Meléndez, *Tiberio Munari Chiomento*..... 93Padre Nicolás Van Kleef, C.M, *José Pío Jiménez Olmos*..... 105Sor Cecilia Charrin, H.C, *Fundación Amigos de Sor Cecilia Charrin*..... 120Padre Wenceslau Szuniewicz, C.M., *Lourenço Biernaski*..... 139

DIRECTOR: P. José Carlos Fonsatti C.M., Secretario Ejecutivo de CLAPVI
CONSEJO DIRECTIVO: Consejo Ejecutivo de CLAPVI
EDITOR: Congregación de la Misión
TARIFA SUSCRIPCIÓN: USD\$ 75 al año

Presentación

Com um certo atraso faço chegar em vossas mãos mais um número da Revista CLAPVI, o primeiro editado sob minha responsabilidade. Peço humildemente perdão seja pelo atraso como pelas imperfeições.

Na reunião do Conselho executivo que concluíu seu mandato e da que iniciava, no dia 27 de outubro de 2017 no Caraça – Brasil, foi discutido o formato da Revista CLAPVI e se pediu que seu conteúdo fosse mais reflexivo e se evitasse muitas crônicas e a edição das Catas do Superior Geral e informes da Curia que foram anteriormente enviados a toda a Congregação e que, portanto, já eram conhecidos.

Por essa razão, nesta edição não são reeditadas as várias cartas do Superior Geral nem os informes da Curia Geral. Mas atendendo a sugestão do Superior Geral que, após a celebração do nosso carisma nos seus 400 anos, nos convidou a conhecer e tornar conhecido nossos santos, esse número da Revista é dedicado a alguns deles, os Santos, Beatos e Veneráveis da Família Vicentina.

Após uma visão geral da santidade na Congregação da Missão, são apresentados os membros de nossa Família Vicentina candidatos à santidade e que trabalharam na América Latina: Ir. Lindalva Justo de Oliveira, Mons. Pedro Schumacher, Mons. Antônio Ferreira Viçoso, Ir. Cecília Charrin e as mártires Josefa Parra e Coleta Meléndez. Há muitos outros coirmãos e coirmãs que morreram com fama de santidade e cujos

processos se encontram em suas fases iniciais. Esperamos apresentar suas histórias nos próximos números da nossa Revista CLAPVI.

Agradeço de coração aos coirmãos e coirmãs que se prontificaram em escrever sobre a aqueles e aquelas que trabalharam pelos pobres em nossa América Latina. Que Deus os recompense pelo esforço e dedicação.

Apresentamos também um texto escrito pelo P. Lourenço Biernaski da Província de Curitiba e traduzido pelo P. José Antonio Ubillús da Província do Peru sobre o P. Wenceslau Szuniewicz, polonês e médico oftalmologista que trabalhou na China e no Brasil, na Província de Curitiba.

Não há nenhum processo para sua beatificação, mas sua vida de dedicação aos pobres é um exemplo e estímulo para todos nós.

P. JOSÉ CARLOS FONSATTI, C.M.
Secretário CLAPVI.

Santos, Beatos y Venerables de la Familia Vicentina



SANTOS DA FAMÍLIA VICENTINA

P. José Carlos Fonsatti, C.M.

I. Santos e Bem-aventurados da Família Vicentina

1.- Santos e Santas¹

São Vicente de Paulo (1581 – 1660)

Fundador da Associação Internacional da Caridade (AIC);

Congregação da Missão

Companhia das Filhas da Caridade

Beatificação – 21. 08. 1729

Canonização – 16. 06. 1737 – Papa Clemente XII

Santa Joana Antida Thouret (1765 – 1826)

Fundadora das Irmãs da Caridade

Beatificação – 23. 05. 1926

Canonização – 14. 01. 1934 – Papa Pio XI

Santa Luisa de Marillac (1591 – 1660)

Co-Fundadora da Companhia das Filhas da Caridade

Beatificação- 09. 05. 1920

Canonização – 11. 03. 1934 – Papa Pio XI

Santa Catarina Labouré (1806 – 1876) - FC

Beatificação – 28. 05. 1933

Canonização – 27. 11. 1947 – Papa Pio XII

Santa Elizabeth Ann Seton (1774 – 1821)

Fundadora das Irmãs da Caridade de S. José

Beatificação – 17.03.1963

Canonização – 14.09.1975 – Papa Paulo VI

São Justino de Jacobis (1800 – 1860) – CM

Bispo da Abissínia

Beatificação – 25.06.1939

Canonização – 26.10.1975 – Papa Paulo VI

São João Gabriel Perboyre (1802 – 1840) CM

Mártir na China

Beatificação – 10.03.1889

Canonização – 02.06.1996 – Papa João Paulo II

Santa Agostina Pietrantonio (1864 – 1894) Irmã da Caridade

Beatificação – 12.11.1972

Canonização – 18.04.1999 – Papa João Paulo I

São Francisco Regis Clet (1748 – 1820) CM

Mártir na China

Beatificação – 27.05.1920

Canonização – 01.11.2000 – Papa João Paulo II

Santa Gianna Bereta Molla (1922-1962) SSVP

Beatificação – 24.04.1994

Canonização – 16.05.2004 – Papa João Paulo II

2.- Bem-aventurados (as)

Maria Madalena Fontaine (1723 – 1794) – FC

Maria Tereza Lanel (1745 – 1794) - FC

Maria Madalena Fantou (1747 – 1794) - FC

Joana Gerard (1752 – 1794) – FC

Mártires da Revolução Francesa

Beatificação – 13.06.1920 (Roma) – Papa Bento XV

Ghébré Michael (1791 – 1855) CM

Mártir na Etiópia

Beatificação – 03.10.1926 (Roma) – Papa Pio XI

Luiz José François (1751 – 1792) CM

João Henrique Gruyer (1734 – 1792) CM

João Carlos Caron (1730 – 1792) CM

Nicolau Colin (1730 – 1792) CM

Mártires da Revolução Francesa

Beatificação – 17.10.1926 (Roma) – Papa Pio XI

Pedro Renato Rogue (1752 – 1796) CM

Mártir da Revolução Francesa

Beatificação – 10.05.1934 (Roma) – Papa Pio XI

Contardo Ferrini (1859-1902) – SSVP

Beatificação – 13.04.1947 (Roma) – Papa Pio XII

Giácomo Cusmano (1834-1888)

Fundador dos Missionários Servos dos Pobres

Congregação das Irmãs Servas dos Pobres

Beatificação – 30.10.1983 (Roma) – Papa João Paulo II

Maria Ana Vaillot (1736 – 1794) FC

Odília Baumgartem (1750 – 1794) FC

Mártires da Revolução Francesa

Beatificação – 19.02.1984 (Roma) – Papa João Paulo II

Pier Giorgio Frassati (1901 – 1925) - SSVP

Beatificação – 20.05.1990 (Roma) – Papa João Paulo II

Ceferino Giménez Malla (1861-1936) – SSVP

Mártir da Revolução Espanhola

Beatificação – 04.05.1997 – (Roma) – Papa João Paulo II

Frederico Ozanam (1813 – 1853) SSVP

Fundador da Sociedade S. Vicente de Paulo

Beatificação – 22.08.1997 (Paris) – Papa João Paulo II

Marcantonio Durando (1801 – 1880) – CM

Fundador da Companhia da Paixão de Jesus Nazareno
(Nazarenas)

Beatificação – 20.10.2002 – (Roma) - Papa João Paulo II

Rosalie Rendu (1786 – 1856) FC

Beatificação – 09.11.2003 (Paris) – Papa João Paulo II

Nemésia Valle (1847 – 1916) Irmã da Caridade

Beatificação – 25.04.2004 (Roma) – Papa João Paulo II

Lindalva Justo de Oliveira (1953 – 1993) FC

Mártir – Brasil

Beatificação – 02.12.2007 (Salvador BR) – Papa Bento XVI

Celebrante: Card. José Saraiva Martins

Guisseppina Nicoli (1863 – 1924) FC

Beatificação – 03.03.2008 (Cagliari IT) – Papa Bento XVI

Celebrante: Card. José Saraiva Martins

Marta Wiecka (1874 – 1904) FC

Beatificação – 24.05.2008 (Lvóv - Ucrânia) – Papa Bento XVI

Celebrante: Card. Tarcisio Bertoni

Margarida Rutan (1736 – 1794) FC

Mártir - Guilhotinada em Dax durante a Revolução Francesa.

Beatificação – 19.06.2011 (Dax – França) – Papa Bento XVI

Celebrante: Card. Ângelo Amato

Enrica (Enrichetta) Alfieri (1891-1951) – Irmã da Caridade

Beatificação – 26.06.2011 (Milão) – Papa Bento XVI

Celebrante: Card. Ângelo Amato

3.- Veneráveis

P. Jean Léon Le Prevost (1803 – 1874)

Fundador da Congregação dos Religiosos de S. Vicente de Paulo.

P. Salvatore Micalizzi (1856 – 1937) CM

D. Janez Francisek Gnidovec (1873-1939), CM

Bispo em Skoje (ex-Iugoslavia)

D. Antonio Ferreira Viçoso (1787 (Portugal) – 1875 (Brasil) CM

II. A canonização de São Vicente de Paulo

Os primeiros passos para a canonização de S. Vicente foram dados pelo P. René Almérás que reuniu seus escritos (conferências e

correspondência) e editou em 1664 sua primeira biografia escrita por Louis Abelly.

Seu sucessor, P. Edmond Jolly, não se preocupou muito em preparar uma investigação sobre o Fundador. Foi a Assembleia Geral de 1697 que pediu ao Superior Geral P. Nicolás Pierron para prosseguir o processo de beatificação e posterior canonização de S. Vicente.

Era preciso agir com rapidez, pois, depois de 37 anos da morte de S. Vicente, o número de pessoas que o conhecera estava diminuindo. Durante o governo do P. Jean Watel foi aberto o processo diocesano. O postulador era o P. Cés da CM. A primeira sessão aconteceu no dia 05 de janeiro de 1705 na presença do arcebispo de Paris. Durante esse processo foram ouvidas 299 pessoas (40 padres da CM, 49 FC, 16 religiosas da Visitação, 1 Dama da Caridade, 4 médicos, 13 lavradores, 1 jovem que foi educado no orfanato para crianças abandonadas, e muitas outras pessoas).

Ao mesmo tempo foi aberto o processo de «non cultu» para demonstrar que as honras prestadas ao Servo de Deus Vicente de Paulo, estavam dentro dos limites autorizados pela Igreja para os que ainda não eram Beatos. Depois de toda investigação o arcebispo de Paris declarou que não havia nenhuma infração das normas canônicas referentes ao culto dos santos.

Para iniciar a causa na Cúria Romana eram necessárias as chamadas «cartas postulatórias». A beatificação de um Servo de Deus deve responder ao desejo coletivo. Em 1710 foi publicada a coleção oficial com 72 cartas assinadas pelos reis da França e Inglaterra, vários duques, Assembleia do Clero da França, o Cabido Metropolitano, 33 bispos da França, 6 da Itália, 5 da Polônia, 2 da Espanha e 1 da Irlanda, vários superiores gerais...

Coube ao P. Jean Couty o trabalho de acompanhar o processo na Cúria Romana. O processo continha mais de 4.000 páginas.

Na Comissão dos Cardeais responsáveis pela causa, o Cardeal Próspero Lambertini, futuro papa Bento XIII, foi indicado como o Promotor da Fé (advogado do diabo). E ele apresentou algumas objeções à beatificação de S. Vicente: a prática da alquimia que era considerada diabólica; a amizade entre S. Vicente e o abade de Saint Cyran que era jansenista; a questão contra os beneditinos de Saint-Méen; o abandono das paróquias de Clichy e Chatillon; a ordenação de subdiácono e de diácono no mesmo ano sem as devidas dispensas; a alegação de que S. Vicente não acreditava na infalibilidade do Papa e que não recebera os últimos sacramentos no momento da morte.

O postulador, P. Couty rebateu cada uma das críticas e procurou sanar todas as dúvidas. Porém uma série de fatores fez com que o processo fosse deixado de lado por dez anos: a questão do jansenismo na França, a morte do Papa Clemente XI e logo depois de Inocêncio XIII; o novo Papa, Bento XIII priorizou as causas de canonizações.

Finalmente em 1727 foi reconhecida a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Vicente de Paulo. Eram necessários, agora, os milagres. Foram apresentado oito milagres; todos eram curas instantâneas. Desses foram escolhidas quatro curas:

- Cláudio José Compoin, de dez anos – cegueira
- Maria Ana Lhulier, de oito anos – mutismo e paralisia infantil
- Alexandre Felipe Le Grand, de 7 anos – paralisia
- Ir Maturina Guérin FC – úlcera cancerosa na perna.

Depois de 24 anos de investigação e discussão Vicente de Paulo foi declarado Beato no dia 13 de agosto de 1729. A cerimônia de beatificação

aconteceu na Basílica de S. Pedro – Vaticano, no dia 21 de agosto de 1729 com a presença do Papa Bento XIII.

Para a canonização foram apresentadas novas «cartas postulatorias» e uma série de sete milagres. A Sagrada Congregação dos Ritos examinou cada um deles e rejeitou cinco milagres. O Papa Clemente XII reconheceu dois milagres:

- Ir Maria Tereza de São Basílio, beneditina de Montmirail – hidropisia e hemiplegia
- Catarina Jean – paralisia

S. Vicente foi canonizado no dia 16 de junho de 1737, festa da Santíssima Trindade. A cerimônia ocorreu na Basílica de S. João de Latrão sob a presidência do Papa Clemente XII.

Para diminuir os enormes gastos, ele foi canonizado junto com outros santos:

- S. François Regis, SJ – morto em 1640
- S. Juliana Falconieri – morta em 1341
- S. Catarina de Gênova – morta em 1510.

O Parlamento da França se sentiu menosprezado pelo teor da Bula de Canonização de S. Vicente escrita pelo Papa Clemente XII. Não contestaram a santidade de S. Vicente, mas o teor da Bula. Por isso proibiram sua impressão, venda e leitura. Porém o rei e seu conselho anularam o veto do parlamento.

Também muitos jansenistas se sentiram ofendidos, pois Clemente XII aproveitou a ocasião para atacá-los.

(As notas acima foram tiradas de: Coste P. El Gran Santo del Gran Siclo: El Señor Vicente. Salamanca. CEME, 1992).

III. A santidade na Congregação da Missão.

Século XVII

Irlanda

A vitória de Cromwell em 1651 deu início a uma grande repressão na Irlanda. Muitos católicos que possuíam bens foram desterrados e os sacerdotes católicos foram considerados réus de traição. Muitos foram mandados para o exílio outros foram executados, até que em 1654 o governo suprimiu as execuções e se limitou a encarcerar os sacerdotes.² Nesse contexto se situa a morte de **Thaddeus Lee (Thady Lee ou Lye)**, seminarista da Congregação da Missão.

Thaddeus Lee nasceu no condado de Limerick em 1623 e entrou na CM em 1643. Fez seus votos em outubro de 1645 em Paris. Regressou para a Irlanda em 1646 com outros seis missionários. O P. Collet³ narra brevemente sua morte:

«Um irmão (clérigo) que os servia (Thady Lye) foi menos afortunado, ou talvez tivesse maior fortuna. Descoberto pelos hereges, ele foi massacrado diante de sua própria mãe. Depois de lhe cortarem os pés e as mãos, massacraram sua cabeça. Um tratamento desumano e bárbaro para mostrar aos sacerdotes o que poderiam sofrer se fossem descobertos».

Podemos dizer que Thaddeus Lee foi o primeiro mártir da Congregação da Missão.

Madagascar

S. Vicente enviou muitos missionários para Madagascar. Muitos morreram durante a viagem, outros morreram logo depois de chegar ao país.⁴ Entre os poucos que evangelizaram a ilha estão o P. Nicolas Étienne e o Irmão Philippe Patte e depois deles os Irmãos Pierre Pilliers e Guillaume Galot.

Nicolas Étienne nasceu em Paris em 1634. Ingressou na CM em 1653 onde fez seus votos em 1655. Por ter uma deformidade na mão esquerda, não foi considerado apto para o sacerdócio. Porém, para enviá-lo a Madagascar, São Vicente obteve da Santa Sé a dispensa dessa irregularidade. Então, Étienne recebeu as Ordens Menores no espaço de três dias (24 25 e 26 de agosto de 1659). Tinha 25 anos quando participou da sexta e última expedição missionária organizada por S. Vicente e a mais acidentada.

Acompanhado pelo Irmão Philippe Patte, Nicolas Etienne partiu em janeiro de 1660. O navio em que viajava naufragou entre Nantes e La Rochelle (França). São Vicente recebeu notícias do naufrágio e pensou que ambos estavam mortos. Mas eles conseguiram continuar a viagem com outros missionários e depois de cinco meses chegaram à cidade do Cabo onde o navio naufragou. Depois de passar um ano na cidade do Cabo, voltaram para a França sem poder chegar a Madagascar. Chegaram a Paris em julho de 1661, quase um ano depois da morte de S. Vicente.

Em 1663, no governo do P. René Almerás, o P. Nicolas Etienne e o Irmão Patte viajaram outra vez para Madagascar. O P. Nicolas Etienne morreu, aos 27 de fevereiro de 1664, envenenado pelos soldados de Dian-Manangue, um chefe local a quem fora visitar por ter pedido o batismo.⁵

Philippe Patte nasceu em 1620 e entrou na CM em 1656. Fez seus votos em 1658. Também foi envenenado em Madagascar aos 4 de março de 1664, onde tinha ido pela segunda vez com o P. Etienne.

Os Irmãos **Pierre Piliers** e **Guillaume (Guilherme) Galot** foram assassinados em 1674.

Argélia⁶

O P. Julián Guérin, acompanhado do Irmão François Francillon, desembarcou em 1654 no norte da África como capelão do cônsul francês. P. Guérin morreu contagiado pela peste que pegou entre os escravos cristãos em Tunis. Além de capelão dos escravos cristãos ele exerceu interinamente o cargo de cônsul francês.

Jean Le Vacher

Nasceu na França em 1619 e entrou na CM em 1643 junto com seu irmão Philippe. Foi ordenado em 1647 e logo depois foi para Tunis. Um ano depois de sua chegada morreu o P. Guérin.

Jean com apenas 29 anos de idade se tornou diretor da missão e cônsul francês. Dois anos depois foi nomeado Vigário Apostólico. Foi um missionário zeloso e trabalhou, sobretudo com os escravos cristãos.

Em 1683 a Marinha francesa bombardeou a cidade de Argel. Em represália Jean foi preso, atado à boca de um canhão que foi disparado. Jean Le Vacher morreu no dia 28 de junho de 1683 depois de 36 anos de trabalhos na Tunísia e Argélia.

Iniciado em 1923 seu processo de beatificação foi interrompido por causa da dúvida sobre os verdadeiros motivos de sua morte: Jean Le Vacher foi morto por causa de sua fé ou por motivos políticos, visto que ele era cônsul da França?

Para a CM Jean Le Vacher é um mártir, pois segundo relato de testemunhas oculares, ele morreu professando sua fé.

Michel Montmasson

Michel Montmasson nasceu aos 16 de janeiro de 1640. Foi ordenado sacerdote aos 29 de março de 1664, e em maio do ano seguinte entrou na CM em Annecy.

Neste período, a Companhia das Índias Orientais procurava se estabelecer em Madagascar e pediu ao Superior Geral da CM seis missionários. Depois de ter sofrido várias tempestades, afundando e naufragado, o Padre Montmasson chegou com um único companheiro aos 25 de agosto de 1665.

A companhia das Índias, desanimada por enormes sacrifícios financeiros, abandonou os missionários aos seus próprios recursos. Vendo que seu ministério era inútil e passando por todos os tipos de assédio e maus-tratos por parte dos malgaxes, eles embarcaram de volta com a maioria dos franceses, em 5 de março 1674. Chegaram em Paris, em 27 de julho de 1675.

O P. Michel Montmasson foi nomeado capelão de Hospital dos Invalides. Cinco anos mais tarde, ele foi enviado para Versalhes. Em 1683 depois da morte de P. Jean Le Vacher o P. Montmasson foi enviado à Argélia para substituí-lo. Em 1685, ele foi nomeado Vigário Apostólico de Argel e Tunis.

Algum tempo mais tarde, a Marinha francesa retomou a caça desenfreada contra corsários argelinos. Em retaliação, o Paxá de Argel prendeu 374 franceses, incluindo o cônsul da França e os enviou quebrar pedras na montanha. Luís XIV resolveu enviar sua frota para Argel.

O bombardeio começou a 1 de julho de 1688. O Paxá respondeu, colocando três franceses na boca de canhões. No dia 3 de julho, houve novo bombardeio; o cônsul foi espancado até a morte e quatro franceses foram mortos na boca de canhões. Aos 5 de julho, o P. Michel Montmasson foi torturado e mutilado com crueldade e finalmente amarrado na boca de um canhão. Ele sofreu martírio sem dizer uma única palavra.

Século XVIII

França

A grande maioria dos nossos santos e beatos no século XVIII são mártires, da Revolução Francesa.

No dia 13 de julho de 1789 o Priorado de São Lázaro, Casa Mãe da CM, foi invadido e pilhado por um bando de revoltosos. Não houve vítimas, apenas danos materiais. No dia seguinte, 14 de julho, aconteceu a tomada da Bastilha dando início à revolução que se estendeu por todo o país.

No dia 12 de julho de 1790 a Assembléia Constituinte votou e aprovou a Constituição Civil do Clero da França. A Assembléia exigiu de todos os padres e clérigos o juramento dessa Constituição. Uma parte do clero aceitou a Constituição, porém a maioria dos padres, entre eles os da CM, não prestou o juramento. Assim, o clero se dividiu entre padres juramentados e padres refratários ou não juramentados. Os padres não juramentados foram proibidos de exercer o ministério sacerdotal. A CM foi obrigada a deixar suas paróquias e seminários.

No dia 26 de agosto de 1792 foi votada uma lei que desterrava os sacerdotes que não prestaram juramento à Constituição Civil do Clero. Os bispos, padres, seminaristas, religiosos e religiosas foram presos.

A situação piorou quando, no início de setembro do mesmo ano, um exército de 80 mil austríacos e prussianos invadiu a França. Quando

todos se preparavam para expulsar os inimigos, Marat, um dos líderes da revolução propôs: «Eliminemos primeiros os inimigos de dentro, e quando estivermos em segurança, iremos ao encontro de nossos inimigos de fora».

E no dia 02 de setembro começaram as matanças de bispos, padres, religiosos, religiosas e seminaristas. Os primeiros a serem massacrados foram aqueles que estavam presos no antigo Mosteiro dos carmelitas (hoje Instituto Católico de Paris).

No dia 03 de setembro foram mortos os que estavam presos no Seminário São Firmino (antigo Colégio de Bons-Enfants). Entre eles foram mortos os Padres da Missão: **Louis-Joseph François, Jean-Henri Gruyer, Jean-Charles Caron e Nicolás Colin**. No mesmo dia o P. **Paul Galoy** foi morto nos estábulos dos cavalos da rainha, em Versalhes.

Louis-Joseph François (1751-1792)

Entrou na CM em 1766 e fez seus votos em 1769. Em 1781 foi nomeado reitor do Seminário Maior de Troyes. Foi também secretário geral da CM. Em 1788 o Superior Geral P. Cayla de la Garde nomeou-o superior do Seminário São Firmino. Como a maioria dos membros da CM, ele não prestou juramento à Constituição Civil do Clero. Ele escreveu um texto intitulado «Minha Apologia» onde expunha as razões para não aceitar a Constituição Civil do clero. O texto influenciou a decisão de muitos padres.

No dia 13 de agosto de 1792 o governo prendeu no Seminário São Firmino muitos sacerdotes e religiosos. No dia 03 de setembro os revolucionários invadiram o Seminário às cinco horas da manhã. O P. Luis-José e outros sacerdotes foram jogados pelas janelas e massacrados a golpes de bastões.

Louis-Joseph François foi beatificado por Pio XI com outros mártires da Revolução Francesa aos 17 de outubro de 1926.

Jean-Henri Gruyer (1734-1792)

Entrou na CM em 1771 e fez seus votos em 1773. Era vigário da paróquia São Luis de Versalhes. Como não prestou juramento à Constituição Civil do Clero, foi obrigado a deixar seu ministério. Com um certificado de boa conduta, viajou por todo o país. Estava visitando os coirmãos quando o Seminário São Firmino foi transformado em prisão.

Ele estava entre aqueles que foram mortos no dia 03 de setembro de 1792.

Jean-Henri Gruyer foi beatificado junto com Louis-Joseph François em 1926.

Jean-Charles Caron (1730-1792)

Jean-Charles Caron entrou na CM em 1747 e em 1770 era o pároco de Genevrières, diocese de Langres. Algumas fontes dizem que ele deixou a CM. Porém, ele sempre assinou seu nome como «Padre da Missão». Deixando sua diocese ele juntou-se aos outros padres do Seminário São Firmino.

Nicolás Colin (1730-1792)

Nicolás Colin tem uma história muito parecida. Era um exímio pregador e foi convidado pelo bispo de sua diocese (Meaux) a assumir a paróquia de Collégien. Ele também estava preso no Seminário São Firmino e foi morto com os outros.

Jean Charles Caron e Nicolás Colin foram beatificados em 1926 junto com Louis-Joseph François e Jean-Henri Gruyer. Mas por causa das dúvidas sobre sua pertença

à CM não foram incluídos entre os Bem-aventurados da CM. Em 2005 a Santa Sé permitiu a inclusão de seus nomes no calendário de santos e bem-aventurados da CM.

Paul Galoy (1727-1792)

Em 1776 foi nomeado superior de Montmirail e em 1790 destinado para a paróquia Nossa Senhora de Versalhes. Por ser um padre não juramentado, foi preso nos estábulos dos cavalos da rainha, transformados em prisão provisória. Quando chegou a Versalhes a notícia das matanças em Paris, a multidão massacrou um grupo de prisioneiros vindos de Órleans e depois foram aos estábulos e mataram a todos que ali se encontravam entre eles o P. Galoy.

Durante a Revolução, a Assembleia Constituinte foi convertida em Assembleia Legislativa (1791), que por sua vez foi sucedida pela Convenção (21/09/1792-26/10/1795). Foi a Convenção que julgou e condenou à morte o rei Luís XVI em janeiro de 1793.

Muitos Padres da Missão e Filhas da Caridade foram mortos nesse período:

Em 1795 a Convenção foi substituída pelo Diretório, isto é, um grupo de cinco pessoas que passou a governar a França. Mesmo tendo substituído a guilhotina pelo exílio, as mortes continuaram acontecendo. Durante esse período (1795-1799) foram mortos os seguintes Padres da Missão:

Pierre-René Rogue (1758-1796)

Nasceu em Vannes em 1758. Foi ordenado sacerdote na Diocese de Vannes em 1782 e entrou na CM em 1786. Foi preso em dezembro de 1795 enquanto levava a comunhão a um doente. Foi julgado na presença

de sua mãe aos 2 de março e executado em Vannes no dia 3 de março de 1799.

Foi beatificado aos 10 de maio de 1934.

Século XIX

China

O primeiro Padre da Missão a chegar à China foi o P. Ludovico Antonio Appiani (1663-1732) italiano, enviado pela Santa Sé com um grupo de 32 religiosos. Sua missão era ajudar na formação de sacerdotes nativos da China. Ele viajou com Johannes Müllener (1673-1742), um sacerdote alemão, que depois ingressou na Congregação, fez seus votos, tornou-se bispo, mas que nunca fez o noviciado nem viveu em nenhuma casa da CM. Eles chegaram à China em 1699. Esses dois missionários pioneiros sofreram muito nas mãos dos chineses e nas mãos dos europeus ciumentos, inclusive dos Jesuítas. Dos trinta e três anos vividos na China, o P. Appiani passou quase vinte anos na prisão, em diversos períodos. Ele morreu em Macau, 29 de agosto de 1732.

O terceiro coirmão a chegar foi outro italiano P. Teodorico Pedrini, (1671-1746) escolhido para a missão devido ao seu talento musical. As habilidades do P. Pedrini se tornaram lendárias, como sua proposta de viajar à China via México, Guatemala, Peru, Filipinas e Macau. O P. Teodorico Pedrini chegou a Pequim em 1711. Passou vários períodos na prisão e sofreu punições graves causadas entre outras coisas pela controvérsia sobre os ritos chineses. Mas também frequentou os mais altos círculos da Corte Imperial. Algumas das músicas que escreveu para a Corte Imperial Chinesa foram publicadas e gravadas na França. Ele morreu aos 10 de dezembro de 1746 com setenta e sete anos de idade, tendo trabalhado trinta e sete anos na China.

Após a supressão da Companhia de Jesus em 1773, a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé procurou Comunidades religiosas para assumir o trabalho nas missões. Demorou dez anos, mas finalmente em 1784 a Congregação da Missão aceitou a missão. A Congregação para a Propagação da Fé deu parecer favorável para a CM assumir as obras e imóveis dos jesuítas. O Superior Geral, em seguida, enviou para a China dois sacerdotes, Jean-Joseph Ghislain (1751-1812) e Nicolás-Joseph Raux (1754-1801) e um irmão noviço. Após a chegada do grupo em 1785, começou uma perseguição. O imperador Kia-Kin (1796-1821) publicou vários decretos proibindo o cristianismo. Muitos sacerdotes, seminaristas, catequistas e leigos foram martirizados. Entre eles o P. François Regis Clet.

São François Regis Clet

Nasceu a 19 de agosto de 1748 em Grenoble. Entrou na Congregação em Lyon em 1769. Após sua ordenação, passou quinze anos ensinando teologia moral no seminário de Annecy. Foi transferido para Paris como Diretor do Seminário Interno em 1788, mas pouco depois, estourou a Revolução Francesa. O P. Clet tinha se apresentado como voluntário para ir à China, mas seu pedido fora rejeitado. Em 1791 a situação piorou na França e Clet foi escolhido para ir com dois estudantes para a China. Como os outros missionários, ele também desembarcou em Macau. Tinha quarenta e quatro anos de idade. Ele decidiu aprender o chinês, mas nunca foi muito bem-sucedido.

Nessa época os sacerdotes não tinham autorização para pregar publicamente, embora pudessem permanecer no país. Porém, Clet infligiu a ordem celebrando exéquias e outros atos litúrgicos. Seus vizinhos cristãos e pagãos sabiam que ele era um sacerdote católico. Por vinte e seis anos, Padre Clet continuou este trabalho precário sobre uma vasta área, normalmente viajando de barco ou a pé.

Com setenta anos, foi perseguido por causa de uma mentira. Um pagão que ateara fogo em sua própria casa, disse que o P. François Clet tinha incentivado outros a fazê-lo. Ele foi obrigado fugir e esconder-se, mas foi traído por um cristão a quem ele tinha repreendido por causa de sua vida escandalosa. O P. Francisco Clet foi preso aos 6 de junho de 1819, juntamente com o P. Francisco Chen (1780-1825), um coirmão chinês. Durante o interrogatório ele temia que suas respostas fossem causa para a detenção de outro coirmão, P. Lamiot (1767-1831) que se encontrava em Pequim. Na verdade, não foi este o caso, mas isso o preocupava. P. Clet foi transferido para Wuchangfu, um centro regional distante 20 dias de viagem. Ele sofreu muito durante a viagem, passando por 27 prisões. O P. Lamiot, que há 25 anos não tinha visto o seu antigo superior, foi trazido para o mesmo lugar e os três coirmãos foram julgados juntos. P. Lamiot foi absolvido, mas enviado a Macau. P. Chen foi condenado ao exílio no Turquestão, onde foi morto pelos muçulmanos. P. Clet, por ter vivido e pregado ilegalmente na China, foi condenado à morte. Em 18 de Fevereiro de 1820, foi amarrado a um tronco em forma de cruz e estrangulado.

Em 1868 seus despojos foram transferidos para a capela da Casa Mãe em Paris, onde repousam.

O Papa Leão XIII beatificou-o aos 27 de maio de 1900, juntamente com outro missionário da China, que não pertencia à CM, Monsenhor Gabriel Taurin Dufresse, martirizado aos 14 de dezembro de 1815.

François Régis Clet foi canonizado pelo Papa João Paulo II no dia 01 de outubro de 2000.

Nesse mesmo período, novos candidatos foram escolhidos para se juntar aos outros missionários em Macau, onde estava localizada a sede da CM na China. Entre eles estava Jean-Louis Perboyre (1807-1831) que, infelizmente, faleceu durante a viagem e seu corpo foi jogado no mar aos 2 de maio de 1831. No entanto, outros oito Padres da Missão

entraram na China no período de 1832-1835, incluindo seu irmão, Jean-Gabriel Perboyre.

São João-Gabriel Perboyre

Nasceu em 1802. Sua vocação foi influenciada por seu tio Jacques que era professor do seminário de Cahors. João Gabriel foi o primeiro noviço na França depois da Revolução Francesa, se bem que em 1818 ainda não existia noviciado na França. Após o Seminário Interno, foi enviado para continuar seus estudos com seu tio em Cahors. No final de seus estudos, lecionou em Montdidier (1823-1826) em um pequeno internato. Após sua ordenação em Paris aos 23 de setembro de 1826, por D. Louis William Dubourg, bispo emérito de Louisiana, lecionou no seminário de Saint Flour. É provavelmente deste período a famosa oração de Perboyre: «O meu Salvador Divino, transforme-me em ti mesmo».

Foi nomeado diretor adjunto do Seminário Interno na Casa Mãe em Paris, mas alimentava o desejo de ir para as missões na China, sobretudo após a trágica morte de seu irmão. Em 29 de Agosto de 1835, durante o generalato do P. Dominique Salhorgne, ele desembarcou na China, perto de Macau com dois outros coirmãos, Joseph Gabet e Joseph Perry.

Após os estudos da língua chinesa, exerceu seu ministério por um pouco mais de três anos entre os católicos na mesma área onde atuara o P. François Régis Clet, até que foi traído por um de seus próprios estudantes. Foi preso, brutalmente interrogado, torturado e condenado à morte. Foi acusado de ter entrado na China ilegalmente para pregar «uma religião falsa» e «para enganar e seduzir as pessoas». Teve de esperar na prisão, suportando muitos sofrimentos, até chegar a ordem para sua execução. Ele foi amarrado a um tronco em forma de uma cruz, como o P. François Régis Clet, e sufocado aos 11 de Setembro de 1840. Dois outros criminosos comuns foram decapitados no mesmo dia. Isto aconteceu

em Wuchangfu onde o P. Clet tinha sido martirizado, e seus restos foram enterrados perto dos de seu coirmão.

Foi beatificado aos 10 de novembro de 1889, o primeiro de muitos Mártires chineses a receber esse prêmio. Foi canonizado a 2 de junho de 1996. É «O primeiro Santo da China.»

Em 1839 começou a guerra entre a China e a Inglaterra, conhecida como Guerra do ópio (1839-1842). O objetivo era forçar a China a aceitar o livre comércio. Com a vitória da Inglaterra, a China foi obrigada a assinar vários Tratados (Tratados Desiguais) liberando seus portos para o comércio com o Ocidente, concedendo a ilha de Hong Kong aos ingleses pelo período de cem anos e permitindo a liberdade religiosa. As obrigações desse tratado foram criando aos poucos um sentimento de xenofobia.

As Filhas da Caridade tinham estabelecido um orfanato em Tientsin, um importante porto marítimo e centro industrial.

Espalhou-se o boato de que as maravilhas que as Irmãs realizavam curando as pessoas das aldeias eram devido aos olhos e corações que elas retiravam dos bebês. Por causa dessa mentira surgiu uma agitação e em 21 de junho de 1870, começou uma revolta geral, provavelmente orquestrada contra todos os europeus.

Como consequência dois sacerdotes vicentinos, **Ou Vincent** [1821-1870] e **Claude-Marie Chevrier** [1821-1870], dez Filhas da Caridade e várias outras pessoas foram massacrados.

Teria sido um martírio? Parece que o massacre de Tientsin era mais racial e político que religioso, embora seja difícil separá-los. A Santa Sé, de qualquer modo, respondeu que o caso de martírio em «odium fidei» não foi comprovado, e, portanto, a causa de Beatificação foi interrompida.

Abissínia

São Justino de Jacobis (1800-1860) e Bem-aventurado Ghébré-Michael (1790? – 1855)⁷

Falamos de Justino de Jacobis e de Ghébré-Michael ao mesmo tempo porque suas histórias se entrelaçam.

Justino de Jacobis nasceu em San Fele (Basilicata) no Reino de Nápoles no dia 10 de outubro de 1800. Era o sétimo filho de Giovanni Batista de Jacobis e Guiseppina Muccia.

Aos dezoito anos entrou na CM e foi ordenado em 1824. Foi enviado para Oria, no Sul da Itália, para pregar missões e retiros. Cinco anos mais tarde foi para Monopoli e após outros cinco anos foi transferido para Lecce.

Dois anos mais tarde foi nomeado diretor do Seminário em Nápoles. No final de 1836 e em 1837 houve uma epidemia de cólera na cidade e, como outros sacerdotes, Justino envolveu-se profundamente no atendimento aos doentes e moribundos.

Dois anos depois foi nomeado superior da Casa Provincial em Nápoles.

O Rei Fernando II de Nápoles ouviu falar de reputação de Justino como um pregador de missões e retiros e do seu ministério durante a epidemia de cólera. Sabendo que Justino também era um homem de grande santidade pessoal, pensou que ele seria um bom bispo. Porém Justino estava disposto a partir para um país de missão, e pediu ao Superior Geral da CM, P. Jean-Baptista Nozo para ser enviado para a Argélia.

Em 1838, Justino soube que a Santa Sé iniciaria uma missão católica na Etiópia. Ofereceu-se para a missão, mas deixou claro que queria ser enviado pela CM e não pela Congregação de Propagação da Fé. O Superior Geral da CM não estava muito entusiasmado com a ideia. Uma das razões era que outro vicentino italiano, Giuseppe Sapeto, deixara sem autorização, sua missão na Síria e fora para a Etiópia começando um trabalho missionário, sem qualquer autorização eclesiástica oficial da Santa Sé ou da CM. Para o P. Nozo o envio de outro vicentino italiano à Etiópia, seria uma forma de concordar com a conduta irregular de Sapeto. Mas havia também uma segunda razão para falta de entusiasmo de Nozo: Justino não era francês. E Paris preferia que um novo território de missão como a Etiópia estivesse sob o controle dos missionários franceses.

A Santa Sé nomeou Justino Prefeito Apostólico da Abissínia e todos os territórios vizinhos. Ele partiu para a Etiópia em maio de 1839, acompanhado de outro coirmão italiano, P. Luigi Montuori.

Chegando à Abissínia, entraram em contato com Giuseppe Sapeto. Sapeto já era aceito pelos habitantes da região onde tinha se estabelecido, mesmo sabendo que ele era um padre católico. Em teoria, padres católicos eram susceptíveis de execução imediata se descobertos. Por esta razão Justino, Sapeto e Montuori decidiram adotar o estilo etíope de vestir-se, adaptar-se à comida e aprender as três línguas: Amárico, o idioma nacional, tigrina, a língua local da área onde eles estavam e Ghe'ez, a linguagem litúrgica. Justino visitava os doentes e quando as pessoas, leigos e clero, vinham à sua casa por sua própria iniciativa, tratava de questões religiosas com eles. E começou a ensinar o catecismo para as crianças.

Uma das grandes esperanças de Justino era converter para a Igreja Católica alguns membros do clero etíope. O primeiro a se converter foi um diácono. Em seguida, gradualmente outros seguiram seu exemplo,

bem como um jovem que queria preparar-se para o sacerdócio católico. Justino insistia para que todo o clero convertido, e os que se preparavam para o sacerdócio católico permanecessem no Rito Coptico Etíope; eles não deveriam ser latinizados.

Porém, seu grande problema era onde encontrar um bispo para ordenar aqueles que ele formava. A solução apareceu providencialmente quando um bispo italiano capuchinho, Guilherme Massaia, passou pela Etiópia. A Congregação para a Propagação da fé pediu-lhe para ordenar os candidatos que Justino tinha preparado. Porém D. Massaia percebeu que esta era uma solução temporária, uma vez que em pouco tempo Justino teria mais estudantes para serem ordenados. Então sugeriu à Santa Sé que nomeasse Justino Bispo para a região. Justino hesitou em aceitar, mas Massaia superou sua relutância. Justino foi ordenado bispo em segredo em Massawa em janeiro de 1849.

Nos anos seguintes até sua morte em 1860, a vida de Justino foi marcada por muitos problemas, perseguição e até mesmo prisão, por causa da oposição do bispo ortodoxo copta da região. Com exceção de um jovem coirmão, Carlo Delmonte, os outros vicentinos discordavam de seus métodos missionários, especialmente em relação ao clero indígena.

Nessa época havia na Etiópia apenas um bispo ortodoxo copta, nomeado pelo Patriarca Copta de Alexandria. O cargo estava vago desde 1840-41 e estava sendo formada uma delegação para ir a Alexandria solicitar ao Patriarca um novo bispo. Justino foi convidado a fazer parte da delegação. Ele aceitou e propôs que depois de Alexandria a delegação visitasse Roma.

Em Alexandria lhes foi dado como novo bispo alguém totalmente despreparado, que tinha sido educado pelos protestantes. O novo bispo iria trazer para Justino e para os católicos muitos problemas e seria o responsável pela morte de Ghébré-Michael.

Depois de Alexandria, o grupo passou por Roma e, em seguida por Jerusalém em seu caminho de volta para a Etiópia.

Foi nesta viagem que Ghébré-Michael conheceu Justino. Sua reação inicial foi a de um típico ortodoxo, ou seja, de suspeita e desconfiança, simplesmente por se tratar de um padre católico. No entanto, com a convivência durante a viagem ele começou a admirar Justino por sua santidade, sua oração e sua forma de lidar com pessoas e situações.

Ghébré-Michael nasceu por volta de 1790. Quando jovem perdeu um olho em um acidente. Recebeu alguma educação e, em seguida, entrou em um mosteiro, onde se mostrou um aluno dotado. Como a maioria dos monges etíopes ele não se preparou para o sacerdócio. Seu grande interesse era a história do monaquismo na Etiópia.

Percebeu com a própria experiência, que tinha havido uma grande mudança nas normas dos mosteiros etíopes e ele queria investigar as razões. Com autorização de seus superiores ele começou a viajar pelo país visitando vários mosteiros, estudando suas práticas e pesquisando em suas bibliotecas. Em cada mosteiro que visitava, ele formava um pequeno grupo de monges que compartilhavam seu ponto de vista, os instruía, e na sua partida deixava um núcleo de reforma monástica. Percebeu que o problema real por trás da deterioração das normas monásticas era a má formação teológica dos monges.

Então decidiu ir à Jerusalém para continuar a sua investigação. Ao saber que a delegação que iria à Alexandria pretendia visitar Jerusalém, Ghébré-Michael decidiu acompanhá-la.

Ao retornar da viagem seu grande desejo era converter o novo bispo ortodoxo copta à sua maneira de pensar sobre a verdade teológica e assim levar todo o país de volta à verdade. Porém o novo bispo não compartilhava suas ideias e tinha outro projeto político pessoal. O bispo

viu que este monge seria um adversário perigoso para seus planos, e seus seguidores tentaram envenenar Ghébré-Michael. O plano falhou porque o monge sabia que isso seria possível e sempre tinha consigo um antídoto contra o veneno.

Foi então que ele decidiu procurar Justino. O encontro aconteceu depois de mais de um ano do retorno da delegação. Ghébré-Michael manifestou a Justino a decisão de se tornar católico. Neste momento, em setembro de 1843, trinta e sete etíopes tinham sido recebidos na Igreja Católica, e outros dez se preparavam. Depois de muitos encontros em fevereiro de 1844 Justino recebeu Ghébré-Michael na Igreja Católica.

Em 1844, cinco anos depois de sua chegada, Justino decidiu fixar residência em Guala e enviou Ghébré-Michael para avaliar a possibilidade de construir uma sede católica. Em dezembro de 1844 Justino adquiriu alguns terrenos e construiu sua residência.

Nos anos seguintes, o bispo ortodoxo moveu algumas perseguições contra os católicos e em uma delas Ghébré-Michael foi preso por alguns meses.

Ghébré-Michael foi ordenado sacerdote católico por Justino em 1 de janeiro de 1851 depois de seis anos de sua admissão na Igreja Católica.

Em julho do mesmo ano Justino, Ghébré-Michael e quatro outros convertidos foram presos. A finalidade da prisão e tortura era convencer os convertidos a renunciar ao catolicismo. O bispo ortodoxo estava particularmente ansioso para se livrar de Justino, e enviou-o para o exílio. Na última etapa da viagem para a costa do Mar Vermelho houve uma mudança dos soldados da escolta de Justino. Os novos guardas eram muçulmanos e foram capazes de ler a carta escrita em árabe onde o bispo pedia para que Justino fosse morto. Ao contrário, Justino foi libertado, retornou à sua região e retomou contato por carta com os

outros presos. No final de 1854 o Bispo fez outra tentativa de obter, sob tortura, a apostasia dos prisioneiros, mas não teve sucesso.

Um novo imperador da Etiópia foi coroado em fevereiro de 1855, e parte de sua política era a uniformidade religiosa de todo o país. Ele também torturou Ghébré-Michael na tentativa de levá-lo à apostasia, mas sem sucesso. Então o manteve preso e levava-o onde quer que fosse. Como resultado desse tratamento duro Ghébré-Michael morreu em 28 de agosto de 1855. Foi enterrado no local de sua morte, debaixo de um cedro, mas o ponto exato nunca foi identificado.

O Papa Pio XI o beatificou como um mártir em 1926⁸.

Justino viveu mais cinco anos após a morte de Ghébré-Michael. Em maio de 1855, foi novamente exilado em Moncullo na costa do Mar Vermelho. Esta cidade era o ponto de paragem de navios comerciais que passavam pela região. Justino construiu uma igreja católica em Moncullo para atender os cristãos que vinham ao porto.

Pouco depois de um ano de exílio, Justino conseguiu voltar à sua região. Sua principal preocupação era seu coirmão e bispo coadjutor Lorenzo Biancheri, que declarara abertamente que após a morte de Justino interromperia a política de constituição de um clero etíope indígena. Por isso Justino pediu a Roma para dividir o território entre ele e Biancheri, para que, pelo menos, em alguma área sua política fosse continuada. Seu pedido não foi aceito por Roma. O único coirmão que concordava com sua prática era um jovem recém-chegado da Itália, P. Carlo Delmonte. Justino designou-o seu Vigário geral. Infelizmente, Delmonte morreu pouco tempo depois de Justino.

Em janeiro de 1860 Justino foi preso e enviado outra vez para Moncullo. Sua saúde foi se deteriorando com o tempo e quando o calor do verão

estava no seu auge na Costa do Mar Vermelho, decidiram levá-lo para uma região mais fria. Ele partiu aos 29 de julho com uma escolta de soldados turcos colhidos pelo cônsul francês. No dia 31 sua condição era tão ruim que tiveram que parar ao lado da estrada. Ali, na estrada para Halai, Justino recebeu a Unção dos enfermos e morreu à tarde. No dia 3 de agosto seu corpo foi sepultado na igreja de Hebo, onde se encontra ainda hoje.

D. Justino de Jacobis foi beatificado pelo Papa Pio XII aos 25 de junho de 1939 e canonizado por Paulo VI aos 26 de outubro de 1975.

Itália

Bem-aventurado Marcantonio Durando (1801-1880)

Nasceu aos 22 de maio de 1801 em Mandoví, na ilustre família dos Durando. Sua mãe era uma mulher piedosa, mas seu pai tinha idéias liberais e tendência agnóstica.

Aos 15 anos manifestou seu desejo de ser missionário na China e ingressou na CM. Aos 18 anos fez seus votos e foi ordenado em julho de 1824.

Passou seus cinco primeiros anos de sacerdócio em Casale Monferrato. Em 1829 foi transferido para Turin onde permaneceu até a morte. Em vez de ir para a China, dedicou-se às missões populares, sobretudo no Piemonte.

Sua preocupação com os pobres levou-o a introduzir as Filhas da Caridade no norte da Itália. Elas chegaram em 1833 para trabalhar nos hospitais militares e civis. O P. Marcantonio foi nomeado seu primeiro diretor. Em 1835 ele enviou as FC para socorrer os feridos na guerra da Criméia.

Em 1837, com apenas 36 anos, foi nomeado Visitador da Província do Norte da Itália, cargo que ocupou por 43 anos ininterruptos até sua morte. Durante esse tempo, além do ofício de Visitador, dedicou-se à pregação de retiros para os sacerdotes da Diocese de Turim. Também foi diretor espiritual das Irmãs de S. José e auxiliou na redação das Regras das Clarissas capuchinhas do mosteiro de S. Clara e das Irmãs Penitentes de Santa Madalena.

Em 1865, junto com Luisa Borgotti, fundou a Companhia da Paixão de Jesus Nazareno, conhecidas como «Nazarenas».

O P. Marcantonio Durando morreu aos 10 de dezembro de 1880, com 79 anos de idade. Foi sepultado no Santuário da Paixão em Turim.

A causa de sua beatificação foi iniciada em 1928 em Turim e ele foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 2002.

P. Giovanni Battista Tornatore (1820 – 1895) CM

Auxiliou a Rosa Maria Benedetta Gattorno Custo (Ana Rosa) na fundação das Filhas de Santa Ana.

Essa congregação tem intenção de iniciar sua Causa de Beatificação.

Espanha

D. Bonaventura Codina Augerolas (1785 – 1857) CM – Bispo de Las Palmas - Canárias Nasceu em Hoatalia (Espanha) em 1785. Entrou na CM em 1809. Foi Visitador da Província da Espanha e diretor das Filhas da Caridade na Espanha.

Em 1848 foi nomeado bispo de Las Palmas – Canárias. Lutou com heroísmo contra as revoluções anticlericais na Espanha. Morreu em 1857 com fama de santidade.

N.B. Em 1995 foi aberto Processo Diocesano. Em 2001 foi entregue à Congregação dos Santos. A Comissão de História já aprovou o Processo.

USA

D. Giuseppe Rosati (1789 – 1843) CM

Nasceu na Itália em 1789. Entrou na CM em 1807. É o fundador da CM nos Estados Unidos, aonde chegou com o P. Felice de Andreis em 1816.

Foi escolhido como bispo auxiliar de D. Du Bourg, um sulpiciano, bispo de Louisiana. Quando D. Du Bourg renunciou, a Santa Sé dividiu a sua diocese em duas partes (1826) e confiou a nova diocese de Saint-Louis a Giuseppe Rosati, com um território imenso de onde surgiram 46 novas dioceses. Ele construiu muitas igrejas, mas, sobretudo, edificou a Igreja Espiritual. Ajudou na consolidação da CM nos Estados Unidos. Foi um grande bispo porque foi um santo bispo.

P. Felice De Andreis (1778 – 1820) CM

Natural de Delmonte (Cuneo) na Itália aonde nasceu em 1778. É um dos fundadores da CM nos USA junto com Giuseppe Rosati. Morreu em Saint Louis (USA) com fama de santidade.

Sua causa foi iniciada em 1918 pela Província de Turim e pela Diocese de Saint Louis (USA). Porém sua causa não foi prosseguida.

Brasil

D. Antônio Ferreira Viçoso (1787 (Portugal) – 1875 (Brasil) CM

Nasceu em 1787 em Portugal. Em 1811 entrou na CM e foi ordenado em 1818. No ano seguinte foi para o Brasil com outro coirmão. São os iniciadores da futura Província Brasileira da CM (Província do Rio de

Janeiro). Entre 1820 a 1843 trabalhou em vários seminários e nas missões populares.

Em 1843 foi nomeado bispo de Mariana (Brasil). Morreu em 1875 com fama de santidade.

Sua causa foi apresentada pela Diocese de Mariana e pela Província de Portugal. A Positio foi concluída em 1997 e apresentada à Congregação dos Santos em 2002 e aprovada pela Comissão de História no mesmo ano. Em 2014 a Igreja autorizou a promulgação do Decreto sobre suas virtudes heroicas. Portanto, é considerado venerável. Se aguarda a aprovação de um milagre apresentado em 2010 para a sua beatificação

Século XX

China

Revolta dos Boxers

Entre 1899 e 1900 aconteceu na China a Revolta dos «Punhos Harmoniosos e justiceiros», mais conhecida como Revolta dos Boxers. Com o apoio da imperatriz CiXi, os revoltosos queriam libertar a China da opressão das nações estrangeiras. Perseguiaram os cristãos, considerados ocidentais e massacraram muitos sacerdotes e leigos cristãos mesmo sendo chineses. Uma coligação internacional (Inglaterra, USA, Rússia, França, Alemanha, Itália, Japão e Áustria-Hungria) derrotou a China pondo fim à revolta.

Muitos Padres da Missão foram mortos durante essa revolta:

P. Jules Garrigues (1840–1900) CM (Francês)

Martirizado no dia 14 de junho de 1900 a golpes de bastão e depois queimado

P. Maurice-Charles-Pascal Doré (1862 –1900) CM (Francês)

Mártir: queimado com outros 50 cristãos dentro de uma igreja
aos 15 de junho de 1900

P. Pasqual Raffael D'Addosio (1835 – 1900) CM (Italiano)

Martirizado em Pequim (Beijim) aos 15 de junho de 1900

P. Antoine-Claude Chavanne (1862 – 1900) CM (Francês)

Assassinado com uma bala de fuzil envenenada

P. André Tsu (1876 – 1903) CM (Chinês)

Martirizado em Tché-Kiang aos 03 de outubro de 1903.

P. Jean-Marie Lacruche (1871 – 1906) (Francês)

Martirizado em Nan-tch'ang aos 25 de fevereiro de 1906

P. Antonio Canduglia (1861 – 1907) CM (Italiano)

Martirizado em Ta-Ho-Ly aos 25 de setembro de 1907.

P. Nie' Pietro (?) CM (Chinês)

Sacerdote chinês martirizado

*N.B. O processo de Beatificação do **P. Garrigues e Companheiros Mártires da China** foi apresentado à Congregação dos Santos em 1936.*

Guerra Sino-Japonesa (1937-1945)

A guerra Sino-japonesa começou em 1937 com um pequeno incidente perto de Pequim entre as tropas japonesas que já dominavam a região da Manchúria e as tropas chinesas. O conflito se estendeu por toda a segunda guerra mundial e só terminou com a derrota do Japão em 1945.

Durante esse período foram massacrados nossos coirmãos:

D. François Xavier Schraven (1873 – 1937) CM (Holandês)

Martirizado perto de Tcheng-Tin-Fu (China) com outros coirmãos aos 09 de outubro de 1937.

- **P. Lucian Charny** (1882 – 1937) CM (francês)

- **P. Thomas Ceska** (1872 – 1937) CM (croata)
- **P. Eugenio Bertrand** (1905 – 1937) CM (francês)
- **P. Gerald Wouters** (1909 – 1937) (olandes)
- **Ir. Anton Geerts** (1875 – 1937) (olandes)
- **Ir. Vladislau Prinz** (1909 – 1937) (polones).
- **P. Umberto Verdini** (1884 – 1942) CM - Martirizado em Yu-Kiang (China).

O Processo Diocesano sobre o martírio destes coirmão foi concluído em 2016, na Diocese de Roermond (Holanda), e está em estudo na Sagrada Congregação dos Santos em Roma.

Revolução Comunista (1934-1935; 1941-1972)

Os comunistas chineses fundaram em 1931 nas montanhas de Jiangxi uma república soviética sob a direção de Mao Zedong. Durante a guerra sino-japonesa uniram-se a Chang-Kai-Chek. Porém depois da derrota do Japão começou a guerra civil. Chang-Kai-Chek derrotado fugiu para Taiwan. No dia 01 de outubro de 1949 foi proclamada em Pequim a República Popular da China. O novo governo decidiu combater toda influência ocidental no país. A Igreja Católica foi convidada a romper seus laços com Roma. Diante da recusa, nasceu a Igreja Patriótica, independente de Roma e controlada pelo governo. Os cristãos que permaneceram fiéis a Roma foram perseguidos.

De 1949 a 1952 muitos missionários estrangeiros foram acusados de espionagem, presos, julgados e expulsos. Em seguida os bispos e padres chineses foram presos e muitos foram mortos. Entre os perseguidos estão nossos coirmãos:

P. Giacommo Anselmo (1883 – 1934) CM (italiano) – morreu em Lin'kiang em março de 1934

P. Silvestre Sou (1902 – 1941) CM (chinês) – martirizado aos 9 de setembro de 1941

Ir. Gui Tianjue (1902 – 1952) CM (chinês) – morto ao 22 maio de 1952

P. José Lan (1894 – 1919) CM (chinês)

P. José K'ung (1891 – 1947) CM (chinês)

P. Tiago Tchao (1909 – 1950) CM (chinês) – martirizado no dia 16 de setembro de 1950

P. Pedro Souen (1905 – 1951) CM (chinês) – morreu no dia 16 de setembro de 1951

P. Paulo Tchang (1886 – 1954) CM (chinês) – morto ao 25 de junho de 1954

D. José Chow Tsi-Che (1891 – 1972) CM (chinês)⁹

Morreu em Nan-chang em 1972 depois de 22 anos de trabalhos forçados.

Portugal

No dia 05 de outubro de 1910 o Partido Republicano Português com um golpe de estado depôs o rei D. Manoel II e implantou a República Portuguesa. Nesse mesmo dia um grupo de pessoas revoltadas contra a Igreja Católica, acusada de ser aliada da monarquia, invadiu o colégio S. Luis de Arroios (Lisboa) onde se encontravam os Padres Alfred Jean-Baptiste Fragues e Bernardino Barros Gomes com um grupo de estudantes. Após uma reunião de emergência na biblioteca da casa para a absolvição coletiva todos procuram um esconderijo. O P. Alfredo Fragues foi surpreendido pelos assaltantes no corredor que saía da biblioteca. Pediu clemência para os seminaristas que o acompanhavam e a quem tentou proteger, mas ouviu-se uma detonação e o sacerdote caiu atingido por uma bala. O P. Barros Gomes ficara mais uns minutos em meditação quando a porta da biblioteca se abriu e um popular lhe aponta a espingarda disparando sobre o sacerdote. Outro, mais tarde, disparou de novo sobre a cabeça do moribundo.

Alfred Jean-Baptiste Fragues (1856-1910)

Nasceu em Linxe (Landes-França) em 1856. Entrou na CM em 1878. Por causa de sua saúde, ainda seminarista foi enviado para Portugal. Em 1897 foi nomeado Visitador da Província de Portugal. Era um homem culto e afável. Tornou-se o diretor espiritual da rainha Mãe D. Amélia e do futuro rei D. Manoel II. Os maçons e os republicanos nutriam uma grande hostilidade por ele por ser um estrangeiro que dirigia as consciências dos nobres de Portugal. Foi morto no dia 05 de outubro de 1910 no colégio de Arroios (Lisboa).

Bernardino Barro Gomes (1839-1910)

Nasceu em Lisboa em 1839 no seio de uma família dedicada à medicina e à botânica. Formou-se em Matemática e Filosofia na Universidade de Coimbra e estudou botânica na Real Academia Florestal de Agronomia de Tharandt – Saxônia.

Casou-se com Guilhermina Wilcke em 1866. Teve três filhas, das quais duas se tornaram Filhas da Caridade. Em 1876 ingressou na SSVP na igreja de S. Luís dos Franceses em Lisboa. Em 1879 ficou viúvo e em 1885 entrou na CM. Foi ordenado em 1888. Foi assassinado no dia 05 de outubro de 1919 com 71 anos de idade.

Pérsia

Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Turquia que tinha problemas de fronteira com a Pérsia, atacou alguns pontos nas montanhas. Os curdos, aliados dos turcos, atacaram e pilharam o vale do Ourmiah. Os russos que eram os protetores dos cristãos se retiraram deixando a Missão católica à mercê dos turcos e curdos. A Missão católica de Ourmiah foi invadida sob o pretexto de esconder armas. Muitos cristãos e judeus foram mortos. Em 1915 os russos voltaram e restabeleceram a calma.

Mas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) os turcos otomanos obrigaram os russos a deixar a região. Em 1918 o exército turco formado por mercenários curdos invadiu Ourmiah onde Monsenhor Sontag estava refugiado com muitos padres e mais de mil cristãos caldeus. Monsenhor Sontag foi assassinado e aproximadamente 14 mil cristãos foram massacrados.

Monsenhor Jacques-Émile Sontag CM (1869-1918)

Nasceu em Dinsheim em 1869, diocese de Estrasburgo. Nasceu em território francês, mas por questões de fronteira, no ano seguinte era alemão por causa da anexação da região da Alsácia e Lorena pela Alemanha. Entrou na CM em 1887 e foi ordenado sacerdote em 1895 na capela da Casa Mãe em Paris. No mesmo ano partiu para Ourmiah, na Província de Azerbaidjan na Pérsia (atual Iran). A região era insegura e sofria com as constantes desavenças religiosas (protestantes, ortodoxos, católicos assírios, caldeus e armênios). Em 1896 com apenas 28 anos de idade foi nomeado diretor da missão de Teheran. Em 1910 o Papa Pio X o nomeou Delegado Apostólico da Pérsia com o título de Arcebispo de Ispahan. Foi ordenado bispo na capela da Casa Mãe em Paris aos 28 de agosto de 1910.

Foi morto aos 27 de junho de 1918 em Ourmiah (atual Rezaieh) por um muçulmano, Archad Hamayoun, a quem D. Sontag tinha acolhido em seu próprio palácio como refugiado. O Papa Pio XI o qualificou de «santo e mártir».

Natanael Dinka CM (1846– 1918)

Massacrado pelos curdos em Ourmiah aos 27 de setembro de 1918.

Mathurin L'Hotellier (1883-1918) e François Mirariz (1878-1918)

Massacrados pelos curdos em Kosrova aos 08 de julho de 1918.

Espanha

Durante a Revolução Espanhola (1936-1939) foram mortos 6.861 religiosos católicos (13 bispos, 4.184 padres, 300 religiosas e 2.363 monges) e destruídas aproximadamente 20 mil igrejas. Entre esses mártires estão muitos Padres da Missão, Filhas da Caridade, membros da SSVP, Filhos e Filhas de Maria.

P. Fortunato Velasco Tobar (1906 – 1936) CM e Quatorze coirmãos.

Mártires da Revolução Espanhola

P. Leoncio Pérez Nebreda (1895 – 1936) CM

Ir. Luis Aguirre Bilbao (1914 – 1936) CM

P. Antonio Carmaniú Mercader (1860 – 1937) CM

P. Ireneo Rodriguez González (1879 – 1936) CM

P. Gregorio Cermeño Barceló (1874 – 1936) CM

P. Vicente Vilumbrales Fuentes (1909 – 1936)

Ir. Narciso Pascual y Pascual (1917 – 1936) CM

P. Tomas Pallarés Ibañez (1890 – 1936) CM

Ir. Salustiano González Crespo (1871 – 1936) CM

P. Vicente Pastor Vicente (1886 – 1936) CM

P. Pelayo-José Granado Prieto (1895 – 1936) CM

P. Andrés Avelino Gutierrez Moral (1886 – 1936) CM

P. Ricardo Atanes Castro (1875 – 1936) CM

P. Amado Garcia Sanchez (1903 – 1936) CM

Foram beatificados aos 13 de outubro de 2013.

P. Vicente Queralt Lloret (1894 – 1936) CM e 20 companheiros.

Mártires da Revolução Espanhola em Barcelona

P. Manuel Binimelis Cabré (1892 – 1936) CM

P. Luis Berenguer Moratonas (1869 – 1936) CM

Ir. Toríbia Marticorena Sola (1882 – 1936) FC
Ir. Dorinda Sotelo Rodriguez (1915 – 1936) FC
P. Juan Puig Serra (1879 – 1936) CM
P. Agapito Alcade Garrido (1867 – 1936) CM
P. Rafael Vinagre Torrez-Munhoz (1867 – 1936) CM
Sr. Rafael Llugh Garin (1917 – 1936) Leigo, Filho de Maria
P. José Acosta Alemán (1889 – 1937) CM
P. Juan José Martínez Romero (1890 – 1937) CM
P. Pedro José Rodríguez Cabrera (1904 – 1937) CM
P. Pedro Gambin Pérez (– 1936) CM
P. Cayetano García Martínez (1895 – 1936) CM
P. José Sanchez Medina (1900 – 1936) CM
Sr. Francisco García Balanza (1901 – 1936) Leigo, Filho de Maria
Sr. Modesto Allepuz Vera (1906 – 1936) Leigo, Filho de Maria
Sr. Enrique Pedro González Andreu (1916 – 1936) Leigo, Filho de Maria
Sr. José Ardil Lázaro (1914 – 1936) Leigo, Filho de Maria
Sr. Isidro João Martínez (1900 – 1936) Leigo, Filho de Maria
Sr. Francisco Rosello Hernandez (1917 – 1936) Leigo, Filho de Maria

Beatificados em Madrid no dia 11 de novembro de 2017.

P. José M. Fernández Sanchez (1875 – 1936) CM
 Mártir da Revolução Espanhola com outros 38 companheiros.
P. Manuel Requejo Pérez (1877 – 1936) CM
P. Maurillo Tobar Gonzáles (1880 – 1936) CM
P. José Santos Ortega (1882 – 1936) CM
Ir. Roque Catalán Domingo (1874 – 1936) CM
P. Roque Guillen Garcés (1879 – 1936) CM
P. Francisco Marquillas Fernandez (1889 – 1936) CM
Ir. César Elexgaray Otazua (1904 – 1936) CM
P. Benito Paradela Novoa (1887 – 1936) CM

Ir. Saturnino Tobar Gonzáles (1848 – 1936) CM
 Ir. Agustín Nogal Tobar (1885 – 1936) CM
 Ir. Cristóbal Gonzáles Carcedo (1913 – 1936) CM
 P. José Ibañez Mayandía (1877 – 1936) CM
 Ir. Juan Nuñez Orcajo (1882 – 1936) CM
 Ir. Vicente Cecília Gallardo (1914 – 1936) CM
 Ir. Manuel Tachiner Montañana (1915 – 1936) CM
 Sr. Justo Roman Piedrafita (1896 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 P. Euleutério Castillo Gómez (1903 – 1936) CM
 Ir. Perfecto Del Rio Páramo (1882 – 1936) CM
 Ir. Estanislau Páramo Marcos (1885 – 1936) CM
 P. Hilário Barriocanal Quintana (1896 – 1936) CM
 P. Laureano Perez Carrascal (1870 – 1936) CM
 P. Teodoro Gómez Cervero (1877 – 1936) CM
 P. Benjamim Ortega Aranguren (1885 – 1936) CM
 P. Ponciano Nieto Asensio (1875 – 1936) CM
 P. Victoriano Reguero Velasco (1902 – 1936) CM
 P. Pedro Pascual García Martín (1902 – 1936) CM
 Ir. Joaquin Zubillaga Echari (1899 – 1936) CM
 Ir. Bartolomé Galabert Pericás (1872 – 1936) CM
 Ir. Pedro Armendáriz Zabaleta (1879 – 1936) CM
 Ir. José García Pérez (1915 – 1936) CM
 P. Benito Quintano Díez (1861 – 1936) CM
 Sr. José Garvi Calvente (1881 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 Sr. Miguel Aguado Camarillo (1903 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 Sr. Gil Balascoain Ilarragarri (1883 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 Sr. Eduardo Campos Vasallo (1884 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 Ir. Isidro Alonso Peña (1859 – 1936) CM
 Sr. Agustín Fernandez Vasques (1895 – 1936) Leigo, Filho de Maria
 Sr. Felipe Basauri Altuve (1881 – 1936) Leigo, Filho de Maria

Beatificados em Madrid no dia 11 de novembro de 2017.

Eslovênia

D. Janez Francisek Gnidovec (1873 – 1939) CM

Nasceu em 1873. Foi ordenado sacerdote em 1896 com apenas 22 anos de idade, Em 1919 entrou na CM em 1924 foi nomeado Bispo de Skopie-Prizren (ex-Iugoslávia).

Morreu santamente em 1939.

***N.B.** Em março de 2010 o P. Bento XVI autorizou a promulgação do Decreto sobre a heroicidade de suas virtudes. D. Janez é então chamado de Venerável. Também em 2006 foi apresentado à Congregação dos Santos um milagre acontecido em 1980 e atribuído à sua intercessão.*

Eslováquia

P. Ján Hutrya (1912 – 1978) CM

Era o Visitador da Eslováquia. Em 1947 o P. Jan Hutrya participou da Assembleia Geral da Congregação e também da canonização de Santa Catarina Labouré. No seu retorno a Bratislava foi preso e torturado. Por causa dos maus tratos teve que ser hospitalizado. Em maio de 1950 foi novamente preso com outros coirmãos sob a acusação de distribuir literatura religiosa. Foi mandado a vários campos de concentração. Mas conseguiu escapar e viveu escondido. Foi preso novamente pela SS em 1958 e condenado a 10 anos de prisão. Graças à ajuda de Paulo VI foi libertado em 1965 com outros prisioneiros, mas foi impedido de exercer o sacerdócio. Trabalhou como leigo em um hospital de Praga. Secretamente ocupou-se da FV e das vocações. Morreu em Brno aos 27/02/1978.

Ján Havlik (1928 – 1965)

Noviço da Província da Eslováquia preso com outros seminaristas no dia 29 de outubro de 1951. Foi torturado pela SS por 16 meses e condenado a 10 anos de prisão. Durante sua prisão sofreu maus tratos e ficou sem alimentação e no frio. Foi libertado em outubro de 1962. Com a saúde gravemente abalada e com problemas cardíacos, morreu no dia 27 de dezembro de 1965.

Polônia

Em 1939 as tropas nazistas invadiram a Polônia. A Igreja Católica foi suprimida acusada de incentivar a resistência. Entre 1939 e 1945 estima-se que 3.000 membros do clero polonês foram mortos; destes 1992 morreram nos campos de concentração.

A CM também perdeu muitos de seus padres que foram mortos pelo terror nazista.

P. Josef Florko (1915 – 1945) CM

Morto pelos nazistas no campo de concentração de Bergen-Belsen

P. Hieronim Gintrowski (1878 – 1939) CM

Assassinado em um bosque perto de Bydgoszcz.

P. Michal Jachimczak (1908 – 1941) CM

Morto no hospital do campo de concentração de Dachau.

P. Jan Jedrychowski (1898 – 1942) CM

Morto na câmara de gás em Dachau.

P. Norbert Kompalla (1907 – 1942) CM

Morto na câmara de gás em Dachau.

P. Adam Maluszynski (1898 – 1945) CM

Morto no campo de concentração de Mittebau.

P. Josef Slupina (1880 – 1940) CM

Assassinado no campo de concentração de Oswiecim.

P. Piotr Szarek (1908 – 1939) CM

Assassinado com outros prisioneiros no velho mercado de Bydgoszcz.

P. Jan Wagner (1892 – 1939) CM

Assassinado em um bosque perto de Bydgoszcz.

P. Leon Wieckiewicz (1914 – 1944) CM

Morto no campo de concentração de Gross-Rosen.

P. Stanislaw Wiorek (1912 – 1939) CM

Assassinado no velho mercado de Bydgoszcz.

O processo dos Onze Coirmãos Poloneses mártires do terror nazista foi aberto em Cracóvia em 2003.

P. Czesław Lewandowski (1864 – 1934) CM

Entrou na CM em 1884 e foi ordenado sacerdote em 1889. Dedicou toda a sua vida à formação e à direção espiritual de seminaristas, sacerdotes, leigos. Alguns dentre eles se tornaram santos como o Santo Frei Alberto, Fundador das Irmãs Albertinas e Santa Bernardina, da mesma congregação.

Em 1903 enviou os primeiros Padres da Missão para o sul do Brasil (Curitiba) para o trabalho pastoral com os imigrantes poloneses. Morreu em 1934 com fama de santidade.

Panamá

Em 1968 os militares tomaram o poder no Panamá. O país foi governado pelo ditador Omar Torrijos de 1968 até 1981 quando morreu em um acidente aéreo. Foi ele que negociou o acordo do canal do Panamá com os USA. Em 1983 subiu ao poder o general Manuel Noriega com o auxílio da CIA. Aos poucos Noriega se afastou dos USA. Foi acusado

de tráfico de drogas e os USA fizeram o bloqueio econômico do canal. Noriega iniciou uma dura opressão no país que foi denunciada pela Igreja. Foi nesse contexto que morreu nosso coirmão **P. Nicolas Van Kleef**, chamado de Nico.

P. Nicolas Van Kleef (1937-1989) CM
(Confira o texto escrito por..... na página....)

Itália

P. Giovanni Battista Manzella (1855 – 1937) CM

Nasceu em 1855. Participou da SSVP e entrou na CM em 1887. Foi ordenado em 1893 com 38 anos de idade. Trabalhou em vários seminários como diretor espiritual e também nas missões populares. Cota-se que ainda em vida curou muitos doentes milagrosamente.

Em 1927 com a Madre Ângela Marongiu fundou a Congregação das Irmãs do Getsêmani. Morreu em 1937 com fama de santidade.

N.B. Infelizmente o processo sofreu muitas dificuldades, o que atrasou sua causa. Atualmente se procura reunir todos os documentos necessários.

Venerável P. Salvatore Micalizzi (1856-1937) CM

Nasceu em Nápoles em 1856. Foi ordenado sacerdote em 1882. Entrou na CM em 1884 e dois anos depois fez seus votos. Dedicou toda a sua vida às missões populares e, sobretudo à pregação de retiros para o clero.

Morreu no dia 14 de outubro de 1937, ajoelhado ao lado de sua cama.

Em 2006 foi promulgado o Decreto sobre a heroicidade de suas virtudes. Desde então é chamado de Venerável.

Peru

D. Emilio Francisco Trinidad Lisson Chávez (1872 (Peru) – 1961 (Espanha) CM
(Confira o texto escrito pelo P. Ubillús na página...)

Equador

D. Peter Schumacher (1839 – 1902) Bispo de Portoviejo (Equador)
CM
(Confira o texto escrito por na pág.)

USA

P. William Slaterry (1895 – 1982) - Superior Geral da CM entre 1947 a 1968.

Nascido em Baltimore (USA) em 1896, ingressou na CM em 1913 e foi ordenado em 1919. De 1932 a 1946 foi o Visitador da Província Oriental dos Estados Unidos. Foi um dos fundadores e propagadores da novena de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Foi eleito Superior Geral da CM em 1947 com 51 anos de idade. Em 1968 apresentou sua demissão e morreu em 1982 com fama de santidade.

O papa Pio XII costumava dizer que conhecia pessoalmente dois santos: Padre Pio de Petralcina (São Pio) e o Superior geral da CM.

Concluindo

Quando mencionamos o nome de um santo, imediatamente vem à nossa mente uma sua imagem. Ora essa imagem pode ser:

Exterior: representada pelas estátuas, pinturas, vitrais. Essas imagens não retratam exatamente a pessoa e dependem muito mais da visão dos artistas que confeccionaram as estátuas, vitrais ou quadros. Por exemplo, as imagens de S. Francisco de Assis cercado de pássaros ou com um lobo aos seus pés; Santo Antônio com o Menino Jesus nos braços. Normalmente essas imagens reproduzem um aspecto da vida do santo, ou no caso dos mártires, a sua morte. Por exemplo, estamos habituados a duas representações de S. Vicente de Paulo. Uma que o representa cercado de crianças abandonadas para transmitir a imagem do Pai da caridade. Outra que representa S. Vicente com a cruz na mão em atitude de pregar o Evangelho, para ressaltar o grande missionário que percorreu quase toda a França pregando missões para os pobres.

Interior: ou seja, a imagem que descobrimos em sua vida e em seus escritos. Logicamente essa é a imagem verdadeira do santo. Para conhecer um santo é necessário conhecer sua vida, seu pensamento e suas ações. É baseada nesses elementos que a Igreja o apresenta como modelo a ser imitado.

Existe uma tipologia da santidade da CM?

Quando falamos da Família Carmelitana, encontramos ao lado de S. Tereza de Lisieux muitos outros santos e santas contemplativos. O mesmo pode-se dizer da Família Franciscana: P. Pio de Petralcina tinha os estigmas como S. Francisco de Assis; todos os santos e bem-aventurados franciscanos são tais pela pobreza, oração e penitência.

As características da santidade vicentina são:

Uma Santidade Missionária.

Nossos santos e bem-aventurados viveram de modo radical o lema da Congregação: «O Senhor me enviou para evangelizar os pobres» (Evangelizare pauperibus misit me)

François Régis Clet e Jean Gabriel Perboyre partiram para a China com o desejo de ser missionários. Trabalharam na evangelização e não buscaram o martírio. Não tiveram medo de sacrificar a própria vida por Cristo quando tiveram que fazer a escolha trágica: a fé ou a apostasia. Justino de Jacobis: foi um dos maiores missionários de todos os tempos. Procurou inculturar-se. Não foi evangelizar a Abissínia com o objetivo de romanizar como fizeram os jesuítas com a Etiópia no século XVI. Ao contrário, ele adotou o rito ge'ez e procurou assimilar-se em tudo a seus fiéis. Foi para a missão não para levar algo, mas para aprender alguma coisa.

O mesmo se pode dizer de Monsenhor Giuseppe Rosati (1789-1843) que junto com Felice de Andreis (1778-1820) é um dos fundadores da CM nos Estados Unidos.

Uma Santidade Martirial.

A maioria dos santos e bem-aventurados da Congregação são mártires. Apenas S. Vicente de Paulo e S. Justino de Jacobis são confessores. E há 131 processos por causa do martírio. Isso demonstra que o testemunho do missionário foi sempre muito arriscado. Os nossos mártires não foram mortos em países pagãos, mas em países cristãos.

Louis-Joseph François, Henri Gruyer, Pierre René Rogue e outros foram martirizados durante a Revolução Francesa.

O Bem-aventurado Ghébré Michael converteu-se ao catolicismo sem trair o seu rito, e foi martirizado por sua fé na Igreja Católica.

Os Mártires da guerra civil espanhola, os Mártires da China ou os Mártires poloneses morreram por sua fé.

Uma Santidade Caritativa.

Nossos santos e bem-aventurados viveram e morreram pelos pobres. O aspecto caritativo é mais visível nas Filhas da Caridade e na SSVP que entre os missionários da CM. Mas nossos santos e bem-aventurados trabalharam e morreram entre os pobres. Muitos foram mortos por defendê-los.

¹ Este é tão somente um elenco dos Santos, Beatos e Veneráveis da FV, colocados ordem cronológica de canonização.

² Em uma carta enviada ao superior de Varsóvia, P. Lamberto aux Couteaux, de 22/03/1652, S. Vicente fala da situação da Irlanda. Cfr Coste IV, 4

³ Collet Pierre, La Vie de St Vincent de Paul, Instituteur de la Congrégation de la Mission e des Filles de la Charité, Nancy 1748.

⁴ Conforme ANNALES CM, 61 (1896) pp. 228-233 entre 1648 e 1676 foram enviados a Madagascar 41 missionários: 31 padres e 10 irmãos em nove expedições das quais 3 não chegaram ao país.

⁵ Mémoires de la Congrégation de la Mission, Paris 1866, Tome IX, pp. 489-494.

⁶ Cfr Landousies Jean: Présence Chrétienne em Algérie et en Tunisie du XII au XIX siècle, in Henrie Teissier, Histoire de l'Eglise en Afrique du Nord, Desclée.

⁷ Esse texto é um resumo traduzido do original em inglês escrito por Thomas Davitt e publicado em Vicentiana

⁸ Ghébré-Michael difere dos outros santos e bem-aventurados da CM em três aspectos: era um africano e não europeu; era um cismático e não católico; não era realmente membro da CM. Ele foi preso alguns dias antes de iniciar seu seminário interno. Justino de Jacobis disse que «ele pertencia à CM em seu coração».

⁹ Cfr. Maloney Robert: *Rostros de Santidad – Retratos de algunos santos de la Familia Vicenciana*. La Milagrosa, Madrid, 2008. Pg 172 com o nome de Joseph Zhou Ji-shi.

HISTÓRIA DA BEM-AVENTURADA LINDALVA JUSTO DE OLIVEIRA

Irmã Maria de Fátima do Nascimento, FC
Irmã Leonete Custódio, FC.



Lindalva Justo de Oliveira nasceu no dia 20 de outubro de 1953, no Sítio Malhada da Areia, no município de Assu, no Rio Grande do Norte. Filha do segundo matrimônio do agricultor João Justo da Fé – viúvo com três filhos – com a jovem Maria Lúcia da Fé. Lindalva foi a sexta, dos treze filhos do casal.

Foi batizada no dia 7 de janeiro de 1954, na Capela de Olho D'Água, da Paróquia de São João Batista, pelo Monsenhor Júlio Alves Bezerra.

Em 1961 a família muda-se para a sede do município de Assú, para possibilitar o estudo regular dos filhos. João e Maria adquiriram uma casa e nela se estabeleceram.

Educada e orientada pelos pais na prática da piedade, da devoção e da caridade, manifestou precocemente sua inclinação para a vida de oração e para a prática da caridade, demonstrando desde cedo sua sensibilidade para com as necessidades dos pobres. Um dia, para surpresa de todos, ela ofereceu todas as suas roupas a uma pessoa pobre.

Aos 12 anos realizou o grande desejo de receber Jesus na Primeira Comunhão. Foi o primeiro encontro com aquele que se tornaria a razão de ser de sua existência e por quem ela não hesitaria em derramar cada gota de seu sangue para provar seu amor e sua fidelidade.

Desde muito jovem, teve a preocupação de auxiliar os outros e passou sua adolescência ajudando a cuidar dos sobrinhos, irmãos mais novos e não deixava sem uma presença as pessoas idosas e doentes da vizinhança. Lindalva Transferiu-se para Natal para continuar os estudos. Passou a residir com a família de seu irmão Djalma. Em 1979, concluiu o ensino médio na Escola Helvécio Dahe. Cooperava na educação de seus sobrinhos e nos afazeres da casa.

De 1978 a 1988 trabalhou em algumas empresas. O dinheiro que ganhava, enviava à família em Assu, ficando com pouco para o seu uso pessoal. Nos anos que morou em Natal frequentou a casa das Irmãs de Caridade e trabalhou como voluntária no Instituto Juvino Barreto, uma Casa que acolhe pessoas idosas.

Em 1982 seu pai faleceu de um câncer no abdômen, tendo tido a assistência de Lindalva nos últimos meses de vida. Após a morte do pai, iniciou um curso de técnica em enfermagem e, como gostava de música fez também um curso de violão.

As Irmãs notaram sua natural propensão a ajudar. Era tomada de uma sincera alegria quando servia os anciãos e exortava aqueles que os serviam a fazê-lo com sincero amor.

Em 1986 começou a participar do grupo vocacional das Filhas da Caridade, iniciando o seu processo de discernimento vocacional à Vida Religiosa. No dia 28 de novembro de 1987 recebeu o Sacramento da Crisma das mãos de Dom Nivaldo Monte, arcebispo de Natal. No dia 28 de dezembro do mesmo ano recebeu a carta da Irmã Provincial das Filhas da Caridade aceitando-a ao postulante, etapa que antecede à entrada ao noviciado da Congregação.

Lindalva inicia seu postulante no dia 11 de fevereiro de 1988, em Recife, na Casa Provincial das Irmãs da Caridade.



No dia 3 de junho de 1989, pediu seu ingresso no noviciado «com o mais profundo ideal de servir a Cristo nos pobres.»

No dia 16 de julho de 1989, dia de Nossa Senhora do Carmo, Lindalva e outras cinco Irmãs iniciaram o noviciado em Recife. No dia 29 de janeiro de 1991, Irmã Lindalva é enviada para Salvador na Bahia, onde trabalhará no Abrigo Dom Pedro II, no bairro de Roma, na cidade baixa, em Salvador. Esta Instituição, fundada em 1887, presta assistência a idosos empobrecidos. Irmã Lindalva é destinada a um pavilhão que atende a 40 anciãos.

Ir. Lindalva fez do serviço aos idosos, um verdadeiro apostolado da palavra, do testemunho, da escuta, preparando espiritualmente os enfermos para os momentos finais de sua existência terrena. De conduta

modesta, simples e discreta, revelava pureza em suas atitudes e a todos tratava com caridade.

Em meio a tantos afazeres, ainda encontrava tempo para visitar os pobres a domicílio em companhia de algumas senhoras da caridade e angariava recursos para suprir as necessidades destes e de outros pobres que assistia. A sua força maior era Deus presente também na vida humana que a impulsionava a alimentar a chama da fé e da caridade. É assim que a jovem Irmã descreve sua união e seu amor a Deus na certeza de que esse amor se completa quando está unido ao serviço humilde e constante ao próximo. Irmã Lindalva não esquece de confessar que em qualquer situação tinha firme um só pensamento: servir com humildade no amor de Cristo. ***«Devemos servir com amor e doação o irmão mais pobre que é onde Deus habita e espera por nós».***

A todos animava, sem esquecer os amigos e os parentes, as jovens vocacionadas e, especialmente, os sofredores. Para todos tinha uma palavra de estímulo no exato momento da caminhada.

O Martírio

... Em 1993, devido a uma recomendação, o Abrigo D. Pedro II, acolheu entre os anciãos, um homem de 46 anos, de nome Augusto da Silva Peixoto. Ele passou a assediar Ir. Lindalva, e chegou até mesmo a manifestar-lhe suas intenções. Ela começou a ter medo e procurou afastar-se o mais que pôde. Confidenciou-se com outras Irmãs e refugiava-se na oração. Seu amor aos velhinhos a manteve no Abrigo, e chegou a dizer a uma Irmã:

«prefiro que meu sangue seja derramado do que afastar-me daqui».

Por não ser correspondido, Augusto foi à feira e comprou uma faca que amolou ao chegar ao Abrigo.

Ir. Lindalva havia participado da Via Sacra ao raiar da aurora, na Paróquia de Boa Viagem, em companhia de suas Irmãs de Comunidade e dos Paroquianos. Ao regressar, foi servir o café da manhã aos idosos. Subiu as escadarias da enfermaria, colocou o avental e, compenetrada enquanto preparava a bandeja, sentiu um toque no ombro: virou-se e teve tempo apenas de ver o rosto enraivecido do homem que chegara ao Abrigo havia poucos meses...

É chegado o momento do holocausto. Foi naquela Sexta-feira santa - 09 de abril de 1993 - Com o instrumento do seu macabro serviço, ele, vibrou cerca de 44 facadas contra aquele corpo inocente. Ei-la banhada no próprio sangue. Sua morte é a do justo e a do inocente, como a de Cristo. Na hora do holocausto, horrível, mas fecundo, ela se apresentava a servir, igual àquele que havia dito:

«Não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida para o resgate de muitos» (Mt. 20,28).

Em seu corpo, ficaram segundo laudo médico-legal, 44 profundas chagas, como no corpo do seu Mestre ficaram 39 feridas da flagelação, mais os estigmas das mãos, dos pés e do sagrado coração.

À Ir. Lindalva, bastaram-lhe poucos anos de vida consagrada para coroá-la com o martírio, pois de martírio se entende, a doação da própria vida, como prova de grande amor a Deus e aos irmãos. Estava convicta de haver acertado em sua vocação, nascera para entregar-se a Deus na pessoa dos pobres e não desejava mais nada senão viver essa entrega com dedicação e amor.

Naquela Sexta-feira santa, enquanto Cristo morria na cruz, Ir. Lindalva morria na sua enfermaria. Cristo levou 39 açoites, e com as 5 chagas, dos pés, mãos e costado, ao todo 44, unia simbolicamente a morte de



Lindalva à sua paixão, que um pouco antes ela acabara de celebrar na Via-Sacra. Por toda aquela noite, compareceu ao Abrigo, uma multidão de fiéis, padres, religiosos, pessoas de todas as condições sociais, e até mesmo evangélicos, vindos de toda a cidade. Na manhã do Sábado Santo, Dom Lucas Moreira Neves, então Cardeal Primaz de Salvador, celebrou as exéquias. *Na missa do Domingo ele comentou que poucos anos de vida religiosa foram suficientes para que ela recebesse a graça do martírio, pois deu a sua vida por amor e evocando as «sugestões que o seu nome encerra», disse: «Linda alva é a branca veste que ela, como cada cristão, recebeu no seu batismo; Linda alva é o seu hábito azul de Filha da Caridade, agora alvejado no Sangue do Cordeiro (Ap 7, 14), ao qual se misturou o seu sangue; Linda alva é a límpida aurora da Páscoa de Jesus, que raioi para ela três dias depois da sua trágica Sexta-feira santa. Límpida aurora, linda alva da sua própria Páscoa!»*

Todos os testemunhos colhidos para o processo de beatificação falam de sua simplicidade, cordialidade e a alegria com que tratava a todos. Realiza serviços simples e humildes para os idosos internos.

A Igreja reconheceu a sua morte como Martírio e a beatificou no dia 02 de dezembro 2007 em Salvador BA, local do martírio.

No dia 6 de abril de 2014 suas relíquias foram solenemente transferidas do Abrigo Dom Pedro II onde trabalhou e sofreu o martírio para o Colégio Nossa Senhora da Salette onde atuam as Filhas da Caridade. Ali os alunos e demais cristãos poderão respeitosamente venerar suas relíquias e aprender com ela a simplicidade, doação, zelo e a verdadeira caridade. Ao nos propor a devoção aos santos, a Igreja espera que vejamos em seu exemplo um estímulo a trabalhar pela nossa santidade e, se tivermos fé, Deus em sua bondade e misericórdia poderá nos conceder muitos favores e mesmo verdadeiros milagres que a medicina nunca conseguirá explicar.

A Capela contendo as relíquias da Beata Lindalva se tornou desde 2014 um importante centro de peregrinação e pode ser visitado neste endereço:

Instituto Nossa Senhora da SALETTE

Rua do Salette, 47 – Barris-Salvador – BA. Cep: 40070-200

Fone: (00**71)3328-6091

O ano de 2018 tem um sentido especial para todos nós devotos da Bem-aventurada Lindalva, pois celebramos os **25 anos do seu martírio**. Que o seu exemplo de fidelidade à vontade de Deus e de doação aos mais pobres, possa nos encorajar no seguimento a Cristo.

MONS. PEDRO SCHUMACHER, C.M.

P. Max Reyes Sánchez, C.M.

Datos biográficos

- Nació en Kerpen (Colonia) Alemania el 14 de septiembre de 1839.
- Ingresó a la Congregación de la Misión en París el 6 de octubre de 1857.
- Pronunció sus votos el 14 de octubre de 1859.
- Se ordenó de sacerdote el 14 de junio de 1862.
- Murió en Samaniego, Colombia el 15 de julio de 1902.
- Fue misionero en Chile: la Serena de 1862 a 1866; Santiago de 1866 a 1869. regresó a Europa y estuvo en Montpellier (Francia) de 1869 a 1872.
De 1872 a 1885 estuvo en Quito en el Seminario Mayor.
En 1878 fue encargado de la Provincia del Ecuador (Congregación de la Misión)
- El 31 de marzo de 1885 es nombrado Obispo de Portoviejo (Manabí) Desterrado a Samaniego (Colombia) muere allí el 15 de julio de 1902. allí se conservan sus restos mortales, venerados por el pueblo.



Se citan algunas obras que escribió: «La sociedad civil cristiana según la Doctrina de la Iglesia Romana.»

Texto de enseñanza moral para la juventud de ambos hf Ed. Herder.

«¿Teocracia o dominio clerical? ¿Cristo o Lucifer? ¿Quién vencerá? ¿Quién como Dios?» (Segunda edición 1881) (citas P. Germán C.M.)

La figura de Mons. Schumacher merece una biografía propia y especial que rebasa esta reseña: Esperamos tenerla un día completa con las investigaciones y el trabajo realizado por el P. José Oriol Baylach que por su fallecimiento no pudo concluirlo.

Hago una breve reseña con los datos que proceso, tomados de buenos artículos publicados por el P. Bolívar Sánchez (+) en las revistas «El Amigo» n. 23, 24 y 25, de Marzo, Mayo, Junio y Noviembre de 1997.

Pedro Schumacher Niessen nació en Fihe, arquidiócesis de Colonia el 14 de septiembre de 1839.

La ciudad de Kerpen «llamada Kerpen Real» porque antiguamente estuvo sometida al Rey de España ha sido sucesivamente dominada por franceses o alemanes, según el éxito en las guerras.

Sus padres se casaron el 10 de febrero de 1824: se llamaban Teodoro Schumacher y Cristina Niessen: tuvieron 8 hijos: los 2 primeros: Ana y Enrique murieron a los pocos días de nacidos; el tercero, llamado también Enrique murió a los 2 años de nacido. Sobrevivieron, Enrique (tercero) Gerardo, Pedro y Gertrudis (gemelos), nacidos el 14 de septiembre de 1839: fueron bautizados el mismo día.

El último hijo nacido el 15 de noviembre de 1844, recibió el bautismo «in extremis» y murió sin nombre.

Pertenecía a una familia de campesinos sencilla y trabajadora con recursos para vivir honesta y decentemente.

Sus padres le dieron una educación bastante completa; su padre que sabía francés le enseñó este idioma.

En sus cartas habla con cariño y humor de su tierra, de sus paseos en carro por el campo, de las veces que pasan en las praderas.

Desde joven fue moral y estudioso. A los 12 años hizo su primera Comunión: a los 13, en 1852 dñe la escuela para partir de Perl, en la región de Triveris, cerca de Francia, a estudiar farmacia, pero se le impidió el ingreso a esa cerrera a causa de su corta edad. Sus padres resolvieron entonces enviarlo con su hermano Gerardo al Colegio de Muenstereifel a perfeccionar sus estudios; paso todos los cursos hasta el superior con aprovechamiento digno de elogio.

Estando ya para ingresar a la Universidad de Bonn, después de haber reflexionado mucho y orientado por su confesor, resolvió hacerse Lazarista (1857), seguramente influenciado por una misión dada por los Lazaristas en Kerpen el 2 de julio de 1851 al decir de su hermana Gertrudis que vivía en América como Hija de la Caridad.

En sus años de colegio, debió esforzarse en sus estudios de latín, requisito indispensable para el estudio de farmacia; a pesar de ciertas dudas parece que llegó al grado de bachiller a pesar de sus cortos años.

Con el consentimiento de sus padres y hermanos abandonó la casa paterna e ingreso en París donde los Lazaristas el 6 de octubre de 1857;

al Noviciado. La Casa Madre tenía en ese entonces 33 sacerdotes, 61 estudiantes, 44 novicios y 42 hermanos coadjutores.

En fhj del 7 de Noviembre de 1857, agradeciéndole su magnífica formación cristiana y sus orientaciones escribe a su padre: «Mañana por la mañana parten a América algunos sacerdotes de esta orden de Lazaristas o misioneros. No te imaginas el placer con que marcharía yo también de trabajar por la Gloria de Dios, para llevar al cielo almas.»

El en otoño de 1858 empezó sus estudios para el sacerdocio.

En vacaciones de cada fin de año aprendía uno de los principales idiomas del mundo, aprovechando el contacto con compañeros de diferentes nacionalidades: dominó el español, inglés, italiano y francés. Hizo los votos el 14 de octubre de 1859: le enviaron de Colonia para que recibiese el Subdiaconado el 3 de junio de 1861. Visitó a los suyos 8 día y regresó a París el 10 de junio. Se ordenó de sacerdote el 14 de junio de 1862, con licencia del Sumo Pontífice a causa de su corta edad.

Estaba decidido a cualquier sacrificio para ir a la misión.

En carta dirigida a su hermano Gerardo que también fue sacerdote el 18 de febrero de 1859 y murió en 1873, le dice: «Las penas soportadas con paciencia, rebotante el alma de amor divino, borran los pecados y llevan rápidamente a la perfección.» A sus familiares les escribe: «Queridos padres y hermanos: una vez más, adiós. Vivid bien: el Señor nos conserve y nos bendiga: Alegres y humildes, pongamos a sus plantas el sacrificio de nuestra separación con la esperanza de una eterna recompensa en el cielo.

Luego de so ordenación, en una carta del 27 de junio de 1862 dice: «Con la ayuda de Dios se han cumplido mis deseos. Soy feliz. Mi familia

también lo es. Mil veces sea bendita la mano providente que me a colmado de tantos favores. Esta felicidad que no me cabe dentro del pecho y la alteza del misterio sacerdotal de que me hallo investido a Dios se los debo.»

MISIONERO EN TIERRAS AMERICANAS

Fue enviado a Chile. En carta del 27 de enero de 1863 cuenta detalles de su viaje: salió de París el 2 de noviembre de 1862 y el 3 a las 7h00 se embarcó en el buque «Arequipa»: la tripulación era francesa integrada por 20 hombres.

En el buque viajaban 2 sacerdotes y 20 Hijas de la Caridad.

El domingo 11 de enero llegó a Valparaíso y el 18 del mismo mes fue para Coquimbo y de allí a La Serena.

Lo enviaba el P. General Etienne.

De la Serena pasó a Santiago de Chile en 1866 permaneciendo allí hasta 1869, año en que fue llamado a Europa cuando tenía 30 años. De 1869 a 1872 se encuentra en Montepellier a historia de la filosofía.

Hay que tener en cuenta que de 1869 a 1872 se desató la guerra franco-alemana con todos sus sinsabores.



Mientras aún sufría la pérdida de su madre, fallecida el 4 de enero de 1870, en 1872 se decidió enviarlo a Quito – Ecuador.

El 7 de agosto de 1872 se embarcaron en San Nazarino los Padres, Schumacher y Gaudefroy con otros 2 Lazaristas y 5 Hijas de la Caridad: los 2 primeros para Guayaquil, los otros dos rumbos al Perú; Las Hijas de la Caridad unas para Guayaquil y otras para Lima.

En Quito los recibió el P. Claverie a mediados de septiembre de 1872. Los dos misioneros iban al Seminario en el que ya estaban los Padres, Claverie y Stappers desde 1870.

Dicho Seminario, fundado en 1594 llamado «San Luis» estaba confiado en 1870 a los Padres Jesuitas. Aprovechando su viaje al Concilio Ecuménico de 1869 el Sr. Arzobispo de Quito hizo gestiones ante el Superior General para el envío de los Lazaristas y de las Hijas de la Caridad, gestiones a las que se sumó Presidente García Moreno.

En 1872 se entregó, pues, el Seminario a la Congregación de la Misión en local del Noviciado de San Francisco.

Los primeros pasos del Seminario los describe Gaudefroy: «Apenas se nos entregó el edificio, el Sr. Schumacher se ocupó de ponerlo en condiciones de que sirviese al fin a que se lo destinaba. El Sr. Schumacher se propuso renovarlo todo y lo hizo desplegando gran actividad; era director de la obra, arquitecto, vigilante; se lo veía a veces trabajando hasta como simple albañil; el Sr. Schumacher era tan hábil para construir una cocina como para ordenar la disposición de los cuartos de estudio...»

Cabe destacar los sufrimientos de los primeros Lazaristas al servicio de la Iglesia en el Ecuador. Hubo personas muy cercanas a Schumacher que han referido que el rector y fundador del Seminario, carecía en los

primeros tiempos hasta de cama y durmió durante tres semanas en un colchó colocado sobre el húmedo suelo.

El canónigo Nicolás Arsenio Suárez en la oración fúnebre por la muerte de Mons. Schumacher dice: «El Sr. Schumacher comenzó sus faenas en el estrecho, húmedo y triste recinto del antiguo noviciado de San Francisco.» El 26 de diciembre de 1872 tomó en efecto la dirección del Seminario Arquidiocesano. Desde el inicio debió actuar rodeado por su sinfín de dificultades: el estado del clero y de la sociedad antes de la época de García Moreno, la corrupción hasta en la familia, la inmoralidad que se filtraba por todas partes: dificultades con los superiores eclesiásticos mismos, amoldamientos a las reglas del Seminario, etc.

El Seminario estaba compuesto de dos secciones: mayor para los jóvenes (15 seminaristas) y menor para los de secundaria (42 seminaristas minoristas): había 5 sacerdotes y 4 hermanos.

El edificio era inadecuado, la vivienda menos que cómoda. A esas dificultades se añadieron otras: el Arzobispo decidió entregar la dirección a los Lazaristas y la enseñanza al clero diocesano, cosa que no gustó a los cohermanos: al plantear el primer contrato aparecieron los engaños: después de algunas transacciones se conservó la dirección junto con la enseñanza, se le ofreció entregar todos los alumnos pero en la práctica se lo hizo sólo con la mitad. A instancias del Visitador se llegó a un acuerdo y las clases se inauguraron en diciembre de 1872.

El Concilio provincial quitense criticó que el Seminario fuera fundado bajo las prescripciones del Concilio Tridentino y la falta de cátedras de literatura, legislación, idiomas modernos y controversias teológicas.

A fines 1873 el P. Gaudefroy viajó a Francia y el P. Schumacher quedó solo y enfermo, pensaba en renunciar a la dirección del Seminario. A

fin de octubre llegan refuerzos de Europa: el P. Krantwig y el P. Neuman (alemanes), el primero educador y el segundo misionero, acompañados de tres hermanos coadjutores.

Como el edificio en donde funcionaba no era adecuado, se puso en construir uno nuevo y el Concilio Provincial quitense ordenó su construcción en el sector de la Alameda (cercana al actual Banco Central). «El jueves 3 de diciembre de 1874 se bendijo solemnemente la primera piedra de los 2 Seminarios. Fueron invitados el Sr. Arzobispo, el Delegado Apostólico, el Presidente de la República (García Moreno), varios Obispos e invitados especiales. Salimos en procesión desde el convento de San Francisco hasta el sector de Santa Prisca. Media hora duró la marcha. Fue padrino de la bendición el Sr. Presidente de la República» (Narración del P. Contard). De la construcción se encargará el P. Schumacher. Se separarían los seminarios mayor y menor.

Después de dos años de asiduo trabajo, el 19 de marzo de 1877 se invitó al Sr. Arzobispo José Ignacio Checa y Barba para la bendición de la capilla y habitaciones destinadas a los mayoristas.

La madera se cortó del sector de Verdecocha (Cotocollao) y la cal venía a lomo de mula.

Pero junto con la construcción material, Schumacher debió enfrentar la construcción espiritual, académica, moral, disciplinar, la más difícil venciendo toda clase de obstáculos.

García Moreno intentó cambiar ciertas costumbres de los clérigos e individuos de Órdenes Religiosas: muchas clases cambiaron con el Concordato de la Santa Sede. La Iglesia empezó a actuar imponiendo orden.

Hubo que esperar hasta 1874 para que se entregase a los Lazaristas el Seminario Menor diocesano.

La obra siguió adelante con altibajos. En 1876 habían tomado ambos seminarios, aunque funcionando juntos.

Había 57 seminaristas, de los cuales 15 pertenecían al Seminario Mayor.

Poco antes, el 6 de agosto de 1875 se había producido el asesinato de García Moreno y se preparaba el advenimiento de un perseguidor de la Iglesia, Veintimilla.

Los Lazaristas perdieron entonces el apoyo del Presidente García Moreno para construir el Seminario.

LOS COLABORADORES

Los refuerzos aunque escasos llegaban.

El P. Krantwig estuvo 10 años en Quito: lo reemplazó en el Seminario el P. Stappers quien para 1880 ya estaba en el Seminario de Loja. El P. Cautard que vino con el P. Schumacher de Europa en 1872 con destino a Perú, prestó ayuda al Seminario de Quito por 4 años: de 1874 a 1878. Luego de trabajar en el menor regresó a Lima.

En esta época prestó también su colaboración el P. Bernhard Thiel que vino a Quito en 1874. Poco tiempo después fue trasladado a Costa Rica.

Bernardo Augusto Thiel, nació en la diócesis de Colonia (Alemania) en 1850; ingresó a la Congregación de la Misión en 1869 y se ordenó de sacerdote en 1874.

Fue colaborador de Schumacher en Quito en el Seminario de 13h a 1878. Fue el brazo derecho de Schumacher, distinguido maestro en el Seminario, misionero con Schumacher y Krantwig en Santo Domingo de los Colorados en temporadas vacacionales: escribió un «vocabulario de lengua colorada» que sirvió de base al historiador Jacinto Jijón y Caamaño en su obra: «El Ecuador interandino y Occidental» para el estudio de uno de los idiomas primitivos del país.

Apenas 4 años trabajo en el Ecuador y en 1878 a Costa Rica en donde trabajo como misionero y luego como profesor del Seminario.

El 5 de septiembre de 1880, a la temprana edad de 30 años fue Consagrado Obispo de San José de Costa Rica gracias a sus dotes excepcionales: trabajó incansablemente en la pastoral, escribiendo además varias obras: «Apuntes lexicográficos de las lenguas y dialectos de los indios de Costa Rica.»

En 1883 escribe la: «Leyenda de la Creación de los indios chiripos de Costa Rica» (Christus No 21)

Expulsado del país por el sectarismo religioso de su país se refugió en Panamá, volviendo 2 años después a su diócesis.

En 1886, habiendo tomado la dirección del Seminario diocesano el sacerdote Guillermo Rojas, que años más tarde ingreso a la Congregación de la Misión y murió cuando desempeñaba el cargo de Arzobispo de Panamá.

Mons. Thiel falleció el 9 de septiembre de 1904.

El 12 de octubre de 1923 la Iglesia y el Estado le rindieron homenaje con un monumento colocado frente a la Catedral De San José de Costa Rica. (Escribe el P. Ulpiano Espinosa de los Monteros)

El Arzobispo en esta ocasión presentó su figura. «Sabio ilustre pontífice, verdadero pastor de las almas, dotado de un talento prodigioso, de una memoria feliz, de una constancia inquebrantable; hombre íntegro y justo, padre de los pobres, evangelizador de los indios, políglota de nota, arqueólogo eminente e historiador admirable.»

Igualmente el P. Grimm llegó a Quito en 1875 para trabajar con Schumacher y dice de él: «El Sr. Schumacher, como verdadero hijo de San Vicente de Paúl buscaba de preferencia a los niños y a los desgraciados indiecitos y jugando y bromeando tenía la habilidad de atraerlos a las virtudes cristianas y al conocimiento de las verdades de nuestra Santa Religión.»

Su sotana, casi siempre cerrada, estaba libre de adornos era tan notable su descuido en el vestir, que al ser electo Obispo, sus ex - discípulos, que eran ya Sres. Párrocos, solían decir bromeando: «En lo sucesivo, la alta dignidad de la mitra lo obligara a andar bien vestido. Del trabajo tuvo siempre altísimo concepto, fuera espiritual o material... Como educador no imponía sus mandatos; era una persona, afable con los niños y jóvenes... en la enseñanza esforzándose a que por lo menos en lo necesario lo comprendiesen todos, aún los menos actos...; los quiteños se habían formado tan buen concepto de sus dotes de educador que decían: «He ahí el hombre, que nos da buenos sacerdotes.»

Como tenía una memoria privilegiada, hablaba con corrección varios idiomas... resolvía con maravillosa claridad espinosas cuestiones teológicas y filosóficas.

El P. Gaudefroy al referirse al único año que lo acompañó, antes de que por su enfermedad se viese forzado a regresar a Francia dice: «Daban clases de Dogmática, no obstante las múltiples ocupaciones que tenía que atender como Superior.»

SCHUMACHER Y NUESTRA HISTORIA

La vida y la acción de Schumacher están muy ligadas a los acontecimientos ecuatorianos: se preocupó mucho por ellos y su gente. Compuso una gramática latina para el uso de los jóvenes del seminario menor ayudado por el P. Thiel.

Tradujo al castellano la historia eclesiástica de la edad media para uso de los jóvenes del seminario mayor.

García Moreno y Schumacher mantenían buenas relaciones. Schumacher vivió acontecimientos dolorosos de nuestra historia como el asesinato de García Moreno el 6 de agosto de 1875, las persecuciones de la Iglesia por parte de Veintimilla, el envenenamiento de Mons. Checa y Barba acaecido el 30 de marzo de 1877: hecho vividos y relatados también por el P. Claverie al Superior General P. Bosé.

Cuando Mons. Arsenio Andrade, Obispo de Riobamba en 1902 gobernó como Vicario Capitular de La Sede metropolitana y estuvo perseguido, fue asistido y animado por su amigo el Consejero el P. Schumacher. Fue apresado y deportado a la ciudad del norte. Este hecho coincidió con la erupción del volcán Cotopaxi lo que hizo pensar a la gente que era castigo de Dios (El amigo No 25 P. Bolívar Sánchez)

Schumacher, ayudado del P. Thiel, trajo de vuelta a Quito al Vicario y lo ocultó en el Seminario y luego en un lugar más seguro durante meses y años; probablemente en Verdecocha cerca de Nano.

Durante la guerra entre liberales y conservadores, el 14 de noviembre de 1877, con el P. Thiel y algunos seminaristas del seminario mayor que se le juntaron, se arrojó a las calles en lo sangriento de la lucha para «compensar a los huidos y darles la absolución» el Seminario Mayor que

estaba entonces frente a la Alameda se convirtió en hospital. Un testigo dice de él: «el espíritu de García Moreno.»

Dedicó a los acontecimientos políticos muchas personas tuvieron que abandonar el país. En Colombia también se perseguía a los católicos: los Lazaristas residentes en Popayán y Pasto fueron expulsados. En 1878 murió el Superior General P. Boré.

Para elegir al sustituto se convocó a Asamblea General en París a la que fue llamado Schumacher en calidad de Visitador encargado. Fue elegido Superior General el P. Fiat. Mientras tanto los Lazaristas tuvieron que cuidar al P. Vicario en su escondrijo. El P. Grimm iba a la montaña cada 15 días para confesarlo y consolarlo en sus duros sufrimientos.

En una carta del 8 de enero de 1879 el P. Schumacher cuenta al Superior General que de vuelta al Ecuador no pudo entrar a Guayaquil y tuvo que ir hasta Paíta para luego pasar a Loja, Cuenca, Riobamba y Quito.

De paso por Loja visitó a los Lazaristas que regentaron el Seminario Menor: habían 43 seminaristas. Al llegar a Quito encontró ochenta alumnos.

SCHUMACHER Y LOS POBRES

Durante la tarea formativa en el Seminario, comenzó a misionar con los seminaristas a los pobres del pueblo de «Zámbiza» poblado mayoritariamente por indígenas que con la población de Nayón llegaba a 5 o 6 mil personas. De esos pueblos se escogía, cada semana, de 40 a 50 indios para los servicios de aseo de la Capital: barrer, recoger deshecho, etc.

Conforme lo atestigua el Canónigo Dr. Arsenio Suárez: el Rector del Seminario se preocupaba por mejorar la condición de los indios e inculcaba a los seminaristas ese amor por ellos «insinuando los medios necesarios y oportunos para civilizarlos, estableciendo como base el estudio del quichua en ese Colegio (Seminario Menor) y el mismo rector emprendiendo en el aprendizaje de ese idioma trabando con frecuencia útiles y provechosas pláticas con los aborígenes de nuestro suelo.»

Schumacher conoce a fondo la situación del indígena y la narra con frecuencia: afirma que gana diariamente un medio real... que el precio de una hacienda se lo mide por el número de indios que viven ligados por perpetua deuda al propietario.

En carta a su hermano Enrique del 20 de abril de 1880 escribe: «El transporte se verifica a lomo de bestias o de hombres; he visto gente y no raras veces, llevar chanchos vivos o muertos, leguas enteras sobre las espaldas y he visto espaldas de indios con llagas tan vivas y desarrolladas como si fuesen bestias de carga.»

Por ello Schumacher piensa que la solución es: «Formar buenos sacerdotes que traigan tiempos más felices. El sacerdote que vive según el espíritu de Cristo, posee la llave que hace entrar en un pueblo la moralidad, la paz, la justicia que hacen grandes y prósperas las naciones.»

SCHUMACHER Y LAS MISIONES

El trabajo en el seminario no le impedía misionar las ciudades más apartadas de la Capital como cuenta el P. Krantwing que también lo acompañaba, destacando su «auténtica humildad y su paciencia».

Por el año 1882 participo en misiones en Papallacta y en Santo Domingo de los Colorados.

De esta población narra sus costumbres: el motivo por el cual los llaman colorados, la forman como entierran a su muertos: cavando en la tierra, construyendo un cuarto, colgando allí una hamaca en la que colocan el cadáver, poniendo en el suelo las cosas que pertenecían al difunto y vasijas con carbón y maíz... cubren la sepultura con rams y tierra...

«El pueblo se compone de tres casas, distantes la una de la otra media hora; entre ellas se levanta la Iglesia si es que este nombre se le puede dar a una choza misérrima. Avanzamos cuatro leguas más adentro a un pueblo indígena de nombre San Miguel, que tenía unas diez casas. Todos buscaban caucho. Les enseñamos la existencia de un solo Dios trino, en personas, y lo más esencial de la comunión y la confesión. De San Miguel regresamos a Santo Domingo donde encontramos 35 indios y los instruimos. Al concluir nuestras labores, organizamos una procesión en honor de la Santísima Madre de Dios».

Todo esto lo cuenta el P. Schumacher en carta a su hermano Enrique el 13 de septiembre de 1882.

El 31 de mayo de 1885 fue Consagrado Obispo de Portoviejo y gobernó la diócesis hasta 1895, cuando la revolución de Alfaro le obligó a abandonar su diócesis y el país, desterrado en Samaniego (Colombia) en donde murió el 15 de julio de 1902.

OBISPO DE PORTOVIEJO: el amigo No 25 Nov. Dic. 1997.

Conociendo que había sido propuesto por el gobierno de Ecuador a la Santa Sede para Obispo de una diócesis sin su consentimiento, en carta dirigida a su hermano Enrique con fecha 14 de junio de 1884 afirma que el no aceptara tal dignidad si no hay un mandato expreso del Papa. Pone el asunto en conocimiento del Superior General Antoine Fiat para que él impida ese nombramiento: desea seguir siendo un simple Lazarista.

Pero añade: «Si es Dios quien manda la cruz de la mitra me abrazo a ella en acatamiento a su adorable voluntad». Afirma que la diócesis que la quieren dar es una gran selva donde abundan, las culebras, los animales bravos y los hombres salvajes que se llaman «Cayapas».

Como antecedentes históricos de la diócesis cabe señalar que el Papa Pío IX por la Bula «Multipliciter inter» creo la diócesis de Portoviejo con las Provincias de Manabí y Esmeraldas el 23 de mayo de 1870.

Ejecuta la Bula el Delegado Apostólico Mons. Serafín Vanutelli el 18 de julio de 1871, colocando como Obispo a Mons. Luis de Tola y Avilés, nativo de Guayaquil, consagrado anteriormente como Obispo de Berisa.

El Obispo, por enfermedad no puede residir en la nueva diócesis retirándose, con permiso de la Santa Sede definitivamente a Guayaquil el 20 de julio de 1875.

En estas circunstancias el Presidente de la República don José María Caamaño en 1883 propone al P. Schumacher como Obispo Coadjutor de Mons. Luis de Tola.

Pero en vista de que este había renunciado, la Asamblea Constituyente en sesión de 20 de febrero de 1884, pide el nombramiento de Obispo titular de la diócesis de Portoviejo para Mons. Schumacher, no sin antes censurar a Caamaño y su Ministro Dr. Pablo Herrera.

SITUACIÓN DE PORTOVIEJO

No hay asilo para enfermos (Hospitales) ni escuelas para niños: así lo manifiesta el Presidente García Moreno el 1 de junio de 1875 en carta dirigida a la Superiora General de las Hijas de la Caridad en París en la que le manifiesta que piensa fundar un hospital.

En Manabí había 6 sacerdotes y los 6 protestaban por el nombramiento de un Obispo extranjero, afirmando que en el Ecuador hay muchos sacerdotes virtuosos e inteligentes. Se piensa que más bien lo hacían para que no se llegue a poner fin a sus desordenes.

Aceptar la mitra costo lágrimas a Schumacher: tuvo deseos de huir: se cuenta que una vez rompió a llorar ante los seminaristas. Con el viaje del P. Grimm a Europa en 1884 quedo sumido en mayor soledad.

El 31 de mayo de 1885 fiesta de la Santísima Trinidad fue Consagrado Obispo en la Catedral de Quito, con asistencia de 4 Obispos, acompañado de sus seminaristas, su hermana Gertrudis con sus compañeras Hijas de la Caridad y numeroso público.

El pectoral le obsequió su hermano Enrique.

Mientras estuvo en Quito no abandono el Seminario Mayor e hizo lo que pudo para terminar los trabajos emprendidos.

En su Primera Carta Pastoral a la diócesis hace una síntesis de su pasado, se despide de sus seminaristas y expone sus principales preocupaciones sobre la diócesis: falta de clero, ausencias de comunidades religiosas, de centros educativos.

Invocando a la Virgen María, la da y firma en el Seminario Mayor de Quito el 24 de junio de 1885.

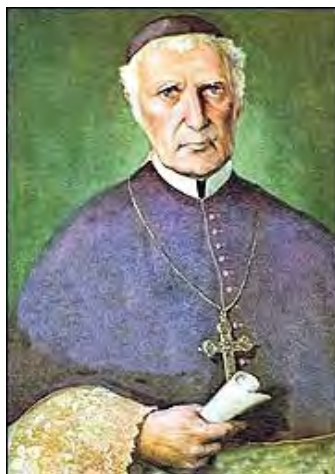
En Manabí desplegó una gran actividad de evangelización: era tierra de misión ad gentes, promoción humana, educativa etc. Luchando en defensa de la fe de su pueblo hasta su destierro.

DOM ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, C.M.

P. Lauro Palú, C.M.

Antônio Ferreira Viçoso nasceu de uma família cristã e piedosa, a 13 de maio de 1787, em Peniche, na Província de Leiria, em Portugal. Aos nove anos, foi confiado aos Carmelitas em Olhalvo e depois em Santarém, para a formação e os estudos iniciais. Aos 15 anos, entrou no Seminário Diocesano de Santarém, onde ficou até 1809. Voltou uns tempos à família e, no dia 11 de julho de 1811, foi recebido no Seminário Interno de Rilhafões (Lisboa), para ser missionário vicentino. Foi ordenado Padre aos 7 de março de 1818 e mandado a ensinar filosofia no Seminário de Évora. Um ano depois, veio mandado para o Brasil como missionário, com o Pe. Leandro Rebello Peixoto e Castro, com o qual fundou a primeira Província vicentina. De 1820 a 1843, trabalhou como educador nos colégios do Caraça, Jacuecanga e Campo Belo, e como missionário em diversas paróquias da Província (hoje Estado) de Minas Gerais.

Em 1843, foi nomeado Bispo de Mariana, onde permaneceu até à morte, em 1875. Dedicou-se à reforma do clero, animou a vida religiosa, fundou escolas e asilos, defendeu a autonomia da Igreja



contra as intervenções abusivas do poder civil (regime do Padroado) e contra as agressões do liberalismo e da maçonaria. Desenvolveu toda a sua ação na Diocese, que era imensa e quase totalmente desprovida de meios materiais e humanos. Mas a sua influência se sentiu em todo o Brasil, dados seus exemplos, seus escritos, o êxito da reforma do clero e a organização da estrutura da Igreja local, e porque formou sacerdotes excelentes e depois os pôde apresentar para serem nomeados Bispos. Sua correspondência revela um pastor totalmente entregue à missão sagrada, definitivamente pronto a atender às solicitações de um zelo ardente, generoso e puro. As cartas aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, aos fiéis, aos políticos, às autoridades da Província de Minas e do País, especialmente as cartas ao Imperador Dom Pedro II, os ofícios ao Internúncio Apostólico e ao Papa testemunham o intenso e permanente empenho do Servo de Deus no serviço da evangelização, da catequese, do governo espiritual e pastoral. São cartas de extrema simplicidade e grandíssima sabedoria, que retratam as condições históricas, sociais, políticas e psicológicas do tempo e também a dedicação total à missão que assumira ainda jovem na Congregação e que cumpria com heroica fidelidade e constância.

Morto em 7 de julho de 1875, sua memória se conservou vivíssima no meio do povo, que ainda hoje lhe pede graças. Dom Silvério Gomes Pimenta, que havia sido seu afilhado, lhe sucedeu anos mais tarde na Diocese e, depois de ter escrito uma biografia de extraordinário valor histórico e hagiográfico, celebrou (de 1916 a 1922) o Processo Diocesano informativo para a beatificação e a canonização. O processo ordinário foi feito em 1985 por Dom Oscar de Oliveira. A causa de beatificação e canonização (Protocolo N. 1459-3/986) recebeu o Decreto relativo à validade do Processo a 10 de outubro de 1986.

As virtudes juvenis

Dom Viçoso recordava com ternura a devoção e a piedade de sua mãe e seu zelo ardente pela educação dos filhos. Depois da inocência das travessuras de menino (as laranjas, o pão, a carne, a fuga do convento, etc.), conhecemos seu empenho nos estudos, a seriedade no discernir a vocação ao sacerdócio e à vida consagrada. Ao decidir-se pelos missionários de São Vicente, foi atraído pela regularidade deles, por seu zelo pela reforma dos costumes, por seu fervor na salvação dos pobres. No Seminário Interno e durante a Filosofia e a Teologia, aprendeu a oração, a obediência aos Superiores, com a frequente e exata prática dos exercícios do tirocínio religioso. Dos tempos de formação lhe veio um carinhoso amor pela Congregação, a consciência da força de uma vida feita de ajuda mútua, de trabalhos em grupo, de correção fraterna, de edificação recíproca, tudo reforçado pela bênção vinda dos Superiores. Tinha um intenso amor à Eucaristia.

Missionário e educador

A vocação missionária o trouxe ao Brasil, de onde jamais voltou à pátria. O trabalho no colégio que os dois missionários fundaram nas montanhas do Caraça era acompanhado pelas missões que o Pe. Viçoso pregava nos lugarejos vizinhos, durante as férias.

No magistério e na direção espiritual, cuidou sempre de seu próprio progresso nos estudos, da vigilância ativa sobre os costumes, da dedicação extrema aos alunos, para que não saíssem menos formados nas virtudes do que peritos nas letras. Controlava o rigor, mas não poupava as correções corporais, caso as julgasse indispensáveis. Pensava que o diretor de um seminário devia ser sábio, virtuoso, habilidoso nas exigências de seu ofício, desinteressado, aplicado unicamente a seu cargo, não empenhado demais nos estudos, porque não atenderia

suficientemente os alunos, nem excessivamente vigilante, porque os exasperaria; e, se não tivesse experiência, seria enganado pelos hipócritas.

Nas missões, não improvisava os sermões, mas os escrevia, procurando ideias e imagens em escritores de boa água, que traduzia e punha à disposição dos outros. No que deixou escrito, correspondência, sermonário e livros, vê-se que tinha nítida consciência das crises e das carências que afligiam mais agudamente o seu rebanho e uma atenta percepção da realidade que o cercava.

Em 1834, foi escolhido como Visitador e recomendava aos Coirmãos as virtudes necessárias: «Em casa, o silêncio, o recolhimento, a regularidade de um anacoreta, e, nas missões, um zelo semelhante ao de São Xavier» (sic).

As virtudes do pastor

Quando Dom Viçoso foi nomeado Bispo, todos reconheciam sua maturidade, seus conhecimentos eclesiais, a familiaridade com a arte de governar e dirigir as almas, as virtudes cristãs e sacerdotais, de que era modelo acabado, a afabilidade, a mansidão, a capacidade, a prudência e a probidade, a força e suavidade no levar a bom termo os seus deveres, e a vasta experiência e conhecimento dos problemas da Diocese em cujo território tinha desenvolvido seu ministério, por tantos anos.

Entre os primeiros trabalhos na Diocese estiveram a restauração e o aumento do Seminário, que depois confiou aos Coirmãos vicentinos. Tinha uma presença marcante junto aos formadores, confessando os seminaristas, abrindo o ano letivo ou presidindo os exames. Escrevia discursos e sermões adequados aos tempos para excitar os alunos a aproveitar da educação que lhes era transmitida. Ocupou-se também

dos órfãos, dos idosos, das monjas, dos padres doentes, da restauração de igrejas e mosteiros. Suas últimas recomendações: sempre proteger e jamais abandonar as pobres órfãs e os doentes.

Nas visitas pastorais à imensa Diocese, cuidava da reforma dos costumes, estimulava o povo à conversão e às confissões. Recebiam-no com amor, dada a sua mansidão e sua presença simples e afável. Sua grande obra, como Bispo, foi a reforma do clero, corrigi-lo dos desvios, orientá-lo à perfeição exigida por seu estado, levá-lo a comprometer-se de modo eficaz no cuidado e na salvação do povo. Visitava seus padres e os ajudava, escrevia-lhes cartas carinhosas, quando tomava conhecimento de seus problemas materiais ou morais. Alimentava o zelo dos padres e a pregação deles, com seu exemplo, com os livros que escrevia ou traduzia e fazia publicar, com artigos nos periódicos e sobretudo com a correspondência pessoal atenta, cheia de ternura e de respeito por seus colaboradores.

Todos conheciam bem as virtudes de Dom Viçoso, sua piedade, a franqueza, a simplicidade, a intensa dedicação apostólica, o uso responsável do tempo, a pobreza mais estrita no que vestia e no que comia. Odiava o pecado, mas amava os fracos e se aproximava deles para protegê-los, enxugando-lhes as lágrimas, consolando-os em suas misérias. Nos elogios feitos em seu funeral, mencionaram-se sua palavra inspirada pela fé, suas mãos sempre voltadas para os Pobres, a nobreza de seu coração, a caridade, a eloquência que cativava os corações, a doçura nos conselhos, os trabalhos incansáveis na beneficência feita aos últimos. Era dotado de uma simpatia natural, cheia de bondade; era homem de costumes muito simples, muito mortificado, sóbrio, frugal, modesto, humilde, inocente de coração, de uma pureza angélica, um zelo ardente pela causa de Deus e um completo desapego das coisas do mundo. Capaz de grande despojamento pessoal, dividia com os outros tudo o que possuía. Cultivou o espírito de justiça e um grande amor ao Criador. Defendeu inflexivelmente a Igreja e os interesses de Deus.

Este elenco de virtudes pode parecer retórico, excessivo ou convencional, mas são as qualidades que aparecem sucessivamente em cada página de sua biografia.

As virtudes teológicas

a) **A fé:** O Servo de Deus cria com todo o coração as verdades da fé. O aspecto concreto e vigoroso de sua fé se via em várias atitudes: na estima pela doutrina da Igreja, no defendê-la intransigentemente contra os maçons e contra o governo que queria submetê-la ao arbítrio do Imperador e dos seus ministros, nas suas leituras espirituais, no estudo da Bíblia, na preparação da pregação, no empenho na catequese das crianças e dos jovens, no esforço de ajudar o clero a preparar e fazer do melhor modo a pregação da palavra de Deus.

Não menos evidente era o amor à Eucaristia, visto o modo como celebrava a santa missa, cada dia: com recolhimento, atenção e profundo respeito, como escreveu o primeiro biógrafo. Outras devoções: à Paixão e Morte do Senhor, à santa Cruz, a Maria Santíssima (consultado por Pio IX, por ocasião da definição do dogma da Imaculada Conceição, respondeu com uma carta muito bonita); rezava a Nossa Senhora nas ocasiões difíceis, como para a conversão dos pecadores; invocava-a especialmente como proteção e ajuda para os padres para o perfeito exercício das virtudes e das funções sacerdotais. Entre os Santos, invocava particularmente Santo Antônio de Lisboa, como pregador popular e missionário, modelo de estudo e de preparação para o ministério; Santa Teresa de Ávila, como modelo de oração e de zelo pela própria santificação, formadora de suas companheiras na consagração e na obediência, modelo que apresentava quer aos padres quer às religiosas da Diocese; Santo Afonso Maria de Liguori, que era para ele um exemplo de bispo, confessor, pregador, moralista e homem de oração.

b) **A esperança:** Dom Viçoso vivia intensamente a esperança em Deus e nas suas promessas. Concretizava-a no desapego das coisas terrenas, na união permanente com Deus, no pensamento constante da morte («a eternidade está por pouco», repetia aos seus padres, estimulando-os ao zelo mais generoso). Contava com Deus para todos os seus empreendimentos, seguro de que, «diante de nossa fraqueza e pequenez, nos dará virtude e força». Vivia a esperança na conformidade com a vontade de Deus nos sofrimentos e nas contrariedades; não se deixou contaminar pela presunção.

Não se desencorajou diante das dificuldades: o abandono e a pobreza material em que se encontrava a Diocese, depois de nove anos de vacância, o seminário fechado por falta de pessoal especializado e de recursos, o atraso e os escândalos do clero, a ignorância religiosa sobretudo das crianças e dos jovens, as injunções políticas, a agressão institucionalizada contra o negro escravo, as perseguições maldosas feitas pela maçonaria. Enfrentou tudo com ânimo impávido, consciente da presença de Deus na sua vida, da força da graça de estado, das promessas feitas à Igreja.

c) **A caridade:** Primeiro, *o amor de Deus*. Tinha o amor de complacência; era terníssimo na adoração da Eucaristia, seja durante a missa, seja nas visitas ao Santíssimo Sacramento; lia periodicamente as rubricas do missal e do pontifical; era fiel ao breviário, às orações e práticas de piedade. «Não tenhamos medo; Deus é muito nosso amigo», dizia sempre. Repetia outras expressões de seu apego a Deus: «Valha-me Deus», «Se Deus quiser», «Bendito seja Deus». O biógrafo o deixou assinalado: «andava sempre na presença de Deus, e presença refletida».

Tinha o amor de benevolência, porque queria glorificar a Deus com sua vida e sua ação sacerdotal e missionária. Realizou-o fortemente na luta pela reforma do clero, nos esforços para não deixar que se ordenassem os candidatos que não eram dignos nem nomear para os

postos os que não considerava adequados ou dignos dos ofícios. Teve que enfrentar o governo imperial sobretudo em duas ocasiões: na questão religiosa, quando apoiou os dois Bispos que o governo mandara prender porque defendiam a independência da Igreja nas relações com o Imperador e quando o mesmo governo quis impor-lhe a nomeação de um candidato que considerava indigno do ofício em questão.

O amor do próximo: era muito atento e muito pronto no socorrer os Pobres. Sabia ajudar sem humilhar, adivinhando as necessidades deles. Sua caridade era feita de delicadezas. Dedicou-se aos pequenos órfãos, aos inválidos, aos doentes, aos padres, especialmente quando doentes ou idosos, aos escravos, aos adversários. Dedicava um cuidado particular ao clero, aos cônegos que o ajudavam no governo, aos padres novos, aos escandalosos ou aos que viviam nalguma dificuldade especial. Em relação ao clero mergulhado nos vícios ou na política partidária e aos pecadores públicos (concubinários, homicidas, etc.), exortava-os vivissimamente à conversão, animava-os a confessar-se, ajudava-os com a oração mais fervorosa. Pregava com todo o coração a necessidade do perdão aos adversários e aos inimigos. Ele mesmo o viveu, até o fundo, com seus adversários, com seus inimigos, com quantos lhe criaram problemas.

As virtudes morais

a) **A prudência:** Dom Viçoso sabia valorizar as experiências passadas, consultava a história, ponderava as circunstâncias e interrogava as necessidades e exigências do futuro. Seus passos eram: refletir maduramente, pedir o conselho dos superiores, escutar as opiniões dos colaboradores, decidir com sabedoria e executar com firmeza quanto julgava que devia fazer para a glória de Deus. Era particularmente atento à escolha dos meios, que fossem os de Deus para as coisas de Deus. Aceitou o episcopado, depois de ter consultado pessoas prudentes e tementes a Deus.

Na reforma do clero, tomou as decisões que julgou mais adequadas: reconstituição do seminário da Diocese, sua entrega aos Coirmãos vicentinos, a quem sempre deu uma ajuda substancial, como apoio e presença, os meios materiais e as exigências que lhes fazia em vista do rigor na seleção e do aprofundamento da formação. Foi especialmente forte e prudente no tomar as providências para ajudar os padres na conversão, na perseverança, na reparação dos prejuízos causados, no afervoramento e nos esforços para desempenhar devidamente os seus ministérios.

b) **A justiça:** procurou ser exato nos seus deveres para com Deus, com a Igreja, os colaboradores, o povo em geral e de modo especial os empregados e os pobres. Era comprometido com o uso mais exigente possível de seu tempo, totalmente consagrado a Deus e aos outros. Preocupava-se com a catequese sobre os deveres na família, na política, nas relações trabalhistas e sociais. Recordava aos párocos seus deveres: a residência, a pregação, a preparação das prédicas, o uso responsável do dinheiro, o bom exemplo.

Viveu heroicamente também as virtudes conexas com a prudência: a gratidão, a obediência e a religião. O biógrafo mais recente sintetizou suas impressões sobre ele, afirmando que Dom Viçoso era um homem totalmente voltado para Deus e totalmente dado aos outros.

c) **A fortaleza:** O Servo de Deus perseguiu com ânimo impertérrito o bem árduo, sem se deixar abater pelo medo nem mesmo pelo da morte. Bonus miles Christi (valoroso soldado de Cristo), foi um defensor intrépido do seu rebanho, na reforma do clero, nas visitas de sua imensa Diocese, nas lutas contra a maçonaria e o liberalismo, na defesa da Igreja, sobretudo durante a questão religiosa, quando da prisão dos dois bispos que não aceitaram a ingerência do império nos deveres da Igreja.

Dom Silvério, seu primeiro biógrafo, escreveu: «não queremos dizer que a natureza deste herói não fizesse seu ofício, arrepiando-se com a apreensão dos cárceres e do desterro. Sentia-os profundamente; mas isto mesmo realça sua fortaleza, porque, antolhando os horrores da prisão e degredo, estava tão disposto a afrontá-los, que chegou a convidar os padres que o haviam de acompanhar, e muitas vezes lhes perguntava se estavam prontos a segui-lo, como os outros, que seguiram os ilustres confessores de Olinda e do Pará».

As virtudes conexas com a fortaleza são a paciência e a constância. Empreendedor, incansável, desconfiava de si mesmo, mas tinha uma confiança absoluta em Deus. No encorajar os padres ao cumprimento exato de seus deveres, confiava neles, estimulava-os a crescer e responder maduramente ao Senhor.

d) **A temperança:** Dom Viçoso tinha o espírito de mortificação, com que conseguiu assegurar o império da razão sobre as paixões. Sabia dominar os sentidos e os pensamentos, moderado no uso das coisas materiais, sóbrio à mesa, reservado nas palavras, amigo do silêncio, modesto em seu comportamento. Mortificava o apetite e a vista, tinha uma grande contenção em seus atos, especialmente nas cerimônias.

Usava com a maior fidelidade seu tempo, trabalhava ininterruptamente, como se pode calcular por sua imensa correspondência com o clero, a Santa Sé, a Internunciatura, o governo e os amigos, e pelos numerosos livros que traduziu ou escreveu, para a instrução do clero e a formação dos seminaristas. Suas cartas pastorais foram verdadeiros tratados sobre a vida cristã, nos aspectos sociais e políticos, nos problemas das famílias e das comunidades.

Aconselhava aos seminaristas, aos padres novos e aos que tinham qualquer problema com o celibato a fuga das ocasiões, o respeito de si

mesmos e dos outros. No uso da roupa, era verdadeiramente pobre. Gastou milhões durante a vida, mas tiveram que vender dois dos seus animais de montaria, sua liteira e seus livros pessoais, para pagar as despesas do funeral. Sua humildade se manifestava no modo de trajar, mas sobretudo no pedir as opiniões e os pareceres dos outros e também no reconhecer os danos causados por medidas tomadas por ele mesmo, como quando temia ser condenado ao inferno porque achava que não tinha sido suficientemente severo na seleção dos candidatos ao sacerdócio. Sua simplicidade era também uma verdadeira transparência no trato, uma franqueza que desarmava as pessoas de sua convivência, a deferência com todos, na medida do possível. Ele mesmo varria seu quarto.

Em suma, descobre-se na vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso um grau não comum de virtudes, mais alto que o tanto que habitualmente vivemos, virtudes que formam um conjunto harmonioso, animado por uma caridade perfeita. Tudo parecia vivido na alegria mais natural e fácil, mas era totalmente sustentado por Deus e por seu amor.

A causa de beatificação e canonização:

Entre a documentação apresentada em Roma para o processo de beatificação e canonização de Dom Antônio Ferreira Viçoso, C. M., destaca-se a chamada *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, que é um grosso volume de 816 páginas, dividido em seis partes: uma apresentação do Relator da Causa; uma declaração do Relator Geral da Congregação para as Causas dos Santos, que fez passar a documentação para o estudo dos Consultores que a examinariam do ponto de vista histórico; uma síntese de toda a biografia e dos estudos sobre Dom Viçoso, chamada *Informatio sobre o grau heroico de suas virtudes e a fama de santidade* (esse trabalho foi a fonte que mais utilizei na elaboração desta síntese biográfica); o Decreto de 10 de outubro de 1986 da Congregação para as Causas dos Santos sobre a validade do processo informativo

feito na Arquidiocese de Mariana; um *Sumário* dos Processos feitos em Mariana em 1916-1922 e 1985; e a *Biografia Documentada* de Dom Viçoso.

A Biografia Documentada, a Informação sobre a heroicidade das virtudes e um primeiro sumário foram escritos por Maurílio Camello, que foi padre vicentino e hoje é professor em Taubaté, São Paulo. Quando se tratou de escolher um historiador para compor os textos, foi sugerido ao Postulador das Causas o nome do Maurílio, que havia escrito sobre os dez primeiros anos do Colégio do Caraça sua tese da Universidade Gregoriana em Roma e depois outra tese de doutorado, em São Paulo, sobre Dom Viçoso como reformador do Clero. Maurílio foi a Roma, estudou as normas da Santa Sé para a redação das biografias, pesquisou nos Arquivos Secretos do Vaticano, em muitos outros arquivos, bibliotecas e museus, podendo escrever uma biografia particularmente documentada, com pesquisas exaustivas sobre quase todos os pontos, citando documentos já usados pelos biógrafos anteriores e muitíssimos outros agora utilizados pela primeira vez, especialmente as cartas de Dom Viçoso e seus ofícios ao Governo imperial do Brasil, à Internunciatura Apostólica, ao próprio Santo Padre, aos amigos e confidentes, à Superiora das Filhas da Caridade de Mariana e a inúmeros outros.

Foi necessário apresentar à Santa Sé o texto do Prof. Maurílio em italiano. Durante três anos, começando ainda em Roma, depois no Caraça e finalmente no Rio, escrevi tudo em italiano e por isso meu nome consta no processo como colaborador. Em 1997 foi encontrado o processo feito por Dom Silvério Gomes Pimenta em 1916-1922; Maurílio o estudou criticamente e o anexei ao primeiro Sumário. Dia 23 de abril de 2002, os Consultores que estudaram o valor histórico da Causa se pronunciaram favoravelmente sobre 3 pontos: se as pesquisas históricas foram devidamente realizadas, se as fontes históricas usadas merecem fé e se nessa documentação aparecem elementos que sirvam de sólida fundamentação histórica para se julgar da fama de santidade e

do exercício das virtudes por parte do Servo de Deus Dom Antônio Ferreira Viçoso. Houve seis pesquisadores. Todos votaram unanimemente de modo afirmativo quanto às três perguntas, e só um deles após um *juxta modum* a seu primeiro e segundo voto, achando que as pesquisas poderiam responder a mais algumas dúvidas que surgem no espírito de quem lê os textos, sobretudo se não se conhece todo o contexto histórico, social, político, religioso e cultural em que os fatos ocorreram.

Os Consultores teólogos se pronunciaram sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Dom Viçoso. Em 8 de julho de 2014, o Santo Padre assinou o decreto que reconhece as virtudes heroicas de Dom Viçoso, que passou a ser tratado como Venerável. Está em estudo, um milagre obtido por intercessão de Dom Viçoso; se aprovado, o Papa assinará o decreto para a beatificação. Um segundo milagre reconhecido oficialmente pela Igreja o levará à canonização. Isso pode levar alguns anos, mas, se houver os milagres, tudo se desenvolve mais rapidamente.

Esta síntese biográfica de Dom Viçoso deve ser espalhada e divulgada nas paróquias e missões, estimulando o povo a recorrer à intercessão do Servo de Deus, para alcançar graças e milagres. Cabe a nós suscitar nos fiéis uma devoção que os leve a imitarem as virtudes de Dom Viçoso e a recorrerem à sua intercessão. Já desde os primeiros anos depois da morte de Dom Viçoso, ele é muito invocado para pedir a Deus a proteção contra incêndios e em casos de doença grave.

**ORAÇÃO PARA PEDIR A BEATIFICAÇÃO DO
SERVO DE DEUS DOM ANTÔNIO FERREIRA
VIÇOSO E ALCANÇAR GRAÇAS POR SUA
INTERCESSÃO**

Senhor Jesus Cristo, glória dos vossos sacerdotes,
Bom Pastor que destes a vida pelas vossas ovelhas, nós vos
agradecemos pelas virtudes e pelos dons com que vos
dignastes adornar o grande Bispo, Dom Antônio Ferreira
Viçoso, para fazer dele um modelo luminoso de defensor da
Igreja, reformador do Clero e santificador do povo cristão.

Vós que prometestes glorificar aqueles que vos
servirem, dignai-vos glorificar, com a honra dos altares, se
for para a maior glória da Santíssima Trindade e honra do
vosso Sacerdócio, este vosso servo e concedei-nos, para este
fim, por sua intercessão, a graça que confiantemente vos
pedimos.

Pai nosso, Ave Maria, Glória ao Pai.

Pode imprimir-se.

Mariana, 7 de julho de 1964.

† Oscar, Arcebispo de Mariana.

Pode-se comunicar qualquer graça alcançada ao Vice-
Postulador da Causa de Dom Viçoso, Cúria
Metropolitana de Mariana, Minas Gerais.

BIBLIOGRAFIA

PIMENTA, Padre Silvério Gomes. *Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição*. 3a. ed. Mariana, Tipografia Arquiepiscopal, 1920.

SILVA NETO, D. Belchior J. da. *Dom Viçoso, Apóstolo de Minas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1965.

CALADO, Mariano. *D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana*. Gráfica Ideal de Cacilhas (Portugal), 1987.

CAMELLO, Maurílio. *Dom Antônio Ferreira Viçoso e a reforma do Clero em Minas Gerais, no século XIX*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1986.

Rio de Janeiro, 6 de junho de 2003;
Caraça, 8 de março de 2018

HIJAS DE MARÍA: Josefa Parra y Coleta Meléndez

Texto escrito del libro "Las siervas de Dios Josefa Parra y Coleta Meléndez, mártires de Degollado», escrito por el Pbro. Tiberio Munari Chiomento, Misionero Xaveriano

Introducción

La idea de los primeros padres de la patria mexicana, don Miguel Hidalgo y don José María Morelos y Pavón, había sido la construcción de un estado cristiano (1821). Sin embargo, los vientos liberales y jacobinos de Europa, especialmente de Francia, convirtieron pronto el Estado mexicano en una institución hostil a la religión y a la iglesia, hasta que la reforma (1847) convirtió la hostilidad en persecución contra la iglesia católica con la supresión de las órdenes religiosas, la educación laica y la expropiación de los bienes eclesiásticos.

A la dictadura liberal de don Benito Juárez, sucedió la de don Porfirio Díaz que gobernó México durante más de 30 años (1876 – 1910).

En 1910 estalló la Revolución por obra de Francisco I. Madero. Poco después, los revolucionarios rurales, dirigidos por Francisco Villa en el norte y Emiliano Zapata en el sur se reunieron en la revolución. Díaz se escapó y se sucedieron una serie de gobiernos provisionales. Los acontecimientos de la revolución mexicana son confusos y sangrientos. Varios miles de personas fueron asesinadas por el gobierno y las milicias revolucionarias.

Durante los años después de la Revolución de 1910, México sufrió el caos y la anarquía, mientras los ejércitos zapatistas, carrancistas y villistas

se repartían el territorio nacional. Algunos grupos de bandoleros aprovecharon la situación para asolar las localidades indefensas. Uno de estos forajidos, considerado históricamente el más peligroso, J. Inés Chávez, apodado «el Atila del Bajío», durante tres años fue el dueño casi absoluto de varias poblaciones de esa región.



Ubicación de Degollado, Jalisco

En la mañana del 24 de diciembre de 1917, con numerosa y bien pertrechada tropa, puso a fierro y fuego al pueblo jalisciense de Degollado, defendido por un simbólico puño de heroicos hombres. Lo que sucedió en aquella trágica víspera de la Navidad resultó indescriptible: casas y comercios incendiados, 70 hombres colgados y centenares de damas ultrajadas.

Sin embargo, dos de ellas, Josefa Parra, de 25 años, y Coleta Meléndez, de 20, «se burlaron -como escribe el historiador Carlos F. Álvarez- de aquellas fieras sanguinarias y lujuriosas, porque, mientras eran conducidas al cuartel, en un momento de distracción de los verdugos, se escaparon y se arrojaron al interior de un negocio que ardía en llamas.

La sierva de Dios Josefa Parra

Josefa parra, hija de Marcelo y Guillermina Esther Flores, nació el 16 de mayo de 1892 y fue bautizada en la parroquia de La Piedad en El Sabinito, Michoacán, el día siguiente, con el nombre de María Josefa Juana de Jesús.



En Degollado, Josefa entró a la escuela particular que tenía la Señorita Senorina Aviña para hacer la primaria; y cuando dicha señorita fue nombrada directora de la escuela oficial del pueblo, Josefa continuó sus estudios en la escuela estatal hasta los trece años.

Además, recuerda Cataliba de la Paz, el párroco padre Sahagún, tenía en la parroquia de Degollad, a algunas religiosas, y las dos siervas de Dios Josefa y Coleta, asistían a sus lecciones de cultura religiosa y escolar.

En los últimos años de la primaria murió su mamá, por lo cual, ella tuvo que alternar escuela y casa, para cuidar a su padre y a su hermano, y dos hermanas haciéndoles de madre. Según informó la directora Aviña, ya desde que tuvo a Josefa como alumna, se distinguía de sus compañeras, por el fiel cumplimiento de sus clases, por su carácter recogido y su obediencia, por su modestia, sobre todo en el vestir.

Desde muy pequeña, Josefa se señaló por su espíritu humilde y casi tímido, y por su piedad sencilla, heredada de sus padres, profundamente religiosos. Siempre usaba falda larga y un chal con el que se cubría la cabeza y que le bajaba por uno y otro lado de la cara.

Sin embargo, a pesar de su timidez, Josefa muy pronto aparece como una mujer líder, con su testimonio de vida, en el grupo de la Asociación de las Hijas de María Inmaculada, ingresando en la misma el 8 de diciembre de 1906, siendo vicario y director espiritual, el padre Vicente Michel.

Ésta asociación se estableció en México en 1862 y en el mismo año también en Guadalajara. En Degollado empezó el 8 de enero de 1895, bajo la dirección del padre Cayetano Gómez con la recepción de 38 aspirantes.

Durante la persecución religiosa (1910-1930), las Hijas de María dieron prueba de su fidelidad a la iglesia, dignas de las primeras mártires cristianas, como por ejemplo aquellas diez jóvenes, apresadas por pertenecer a la Asociación, y cuya presidenta ofreció su vida a Dios muriendo fusilada.

Las Hijas de María Inmaculada aspiran a la perfección cristiana en el mundo y al apostolado en la iglesia, por medio de la promesa o consagración a Jesús por María, a través de las cuatro virtudes de la caridad, pureza, humildad y obediencia.

Ya desde 1909, Josefa tuvo la suerte de encontrar en el padre Julio Flores, primer vicario y luego párroco de Degollado, un óptimo director espiritual. Durante los siete años en que estuvo en la parroquia, fue el director espiritual de las Hijas de María Inmaculada, preparando con diligencia las doctas charlas que daba mensualmente a las socias, y cuyos temas podemos encontrar en las actas de la Asociación, y que era la doctrina del jesuita Juan Bautista Scaramelli en sus obras clásicas *El directorio ascético* y *el Directorio místico*.

Bajo ésta iluminada guía espiritual, Josefa llegó a ser entre sus compañeras de Asociación, un verdadero modelo de virtud, sobresaliendo su obediencia, su modestia, su caridad, su amor al prójimo, su abnegación y las penitencias que mandaban los Estatutos de las Hijas de María Inmaculada.

El cristocentrismo de Josefa se caracterizaba ante todo en su amor a la Pasión de Nuestro Señor Jesucristo, y su amor y devoción a la Sagrada Eucaristía. Participaba en la misa cada día. Estaba acostumbrada a visitar al Santísimo Sacramento. El mismo día de su gloriosa muerte, por la mañana fue a misa y comulgó.

Además tenía una filial devoción a la Virgen Inmaculada, llevando con orgullo su medalla.

La Sierva de Dios Coleta Meléndez



Don Marcelo Parra, papá de Josefa, en Degollado Jalisco, había acumulado realmente una cierta fortuna; de hecho, pocos años después, compró un rancho en El Refugio, en el municipio de Degollado Jal., y recibió para las labores de sus tierras a otras familias. Entre ellas estaba la familia de Don José Refugio Meléndez, quien con su esposa Macaria de la Torre y su hija Coleta, de ocho años, Ana María de cinco, y María Juana de sólo un año, se establecieron

en El Refugio como trabajadores de los señores Parra. Las buenas relaciones entre don Marcelo y don Refugio favorecieron el encuentro entre Josefa, hija del patrón, y Colecta, hija del trabajador, quienes trabaron una cordial y sana amistad que duró hasta su gloriosa muerte.

La niña coleta había nacido en marzo de 1897, en el rancho del Nombre de Jesús, en Tierras Blancas, Abasolo, Guanajuato; fue bautizada en la parroquia de Cuitzeo, el 9 de marzo con los nombres de María Coleta Francisca y confirmada en la parroquia de Nuestra Señora de la Luz, de Abasolo, por el Arzobispo de Morelia, don Atenógenes Silva en 1901. Bajo la dirección de su amiga Josefa, cinco años mayor que ella, Coleta pudo prepararse a la Primera Comuni3n, siendo su madrina la misma Josefa. Coleta hac3a frecuentes viajes desde El Refugio a Degollado, lejos unos cinco kil3metros.

Su hermana Ana Mar3a, menor de tres a3os, dice que Coleta era blanca, cara redonda, grandota y fuerte. Sab3a leer pero no escribir, ella nos daba el catecismo en el rancho. Era virtuosa, el domingo iba a la misa en la parroquia de Degollado y hac3a sus primeros viernes de mes en honor del Sagrado Coraz3n de Jes3s.

Era muy noble con nuestros pap3s y con nuestros hermanos; siempre nos cuidaba, aunque algunos eran m3s grandes que ella. Nos hablaba de Dios, de la Pas3n de Jes3s que hab3a muerto por nosotros, y me aconsejaba hacer el bien a quien me hab3a hecho el mal. Nos inculcaba a que hici3ramos todo por nuestro Se3or. Y cuando iba por agua, dec3a: «lo hago por el Se3or», y as3 antes de comer.

Su hermana Juana nos a3ade otros aspectos: «no dorm3a en su cama sino en el suelo, sobre un saco de ma3z.

Como su madrina Josefa, tambi3n Coleta entr3 en la Asociaci3n de las Hijas de Mar3a Inmaculada, el 31 de mayo de 1916. Coleta era muy amante de la penitencia, Quer3a imitar a su madrina, y ella le aconsej3 que si deseaba mortificarse pod3a usar otros medios, aceptando por ejemplo las espinas de las ortigas que a veces se encuentran en el borde del camino.

Coleta ayunaba los días de fiestas de la Santísima Virgen, lo mismo que en Semana Santa. Según la Señorita Cornelia Bañales, hermana en ña Asociación, Coleta llevaba una vida de santidad. «Una vez, cuenta Cornelia, venía de El Refugio con los zapatitos en el hombro, cortando flores para el Santísimo, cuando unos arrieros les dijeron unas groserías, ella contestó que no la molestaran. Como era de piel muy blanca y rostro bonito, ella se cubría con un sombrero de largas alas, para no ser vista. Dijo Ana María, la hermana de Coleta, que las dos siervas de Dios no eran cazadoras de novios.

Era verdaderamente virtuosa y llevaba una vida ejemplar, practicando las cuatro virtudes de las Hijas de María Inmaculada: caridad, pureza, humildad y obediencia.

Oración, mortificación y apostolado fueron los tres pilares de la vida ascética y mística de las dos siervas de Dios. El apostolado era más bien reducido al ambiente parroquial de preparar niños y niñas a la primera comunión, la enseñanza del catecismo, el tener limpia la casa de Dios, la visita a los enfermos y las reuniones de la Asociación.

Dios amaba grandemente a estas dos almas puras, y como por imán, estaba atraído a permanecer en ellas y se complacía sumamente de glorificar en ellas sus mismas virtudes que las harán capaces de cumplir su último gesto heroico.

Martirio de Josefa y Coleta

La tarde del domingo 23 de diciembre de 1917, las Hijas de María, entre ellas Josefa y Coleta, se reunieron para celebrar la asamblea de Navidad, presidida por el vicario padre Antonio María García, en ausencia del director padre Toribio de la Garza Cantú. El padre Antonio las exhortó al cumplimiento de las promesas hechas a la Virgen, y que eso serviría

para la práctica de las virtudes que forman el espíritu de Asociación. Nadie imaginaría que dos de ellas, un día después, iban a sellar con el martirio, la solemne consagración hecha a la Madre de Dios.

La tarde del trágico lunes, cuando los esbirros de Chávez llegaron golpeando salvajemente la puerta de la casa de don Marcelo Parra, encontraron a Josefa, Coleta y otras muchachas reunidas allí, todas espantadas. Según José Refugio, hermano de Josefa, ellas se habían desfigurado con aceite y manteca para parecer enfermas. Estaba también la hermana de Coleta, María Juana, niñas de trece años. Ella cuenta que cuando los soldados de Chávez llegaron a la casa, empezaron a tirotearlas, y dijo Coleta: «si morimos, morimos por Dios»

Los hombres intentaron adueñarse de la niña María Juana, pero Coleta, que era muy grandota y fuerte, se la quitó de las manos, y la espantada niña salió de la casa corriendo, alcanzó a una señora llamada Gregoria y con otras personas llegaron al rancho de Los Ranchitos a la casa de un señor llamado Juan, y así pudieron salvarse.

Mientras tanto en la casa de los Parra, Josefa y Coleta se resistían, abrazadas la una de la otra, gritando: «mátennos aquí». Pero los perseguidores les dijeron que no estaba permitido matar gente en las casas, y las obligaron a salir a la calle, ya heridas por los golpes de aquellos salvajes; ellas en el medio, y los esbirros a los dos lados. Les dijeron que no las tocaran, y que caminarían voluntariamente camino del cuartel.

Sin embargo, al llegar a una esquina de la plaza principal, vieron una tienda que estaba ardiendo. Josefa, dándose cuenta de lo que le esperaba, se les escapó a aquellos salvajes y, seguida instintivamente por Coleta, se arrojó en ese lugar que ardía, «diciendo (da fe una testigo) su oración preferida: «Oh María, concebida sin pecado».

Sus mismos perseguidores (escribe el historiador Carlos F. Álvarez), aquellas fieras sanguinarias y lujuriosas quedaron paralizadas momentáneamente por el asombro que les produjo aquel acto insólito, la terrible inmolación.



Inmediatamente, trataron de rescatarlas, pero las llamas avivadas por el viento, cobraron mayor fuerza y envolvieron los cuerpos de las dos mártires. Alguna persona dijo que en el intento de retenerlas, sólo quedaron con el chal de Coleta entre las manos. Las ropas y los cabellos empezaron a arder en medio de aquella pira trágica. Los cuerpos lamidos y devorados por el fuego, se retorcían, pero ningún dolor salió de las bocas de aquellas infortunadas.

Aquellas dos doncellas, frágiles por su naturaleza, fueron unas guerreras que supieron defenderse a su manera, con gran audacia y heroísmo; con fe e inteligencia pusieron en jaque a los esbirros del bandolero Inés Chávez. Ellas invocaron a Dios antes de actuar, para pedirle protección, y en las llamas siguieron orando, para pedirle fuerza y constancia.

En boca de diferentes testimonios de quienes conocieron a Josefa y Coleta, cuentan algunos detalles que se dieron antes de este acontecimiento, y comentan que Josefa dijo alguna vez: «Yo primero muerta que caer en manos de esos hombres» y entonces, Coleta, que estaba presente, dijo lo mismo».

Otro testimonio dice que Coleta dijo alguna vez a su mamá: «Vamos a confesarnos por navidad; si llega Chávez, yo soy capaz de echarme en el fuego o en el pozo para librarme.

Y un tercer testimonio, dado por Simona Macías cuenta que «la última noche que las dos siervas de Dios pasaron en éste mundo, estaban juntas; y sabían que iba a entrar gente de los revolucionarios, pero como otras veces, decían y no entraban. Pues estaban platicando muy contentas, cuando dijo Josefa: Ahora estamos muy contentas, pero mañana, a esta hora en la eternidad. Y yo le dije: Oye, ¿por qué dices esto si estamos muy tranquilas? Josefa respondió: ya ves, pues mañana nosotras; por eso, cuando dejó su casa con la hermana María Juana, para ir al pueblo para las fiestas navideñas, le recomendó a la otra hermana Ana María: cuida a mi mamá, yo voy al pueblo. Nunca antes mi hermana me había dado esta recomendación.

Todo eso nos dice que las dos ya estaban de acuerdo que era mejor morir voluntariamente, que consentir a los malos deseos de esos salvajes. María Ignacia Quezada afirma categóricamente: «No lo hicieron por desesperación, ni con la intención de suicidarse, ni por medio ni por locas, sino por amor a Dios y a la castidad».

Una vez que se retiraron las fuerzas de Chávez, personal del municipio recogieron los restos calcinados de las dos siervas de Dios y los enterraron en el cementerio.

El 6 de enero de 1918, pocos días después de la catástrofe, llegó el nuevo cura don Epigmenio Gutierrez, quien se interesó enseguida por las dos mártires, y pidió al pueblo que le trajeran los objetos pertenecientes a las dos. «Ocurrió una tarde, cuenta el mismo, que vino a verme un niño de doce años y me trajo una medalla chamuscada. La limpié y vi que tenía dos letras hechas con punta de alfiler, C. M. (Coleta Meléndez). La regalé a la señora Ignacia Ceja, juntamente con un crucifijo que era de Josefa Parra.

El 8 de enero de 1918, el vicario padre Antonio María García reunió el pequeño grupo disperso de las Hijas de María Inmaculada, triste, herido, y las exhortó con palabras consoladoras a aplicar pronto la medicina del perdón para sus corazones desgarrados por la pérdida de tantos familiares, y en particular, por las dos compañeras, Josefa y Coleta (Acta del 8 de enero de 1918)

Su fama de santidad y martirio

Josefa y Coleta, de almas límpidas y generosas, pertenecían a la Asociación de Hijas de María Inmaculada, llevando con amor y orgullo su distintivo y medalla. No faltaban cada año a la Peregrinación a la Basílica Nacional de Santa María de Guadalupe. Meditaban sobre la Pasión de Jesús; llevaban una vida ejemplar, y ambas practicaban a conciencia las cuatro virtudes requeridas a quienes pertenecen a esa pía Asociación: caridad, obediencia, humildad y pureza.

Pronto se extendió por toda la comarca (una parte de Los Altos, del Bajío y de Michoacán) la fama de martirio de esas dos valientes doncellas. Incluso el quinto Arzobispo de Guadalajara, D. Francisco Orozco y Jiménez, a los pocos meses del trágico suceso, visitó el pueblo y mandó al Párroco (por ser entonces jurisdicción de la Arquidiócesis tapatía) que trasladara a la iglesia parroquial los pocos restos incinerados de



Pinturas de Alvina Zendejas

ellas, y colocara sobre sus tumbas la inscripción: «Aquí yacen los restos de Josefa Parra y Coleta Meléndez, que se arrojaron al fuego para no ser violadas».

El Prelado estaba convencido, pues, de que eran mártires, y lo mismo puede decirse de su sucesor y sexto Arzobispo Metropolitano, D. José Garibi Rivera, quien en 1952 aprobó iniciar el Proceso de Beatificación, en su fase diocesana, del par de admirables vírgenes. El Proceso en ese inicial trámite resultó favorable, e inmediatamente, en el año 1953, se remitió la documentación a Roma.

El 24 de Diciembre de 1917 un grupo de guerrilleros entró en el pueblo de Degollado a sangre y fuego. La capturaron y presintiendo que sería ultrajada en la pureza característica de las Hijas de María, se arrojó a una casa en llamas, en donde perecía calcinada a los 25 años de edad, y todo el pueblo recuerda la heroica autoinmolación de dos de sus jóvenes hijas, Josefa y Coleta, mártires de la dignidad femenina.

Nota Aclaratoria: *Por principio de cuentas, debe asentarse que al nombrar a estas dos Siervas de Dios como «mártires», no pretendemos adelantarnos al juicio oficial de la Iglesia. El empleo de ese término es en sentido puramente popular.*

PADRE NICOLÁS VAN KLEEF, C.M. "QUIERO SER BUENA NOTICIA"

José Pío Jiménez Olmos

Si la muerte es siempre un evento que causa impacto, más lo es la muerte violenta. Y cuando la violencia se comete contra un hombre bueno e indefenso, se hace memorable aún. La muerte violenta y sin sentido de un sacerdote que sólo quería ser BUENA NOTICIA es algo que todo el pueblo debe recordar.



Es más, su muerte nos ha hecho volver a mirar la vida del Padre Nico, como cariñosamente lo llamábamos, para escuchar, ver y apreciar esa BUENA NOTICIA que él quería ser y difundir.

La memoria de Nico, su biografía, la queremos presentar de manera sencilla en cinco etapas:

1. **SU VIDA,**
2. **SU VIDA SACERDOTAL,**
3. **SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ,**
4. **SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ CON EL PUEBLO,**
5. **SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ CON EL PUEBLO EN LA ETERNIDAD**

Que esta pequeña memoria de nuestro hermano Nico nos inspire a todos a ser BUENA NOTICIA.

1. SU VIDA

Un domingo en la primavera de 1937 nació en el pueblo de Woerden, Holanda, Nicolás Van Kleef. La fecha, el 18 de abril, fue muy especial para la familia Van Kleef porque ese día llegó al mundo su primer hijo, Nicolás. En un par de años la Segunda Guerra Mundial empezó en Europa, 1939 – 1945. Holanda fue ocupada en estos años por las Fuerzas Militares de Alemania.

La niñez de Nicolás fue la misma que la de sus compañeros de su tiempo: mucho estudio, mucho juego de fútbol y también mucha ayuda en su hogar. Una curiosidad con sus estudios y un interés de servir a otros marcó su juventud. Particularmente, Nicolás le preguntó a su padre sobre su tío Elías quien era sacerdote vicentino trabajando en Guatemala, América Central. Nicolás empezó a escribir a su tío, el Padre Elías Van Kleef, c.m., y decidió investigar el programa en su seminario en Holanda.

Durante su preparación académica en el seminario además de sus estudios, Nicolás también desarrolló en su tiempo libre un interés en actos de magia para entretener. Más adelante, esto le ayudó mucho en su labor pastoral, especialmente con los niños y jóvenes.

En 1963, 19 de marzo, Nicolás es ordenado sacerdote en la comunidad de los Padres Vicentinos, la Congregación de la Misión. Sigue en los pasos de su tío Elías y llega a ejercer su sacerdocio en América Central, específicamente en Guatemala, allí donde trabajaba su tío, por un par de años. De allí es asignado a Panamá en 1965 y junto con el padre Juan Hoogenboom, c.m., también Holandés, se encargan de la Iglesia Catedral en la provincia de Santiago de Veraguas y las 26 comunidades a su alrededor.

El registro bautismal de la Parroquia Catedral nos indica que comenzó a trabajar en esa parroquia en febrero de 1965 hasta febrero de 1976. Ya accidentado, el padre Nico, junto con el padre Juan, continúa su labor pastoral en la provincia de Chiriquí, específicamente en la ciudad de Alanje en la parroquia Santiago Apóstol y todas las comunidades que la rodean.

Finalmente, a mediados de 1986, después de once años de servicio en Alanje, padre Nico fue asignado a la Casa de Concepción, casa vicentina de la Provincia de Filadelfia, para trabajar en el Sector de Santa Marta. Es allí donde sufre su martirio en mayo de 1989.

2. SU VIDA SACERDOTAL

Monseñor Martín Legarra, O.A.R., Obispo de Santiago de Veraguas en los tiempos del trabajo pastoral del padre Nico allí, da su testimonio de la vida sacerdotal del padre Nico en su libro: DE MI ACONTECER MISIONERO EN PANAMÁ:

«Entre los pocos, pero valiosos, recursos humanos con que cuenta esta Diócesis, hay uno hacia el cual siento el mayor de los respetos y el cariño más sincero. Las circunstancias hacen de la suya una personalidad incomparable, única. Es nuestro misionero en silla de ruedas.

«Ustedes hermanos se preguntarán: ¿Y cómo es que el Padre Nico ha quedado en esa situación? Fue así: hace unos nueve años que el Padre Nico pisaba por vez primera tierra panameña, con sus credenciales de misionero en mano, y el tesoro de su juventud de 29 años. De porte esbelto, simpático. Un año después, apenas entrenado en sus tareas pastorales, sufrió en la carretera un gravísimo accidente automovilístico, El vehículo, totalmente destrozado y la columna vertebral del Padre Nico, muy seriamente afectada. Consecuencia: quedaría paralítico de medio cuerpo hacia abajo y por lo tanto, en silla de ruedas para el resto de su vida.

«Los superiores de Nico acordaron trasladarlo a Holanda para un Tratamiento terapéutico adecuado. «Es el hombre del optimismo. La sonrisa, reflejo de su espíritu fuerte y grande, es casi permanente en su rostro. Mirada penetrante, reveladora de una muy clara inteligencia.

«Por encima de todo, el Padre Nico es un gran sacerdote, un apóstol de cuerpo entero. Aunque maltrecho su físico, su preocupación constante, sin baches en su entusiasmo, es hacer de la pastoral de la Diócesis algo cada vez más eficaz y dinámico.

«Es un testimonio viviente de lo que puede un hombre de voluntad férrea, dominado por el más alto de los ideales.

«Su vida es como un fuerte reproche a los comodones, a cuantos tan fácilmente solemos desalentarnos ante la dificultad y la prueba.

¡Vivan los valientes! Seamos resueltos en el hacer camino en la vida con la cruz a cuestas. Como Cristo; como el Padre Nico, nuestro colaborador y agente pastoral de primera fila.»

3. SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ

Santiago de Veraguas 1965 - 1976

Después de la Fiesta de Reyes, enero 6 de 1965, el Padre Nicolás llega a la comunidad de San Pedro de El Espino, una de las tantas comunidades que dependían de la parroquia de la Catedral en Santiago de Veraguas, Panamá.

Esta visita despierta mucha alegría en la comunidad, especialmente niños y jóvenes demostraron entusiasmo, pues por primera vez un sacerdote visitaba la comunidad para quedarse ocho días con ellos.

Su personalidad y su juventud llamaba la atención de quien lo recibía en su casa; pero mayor fue la sorpresa del pueblo al oír al Padre Nicolás, un holandés, comunicándose perfectamente en español y con buena pronunciación.

La juventud, la niñez, con especial atención, fue el objetivo esencial del Padre Nicolás, ya para entonces era «el Padre Nico», el amigo de El Espino.

Sus actividades pastorales: misas, rosarios, charlas, películas... siempre había la enseñanza práctica – la formación cristiana. Padre Nico fue enemigo del fanatismo, recordamos su enseñanza cuando decía:

«De nada sirve ir a Misa, a procesiones, rezar, confesarse, comulgar, etc... si no somos buenos esposos, buenos padres, buenos hermanos, buenos hijos. Dios Nuestro Señor no nos preguntará cuantas veces fuimos a misa, rezamos el rosario, nos confesamos, comulgamos... Él sabe si fuimos buenos padres, esposos, hermanos. Hijos, amigos, si nuestro comportamiento fue bueno, si amamos al prójimo, si perdonamos.»

Alanje 1976 – 1986

Después de trabajar en Santiago por once años, el padre Nico es trasladado a la Provincia de Chiriquí, Panamá y es asignado a la parroquia de Santiago Apóstol en el distrito de Alanje. Allí se instala junto con el padre Hoogenboom, quien se ha transformado en su acompañante permanente debido a su condición física después del accidente automovilístico,

En su trabajo pastoral padre Nico fue reconocido como un hombre humano, sencillo, realizado, hombre de verdadero amor a la comunidad. Trabajó con ahínco en conjunto, formando grupos, catequistas, laicos y jóvenes.

Un interés mayor durante toda su vida fue la Amistad. Un modo de despertar y divertir a la gente fue compartiendo con un show de magia. ¡Qué bueno ver reír a todos tristes, amigos, compañeros!

Padre Nico supo dar y darse a las personas: ropa, comida, dinero, juguetes, etc....sobre todo él amó a los demás sin esperar nada a cambio. Padre Nico vivió para la gente.

Santa Marta 1987 - 1989

A mediados de 1986, después de once años de servicio en Alanje, Padre Nico fue asignado a la Casa de Concepción para trabajar en el Sector de Santa Marta con sus 28 comunidades aledañas.

Muchos miembros de este Sector, que trabajaron con Nico, dan una serie de testimonios sobre su vida y su obra sacerdotal en dicho Sector. Veamos algunos de ellos para ilustrar esa entrega al trabajo pastoral.

«Su forma de ser era amistosa. El Padre Nico empezó a trabajar con nuevos métodos. Por ejemplo, cada semana repartía unas páginas durante la Misa que contenían el evangelio, unas preguntas y una pequeña reflexión. Proyectaba películas en días de Semana Santa y después de la película daba una explicación. Esto animaba a las personas a participar más en las distintas actividades de las capillas.»

«Escuché muchas veces a personas decir que les gustaba su forma de ser, a otros quizás les incomodaba ya que él era muy recto en las cosas de la Iglesia. Al padre le gustaban los niños y siempre hablaba con ellos y les tomaba fotografías. Divertía mucho a la gente con sus famosos actos de magia. En la mayoría de las actividades donde el padre Nico estaba, llevaba la cámara para sacar fotografías. Después se ponían estas fotos en un mural en la iglesia. Esto le gustaba a la gente al mismo tiempo que los incentivaba a seguir participando en las actividades de la iglesia.»

«Frecuentemente, habían personas en su cuarto: visitas, estudiantes buscando tareas, otras pedían un consejo. Muchos exclamaron de la variedad de aparatos en su cuarto. Una amiga mía me decía que el Padre Nico era como un baúl que lo que se buscara en su cuarto había y sorprendía. Yo pienso como muchas otras personas que el Padre Nico no ha muerto, él está vivo entre nosotros, en todo el trabajo que realizó y sigue realizando.»

4. SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ CON EL PUEBLO

Santiago de Veraguas 1965 – 1976

Su programación inicial consistía en el desarrollo de cuatro actividades diarias:

Las primeras horas de la mañana...Celebración de la Misa.
 Durante el día...Visita a los campos vecinos y comunidad.
 En la tarde...Compartía con la juventud sus experiencias.
 Dialogaba desde luego haciendo hincapié en sus actividades pastorales.
 Y en la noche...Rezaba el Santo Rosario en la capilla del lugar.

El Padre Nico siempre puso en práctica una filosofía práctica, utilizando de gran forma el conocimiento del joven para lograr el desarrollo de sus objetivos pastorales. La constante comunicación, el diálogo y sus habilidades como mago llamó poderosamente la atención de su público.

El padre Nico, era deportista de grandes habilidades para el fútbol. La organización de la juventud en clubes que practicaban fútbol ayudó mucho en el desarrollo de líderes juveniles. San Pedro de El Espino observó un gran cambio en sus jóvenes, sus momentos libres eran dedicados a la práctica de este deporte.

Padre Nico observaba las grandes limitaciones de equipos y materiales y por eso conseguía de Holanda: pelotas, zapatos, redes, uniformes y otras cosas que los jóvenes podían usar. ¡Qué buena integración! La combinación de actividades deportivas con la formación de la juventud.

Es importante señalar que el Padre Nico jamás regaló nada, fue enemigo del paternalismo, siempre decía: «las cosas valen – hay que pagar algo». Todo su cargamento de implementos deportivos, de artículos personales y demás cosas las vendía a precios mínimos, lo esencial para formar el hábito de lograr las cosas por el esfuerzo propio.

Una mayor preocupación del Padre Nico fue elevar el nivel cultural de sus comunidades, De allí que él presentó comedias, dramas, películas, todos con un marcado acento latinoamericano con especial énfasis en lo verdaderamente panameño.

El pobre siempre tuvo su ayuda piadosa. Su cuarto en la Casa Cural fue el cuarto que visitaban todas las clases sociales con la misma atención y humildad particular en el Padre Nico.

Su tema siempre tuvo acogida en donde desempeñó sus tareas cristianas, fue un verdadero apóstol, un siervo del Señor. Jamás podremos olvidar su frase, **«Es mejor ser buena noticia que mala noticia.»**

Alanje 1976 – 1986

Como profeta, entregado al servicio del evangelio, reconoció que la humanidad es vida cuando se ayuda a formar por buen camino. Palabras que tenía como lema: **«Debemos ser buena noticia...No mala noticia.»**

En abril de 1986, cuando se despide de los ayudantes, ministros laicos, de la parroquia de Alanje el Padre Nico escribe a cada uno de ellos recordando lo que ha tratado de hacer, lo que ha tratado de comunicar y lo agradecido que está por todo esto. Nico lo expresa de la siguiente manera:

«Por la presente queremos agradecer en nombre del Cristo de Alanje por su cooperación.

«Hemos querido presentar al Cristo de Alanje a los visitantes como un Cristo que anima, estimula, da esperanza, que consuela y da fe, por medio de nuestro comportamiento, ayuda mutua, hospitalidad, generosidad, dando así un testimonio de la bondad de Dios a los que vienen de afuera.

«También las procesiones, la oración, las celebraciones y la música de la torre han cooperado con este fin.

«Muchos han venido para pagar su manda, buscar alivio en su Fe y para dar de su dinero. Ud. hermano no ha podido dar dinero pero ha dado de su sudor, de su tiempo, de su sinceridad, de su energía; lo que es la mejor manda para el Cristo, pues es dar algo de sí mismo.

«Por eso en nombre de este mismo Cristo queremos darle muchísimas gracias y sabemos que Dios sabe pagar su generosidad mucho mejor que nosotros los hombres.

«Cuenta con Él, que conoce su buena intención y nosotros seguimos contando con Ud. Y ojala podamos presentar al Cristo de Alanje mejor el próximo año: con más generosidad y disponibilidad de nuestra parte.»

Santa Marta 1987 - 1989

Dejemos que algunos feligreses hablen sobre Nico y su vivencia con el pueblo:

«Padre Nico se interesaba en los problemas de su comunidad y de la sociedad en general. En el contacto con su gente observaba diferentes situaciones irregulares y trataba de encontrar la causa y contribuir a la solución de diferentes problemas.»

«Padre Nico llegó a la conclusión que muchos de los problemas que viven la familia: la infidelidad conyugal, desintegración de la familia, desafíos juveniles, están ligados a la condición de la mujer. Hoy se ven agobiadas por el consumismo, medios de comunicación a través de las películas, novelas, concursos, comerciales, etc.... que fomentan el hecho de que en nuestra sociedad se vea a la mujer como un objeto y no como una persona con dignidad hecha a la imagen de Dios.»

«En Padre Nico nació una gran inquietud, la lucha en pro del respeto y reconocimiento de la «Dignidad de la Mujer», estaba en total desacuerdo con concursos de «belleza» en lo que en realidad en un 90% se exhibe, se valora sólo el aspecto físico de la mujer. Comienza concientizando en sus homilías a jóvenes y adultos del valor y derechos de la mujer, luego, toma uno de los comerciales describiendo a modo de concientizar.»

«Padre Nico llegó a los colegios, a cada una de las comunidades de la parroquia de La Concepción, jugaba a través de páginas ilustradas y con temas educativos cuestionando y buscando posibles soluciones Padre Nico escribió varias veces al periódico católico nacional 'Panorama Católico' cuestionando estas empresas que manipulan la imagen de la mujer. Esta contribución de Padre Nico, luchando por la «Dignidad de la Mujer», permanezca con nosotros por siempre.

Padre Nico será Buena Noticia para la mujer, la familia y la sociedad en general.»

«La cara del Padre Nico siempre llevaba una sonrisa. En su prédica enfatizaba la necesidad de organizarse. Promovía pequeños esfuerzos de organización en la comunidad: construir una biblioteca, crear una cocina común, formar un coro, promover un Centro de Salud, etc. El tener que andar en una silla de ruedas, de por sí, impone limitaciones.

Pero en otro sentido, las limitaciones no existían para el Padre Nico. Para él no habían limitaciones para el servicio de los pobres.»

5. SU VIDA SACERDOTAL EN PANAMÁ CON EL PUEBLO EN LA ETERNIDAD

Domingo de Elecciones: Han Matado Al Padre

«La Misa comenzará en quince minutos», decía la voz por el altoparlante. Luego silencio. Entonces un disparo rompe la tranquilidad de esa mañana dominical asoleada, 7 de Mayo de 1989. Nico cae mortalmente herido. El Padre fue llevado enseguida por los propios agentes de policía al Hospital Regional de David, a unos 30 kilómetros.

Corre la voz, «Han matado al Padre», Pero todavía no. Más bien comienza una larga y agonizante vigilia. El equipo médico, en el Hospital Regional de David, dedica ingentes esfuerzos para salvarle la vida al padre Nico. Pero frente a semejante herida, un disparo a quemarropa de un arma militar, AK47, la medicina no puede en esta ocasión.

Al joven Isaac González, acompañante permanente de Padre Nico, es trasladado al cuartel central de las Fuerzas de Defensa pero no le quisieron tomar declaración respecto a lo ocurrido alegando que era menor de edad.

Lunes de Angustia: Resurrección de Nico

El Pronóstico Médico de la situación del padre Nico entregado a las 5:00 p.m. del domingo, nos dice:

«Traumatismo maxilo-facial severo con pérdidas importantes de los huesos del tercio medio facial, con pérdida de la cubierta cutánea de la mejilla y labio superior derecho.

Pérdida de los dos tercios de la lengua; paladar duro y blando ausente. Pérdida de hueso de la mandíbula del lado derecho. Ausencia del piso nasal, tabique óseo y cartilaginoso. Avulsión de la mucosa oral casi en su totalidad. Sección de las arterias de venas facial derecha maxilar inferior palatina. Exposición de los grandes vasos del cuello.

«Lesión cerebral, producidos todo ello por proyectil de arma de fuego de alta velocidad.

«Pronóstico para la vida: Reservado. Estado de suma gravedad.»

El lunes, 8 de mayo de 1989, a las 10:00 a.m. la noticia, la mala noticia de un asesinato, recorre el país y hasta los cables internacionales. Ahora sí, el Padre Nico ha regresado al Padre.

Martes de Reclamo: ¿qué ha pasado?

La Comunidad Vicentina de la Provincia de Filadelfia en Panamá, por medio de un Comunicado hace su reclamo. En partes nos dice:

«La Congregación de la Misión en Panamá denuncia ante la opinión pública del país y los medios de comunicación el asesinato violento con arma de fuego que sufrió el Padre Nicolás Van Kleef, c.m. a manos de un agente de las Fuerzas de Defensa de Panamá el domingo 7 de mayo, entre las 9:00 y 9:30 de la mañana, en la comunidad de Santa Marta, Bugaba, Provincia de Chiriquí.

«La Congregación de la Misión protesta enérgicamente ante el Comandante en Jefe de las fuerzas de Defensa de Panamá, ante el Gobierno Nacional y ante el Ministerio de Gobierno y Justicia por este hecho que ha violado el sagrado derecho a la vida.

Denunciamos este hecho criminal como acto de cobardía puesto que el Padre Nicolás era un parapléjico y fue baleado sin ofrecer resistencia alguna al agente que lo detuvo. Denunciamos además el clima de exagerada tensión política fomentado por todos los

actores de este torneo electoral, especialmente por las actitudes desmedidas de los que debieran velar por la seguridad pública.

Dado que no es un hecho aislado, exigimos que las Fuerzas de Defensa asuman su responsabilidad institucional más allá del autor material del hecho, por inculcar actitudes de prepotencia que lleva a sus miembros a situarse por encima de la ley.

«LOS HECHOS: El Padre Nicolás recorría las calles del lugar conduciendo su carro Toyota Cresida, con placa N° 4-6894, mientras el joven, Isaac González, de 16 años de edad, iba invitando con un altoparlante a la celebración de la Misa. El día anterior, el padre José Elzi, c.m., había consultado en el cuartel de policía si se podía celebrar Misa ya que era día de las elecciones, y le respondieron positivamente.

«En determinado momento un miembro del Batallón Paz insto al Padre Nicolás a detener el carro. Le ordenó no continuar voceando y que se dirigiera al cuartel policial local. El agente subió a la parte trasera del auto, y apuntaba su rifle directamente a la nuca del padre. Mientras iban de camino, le disparó a quemarropa.»

Miércoles de Despedida: Misa De Resurrección

Amanece el miércoles, 10 de mayo de 1989. A un costado de la casa cural de La Concepción está la tarima, bellamente adornada, donde se celebrará la Misa Campal de Cuerpo Presente. Dos grandes telones proclaman el perdón: «PADRE PERDÓNALOS PORQUE NO SABEN LO QUE HACEN»

Desde tempranas horas comienza a llegar la gente. Muchas amanecieron en la iglesia después de haber pasado la noche en vigilia junto al cadáver de Nico. Llegan de las comunidades campesinas, de las fincas bananeras, de las ciudades de David, Puerto Armuelles, La Concepción, Alanje, Boquerón, de la ciudad capital de Panamá, de Colón, de Santiago de Veraguas, en fin, de muchas partes de la república.

Llega el pueblo sencillo, llega un gran número de sacerdotes del país, llegan algunos obispos de la Conferencia Episcopal de Panamá. Miles de personas dicen presente para celebrar el paso del Padre Nico a la vida eterna.

La proclamación de la Palabra, los cantos, la prédica, la presencia de Cristo Resucitado con su pueblo es una verdadera celebración de fe.

Terminada la Eucaristía, toda esa multitud se traslada a la entrada de Santa Marta, unos 10 kilómetros. Ni las molestias ni la intimidación la detiene. Allí, bajo una pertinaz lluvia, se inicia la caminata hacia la iglesia, última morada de Nico. A la cabeza de la procesión va la silla de ruedas, ya vacía, simplemente empujada por un niño y su madre.

CONCLUSIÓN

Se habla mucho de la solidaridad. Pero tal vez hay que sentirla y ser objeto de ella para poder apreciar su valor. En la ocasión de la muerte del Padre Nico, la solidaridad nacional e internacional se hizo sentir y fue conmovedora: cartas, cables, telegramas de cohermanos vicentinos de Estados Unidos y de toda América Latina; comunicados y denuncias de organizaciones de derechos humanos de México, Costa Rica, Colombia, Ecuador, Bolivia entre otros; cartas de amigos y conocidos de muchas partes.

El derramamiento de solidaridad ayudó mucho. Anima y fortalece bastante el saber que uno no está solo.

NICO, quien desde su silla de ruedas nos decía a todos: **YO QUIERO SER SIEMPRE BUENA NOTICIA, NO UNA MALA NOTICIA:**

- √ Que tu sangre sea para Panamá una Buena Noticia que ponga alto a la violencia y que nos ayude a comprender el valor de la vida.
- √ Que tu sangre sea la buena Noticia de la reconciliación y la paz para todos los panameños porque en ella hemos aprendido a respetarnos y a querernos como hermanos.
- √ Que tu sangre sea la Buena Noticia que riegue y fecunde esta tierra, carente muchas veces de valores humanos, para que crezca entre nosotros el reino de Dios.
- √ Que tu sangre sea la Buena Noticia que nos anuncie a todos de que nunca más será derramada la sangre en nuestro pueblo.

Padre Nico: ¿Por qué no inventas ahora uno de tus juegos de mano y nos devuelves a todos la esperanza?

Pinceladas Biográficas de la Sierva de Dios

"Sor Cecilia Charrin"

***Texto escrito del libro "Las siervas de Dios Josefa Parra y
Publicación de" Fundación Amigos de Sor Cecilia
Charrin", basada en el libro del Padre José Francisco
Ramos, Vice postulador de la Causa***

«Nació el 17 de febrero de 1890, víspera de la fiesta del Bienaventurado Francisco Regis Clet, c.m., en una aldeíta, pero... bueno... dicen que es el Castillo de Nèty, en Saint Etienne des Oullières, aldea de Beaujolais, país del vino en Francia.

Sor Cecilia nace y pertenece a una aristocrática familia francesa, cuyo Castillo familiar de Nèty todavía está en pie, conserva y guarda aquellos gratos recuerdos de antaño





También guarda el aroma de aquella que fue, es y será quien da la verdadera historicidad al castillo.

«La pequeña Renné fue bautizada el 1 de mayo de 1890 en la Iglesia de St Etienne des Oullieres». (Copia archivo General. París).

Familia, ilusiones, trabajo, responsabilidad, sociedad, guerra, etc. forjaron el temple vocacional de esta mujer que fue capaz de abrazar la Cruz, en su dimensión tanto vertical, como horizontal. Entró en un camino tan singular que nadie ya la podría comprender, ni ayudar. Era buscar un estilo de vida que la llevaba a superarse en el camino del amor. Esa es la expresión de su vida: Amar y siempre Amar a los pobres.

Después de la guerra «realicé mis deseos de ser hija de la caridad», no obstante que mi mamá era totalmente opuesta a la vida religiosa y que me había dicho: «*Si usted entra a la comunidad, yo misma le prendo fuego al convento*». (Entrevista 11 de abril de 1973. Archivo Sor Cecilia Charrín).

DE SAINT ETIENNE A PARIS

No es preciso adivinar la lucha que pudo haber librado, lo que pudo haber inventado, la firmeza que debió haber presentado, delante de la fuerza de la llamada de Dios que le quemaba, el grito de los pobres que le urgía y las cosas temporales que la encarcelaban, las amenazas maternas que pretendían acallar esa voz divina y el grito de los pobres. Sor Cecilia no era la primera vez que lucharía, ni sería la última.

La opción ya está tomada. Aunque le prendan fuego al Convento, el fuego de la gracia lo apagará. Hay un solo camino, hacia la vida

consagrada: Cristo y los Pobres, que urgentemente la llaman, Vicente de Paúl y Luisa de Marillac la esperan, los pobres la necesitan.

A sus 33 años, deja la seguridad y futuro que le ofrece el Castillo y el calor de su familia y toca a las puertas de las Hijas de la Caridad e ingresa en la Compañía el año 1923



«Hizo su Postulado en la Villete cerca del famoso rastro de la Villete en las afueras de París. La hermana que me recibió, me advirtió que cuando una persona entraba en la Comunidad no regresaba nunca más a su casa y yo le respondí: ***Para eso vengo aquí, porque quiero que mi sacrificio sea completo.*** Madura en fe, madura en decisiones, madura en el trabajo, madura en responsabilidades, orientó su vida a un amor cristológico a la Cruz, en el despojo de sí misma y en el amor exclusivo a los pobres.

«Hizo su seminario en la Casa Madre de las Hijas de la Caridad en París y allí recibí el santo hábito el 11 de abril de 1923». (Revista La Milagrosa. Agosto 1973. Pg. 3 Archivo Provincial).

Aquella corneta y hábito blanco, que vio en Mónaco en su niñez, adolescencia y juventud, , hoy forman parte de su nueva identidad, y luce orgullosamente como parte de su nuevo estilo de vida y consagración, ya no se pertenece a sí misma, ahora pertenece a la Compañía de las Hijas de la Caridad, pertenece a los pobres, porque la Compañía es para los pobres.

Un día le preguntaron por qué había escogido la Compañía de las Hijas de la Caridad, contestó: *«En primer lugar, porque se dedica a atender a los pobres que son los seres más queridos de nuestro Señor y porque me encantaba la corneta que usaban las hermanas, que parecían como albas palomas, por ello, uno de los dolores que he tenido, fue cuando se cambió el hábito de la Compañía para modernizarlos y suprimieron las cornetas»*. (Revista La Milagrosa. Agosto 1973).

SU PROGRAMA DE VIDA

Desde el inicio de su peregrinación hasta la meta, la vida de Sor Cecilia, fue una continua ofrenda para el sacrificio, se despojó de sí misma, y todo despojo es un sacrificio. Es muy singular en su vida el hecho de haber entrado en la Compañía, dejando la seguridad económica, social que le ofrecía el Castillo de Nèty, patrimonio generacional

La sencillez de vida y la humildad en su conducta diaria, era otra forma de hacer más agradable al Señor su ofrenda. Aprendió a no vivir para sí misma, sino para los demás, especialmente para los pobres, que como expresaba San Vicente, fueron siempre su peso y su dolor. Su lenguaje era servir siempre a los pobres.

Su sacrificio diario lo iba completando con aquellas cosas que para muchos son minuciosidades, pero para ella llevaban el signo de la Cruz. No pidió, ni quiso nunca nada para ella, todo era para los pobres.

No se amedrentaba ante los insultos y amenazas, sino que con la bondad que le caracterizaba respondía: **Señor, todo lo que usted ha dicho es para mí, ahora ¿qué me va a dar para mis pobres?** Esta experiencia, según algunos testimonios la vivió muchas veces con algunos comerciantes y familias a quienes solicitaba ayuda para los pobres. A algunos su humildad les transformaba en hombres de bondad y le ayudaban incondicionalmente, otros mantenían sus posturas anti-caridad.



Un gesto sacrificial que es digno de mencionar en la vida de Sor Cecilia, fue cuando vino la Madre General a Guatemala, **«La madre General, la última vez que vino me rogó que fuera a Francia, pero yo le pregunté, si regresaría a Guatemala y ante la negativa de regresarme, decidí quedarme. Yo empecé una palabra al entrar en la Comunidad y quiero que ese sacrificio se cumpla».** (Revista La Inmaculada de 1973. Pg. 3).

Más adelante agrega: *«Entré a la Comunidad para hacer sacrificio y en esta casa estaba demasiado feliz, nunca tuve sufrimiento, sino siempre más y más felicidad, por lo que pedí venir al extranjero».* (Revista La Inmaculada. Agosto de 1973. Pg. 3).

Un elemento propio del sacrificio es la renuncia. Una renuncia a todo aquello que puede desvirtuar el seguimiento a Jesucristo. Sacrificio verdadero no es masoquismo. *«Es muy raro hacer el bien a los demás sin la capacidad del sacrificio».* Nunca más regresó a su Patria, afirman sus compañeras de comunidad de la Casa Central.

La medida del amor, es dar sin medida. Este fue el termómetro de fe de Sor Cecilia, que la llevó no solo a socorrer a los pobres en sus necesidades primarias. Organizó y construyó además obras para una atención integral, cuyo aprendizaje y oficio, les alentara a vivir más dignamente y mejorar su condición humana y cristiana. Fueron muchas las obras fundadas y algunas todavía a lo largo del tiempo siguen y seguirán tendiendo la mano y el corazón a los pobres.

El sacrificio perfecto lleva a la caridad perfecta: Caridad para con Dios y caridad para con el prójimo.

En medio de esta sociedad inestable, precaria y lugar en que le tocó vivir y servir, se puede decir que orientó su vida como en cuatro polos a un solo fin: **Fiel a Dios, fiel a su vocación, fiel a la Compañía y fiel a los pobres**, este fue el secreto de su amor, **este fue su programa de vida.**

LA CARIDAD NO TIENE FRONTERAS

Esto lo aprendió en la formación de su seminario de manera sobreabundante, la joven Sor Cecilia Charrín. Si supo cruzar los grandes muros del Castillo de Nèty, cuanto más no podrá cruzar las fronteras de los pueblos para ir donde el pobre la necesita. Su fe está madura, ya fue probada en el crisol de su firmeza y su coraje.

Sor Cecilia tuvo una razón muy sencilla para pedir ir al extranjero a servir a los pobres: *«En la casa donde trabajaba estaba demasiado feliz, nunca tuve sufrimiento, sino siempre más y más felicidad, por lo que pedí venir al extranjero»*. (Archivo Sor Cecilia Charrín). El extranjero es el camino ancho y largo del mundo, lo desconocido, y más allá del Océano estaba Guatemala, dentro del proyecto que Dios tenía para Sor Cecilia.

POR LAS CALLES DE LA CARIDAD

Si las calles de la ciudad de Guatemala hablaran, un día nos contarían no solamente haber visto el ir y venir de una dama de la aristocracia convertida en sierva de los pobres. La presentarían revestida en su porte exterior de una profunda sencillez y humildad, con la mirada baja, expresión de su modestia que la acompañaba en su largo peregrinar, su bolso azul bajo su brazo.



El reto que Sor Cecilia aceptó de socorrer a Cristo en los pobres, no solamente significaba una respuesta a su fe cristiana y a su ser de Hija de la Caridad, sino que requería, también de una buena dosis de oración, coraje, paciencia, humildad y perseverancia, porque si las puertas de bronce son duras de abrir, cuánto más los corazones de muchos hombres, tan duros como sus principios.

«Cuántas veces, encontró de mal humor – unas por naturaleza y otras por situaciones temporales – a las personas a quienes tocaba en su corazón y éstos la ultrajaban con insultos, palabras groseras y ella con la humildad que le caracterizaba, arremetía nuevamente con las armas propias de un discípulo de Jesús: perdón, confianza, sencillez, etc., de rodillas les decía: *«Señor, eso que me dijo es para mí, ahora por favor, déme algo para los pobres»* y muchos caían vencidos delante del pequeño David, y le firmaban un compromiso moral: Hermana, perdone, venga siempre que necesite algo para sus pobres». Y ella como si nada hubiera pasado, les bendecía: *«Gracias señor, que el Buen Dios le bendiga»*.

El gozo inmenso que experimentaba era cuando visitaba el mercado, aquellas mismas vendedoras pobres le ayudaban con verduras, frutas, desde sus pobreza, porque ellas mismas eran ayudadas por la misma caridad de aquella a quienes ellas ayudaban. Este es el caldo más sabroso, viene del sudor de los pobres del mercado.

Mucha gente rehuía encontrarse con Sor Cecilia en la calle, para no sentirse interpelada por aquella voz de la caridad, que los ponía a trabajar en la obra, o de la misma manera les pedía algo para sus pobres. Allí sonaba en todas las cuerdas el bote de la caridad, allá estaban las Señoras de la caridad, las Luisas de Marillac con la tarea de hacer fecundar esa tarea, allá estaban las Hijas de la Caridad en la Casa Central preparando la sopa, vestidos, medicinas para los pobres de Sor Cecilia y para cuantos más se cruzaran en este mar inmenso de la caridad. Allí aquella familia solicitaba las urnitas de la Medalla Milagrosa, en las visitas domiciliarias haciendo el milagro para los pobres de Sor Cecilia. Allí estaban los niños de las escuelas urgiendo a sus padres y poner algo en el bote de la caridad. Esa era Sor Cecilia, cuyo nombre y apellido será para siempre: Sor Cecilia de los Pobres.

No vivió para ella misma, sino para los pobres. «No se acordaba ni de comer. Nunca se puso un hábito nuevo, ni zapatos nuevos. No dejaba a ningún pobre sin ayuda y ellos la querían con tanto amor que el día que murió la lloraron tan amargamente porque se les había ido su madre». Del mismo modo «Organizaba la semana del pobre», «preparaba desayunos, almuerzos, lo mismo, iba al mercado para que le regalaran verduras, frutas, carnes. ¡Y cuán deliciosas sopas hacía para los pobres! Incansable en su bondad. Contagiaba su entusiasmo para salir a pedir limosnas por las calles ¡oh mi buena señorita!, solía decirnos siempre y sonreía, aunque era muy penitente. (Semana La Misión, 13 de julio 2003. Pg 11. Archivo Sor Cecilia).

Quienes la conocieron la describen de estatura baja 1.58 mts y delgada, de rostro que sonreía y respiraba confianza, ojos grises claros. Su porte exterior tanto en la Casa Central como fuera de ella, era de una digna Hija de la Caridad, su mirada fuerte y convincente, sus manos pequeñas pero con fuerza para llevar la carga a beneficio de los pobres, manos forjadas en sus propios viñedos, trabajando codo a codo con los viñadores.

UNA VERDADERA CATEQUISTA

Sor Cecilia, catequizaba ella misma a quienes venían a ella, lo mismo preparaba a catequistas para que ellos mismos catequizaran.

Se hizo pobre con los pobres, para servir a los pobres, con un espíritu único de solidaridad. Ninguna niña o niño dejaba de hacer su primera comunión por falta de su traje blanco. Ninguna novia por pobre que fuera dejaba de lucir su vestido blanco, ninguno joven pobre se graduaba en mangas de camisa. Los pobres eran ayudados para presentarse



dignamente vestidos a sus trabajos, lo mismo que a todos les conseguía material para construir su casa, etc. Ella sabía que, prestado, vendido o regalado, no le fallaba la Divina Providencia del Buen Dios, que en ella, estaba el proporcionarles todos los trajes, vestidos, zapatos, materiales

necesarios para que sus pobres sintieran, vivieran de ese amor del Buen Dios cuyos hijos predilectos son ellos mismos. Todos, encontraban ayuda, socorro en la caridad inventiva de Sor Cecilia, pero junto a ello, estaba también la exigencia a la vida de la fe, a la vida sacramental, a la búsqueda de Dios.

El rezo del Santo Rosario era una forma de catequizar e invitar a la oración. Siempre caminaba, con el Rosario entre sus dedos y se oía balbucear el Padre Nuestro, Ave María o cualquier jaculatoria. La visita domiciliaria con la imagen de la Medalla Milagrosa, era una verdadera catequesis, fomentan la verdadera devoción mariana. Su porte humilde, su mirada baja, era forma de catequesis, quienes la veían se fortalecían con su presencia, era una verdadera Hija de la Caridad, se afirma.

Sor Cecilia fundó 127 centros de catequesis en la capital y en el interior del país. Catequistas, mujeres y hombres que por generaciones en sus comunidades cristianas, desde entonces han sembrado los primeros retazos de fe en aquellos corazones infantiles y juveniles.

UN CORAZÓN DE POBRE PARA LOS POBRES

Toda la obra de Sor Cecilia, está en la acción, en hacer efectivo el amor afectivo: en la mesa de trabajo, en la calle de la ciudad, en la casa de los enfermos y pobres, de rodillas en la Capilla, en la oración diaria, personal y comunitaria, oye el imperativo de San Vicente: *«Amemos a Dios, hermanos míos, amemos a Dios, pero que sea a costa de nuestros brazos, que sea con el sudor de nuestra frente»*.

Amar a Dios es amar al pobre. Aquí no caben las consideraciones personales, la comodidad, la inmovilidad, la frialdad, la impaciencia. Por ello, no era raro encontrar a Sor Cecilia en la calles capitalinas de la ciudad de Guatemala (Centro Histórico) en tiendas, almacenes y

mercados pidiendo para sus pobres, empujando un carretón y cargando su bolso azul, haciéndose acompañar por las gentes buenas que la amaban y que veían en ella a una Santa: Sor Cecilia de los pobres. Su bolso azul, afirman quienes la conocieron y la acompañaron, formaba parte de su equipo de trabajo.

Sus pies, ¡hay sus pies! – testimoniaba una señora que fue testigo de ello – cuando un día regresó a la Casa Central, luego de su diario y continuo vía crucis, de estaciones interminables donde pedía para sus pobres, la vieron llegar cojeando y al entrar, huellas de sangre de sus pies, delataban sus pasos. Sus zapatos ya no tenían suelas, estaban desgastados y lo largo del camino, el calor del suelo había quemado sus pies hasta el punto que sangraban, sin que surgiera de ella una expresión de queja o dolor. Medicina segura fue, la atención de las hermanas de su comunidad, algunos días de reposo, convirtiendo irremediabilmente su habitación en un centro de comando y acopio de la caridad, para no descuidar la atención y servicio a sus pobres».

Dicen las Hermanas de la comunidad de la Casa Central afirman también, que nunca la vieron comer nada entre comidas. Lo mismo afirman quienes la acompañaban por la calle a pedir. Algunas familias le ofrecían un café, un refresco... ella lo aceptaba, pero para quienes la acompañaban; y para ella, un vaso de agua solamente.

LA CARIDAD ES SENCILLA

La obra fecunda de Sor Cecilia, está enmarcada también bajo esta luz de sencillez. Evitó todo aspaviento de protagonismo. Esto fortaleció cada día su capacidad de sacrificio, donación, y búsqueda del pobre. Esto también fue el soporte que hizo que con mucha resignación sufriera a veces por amor a los pobres insultos, salvazos, vejaciones, incomprensiones, lluvia, sol, cansancio y cuántos contratiempos se le

presentaran y que en vez de retractarse de su misión, se sentía fortalecida para ir en búsqueda de sus pobres. «Qué dicha – escuchó de Santa Luisa – si la Compañía no tuviera que ocuparse más que de los pobres desprovistos de todo y esto Sor Cecilia lo tomó y lo confirmó con su vida.

Nunca se sintió halagada por los muchos honores, galardones o felicitaciones que recibió por su trabajo en bien de los pobres, nada de ello trastornó la pureza de su corazón. Su gozo fue estar, no en el podio de los honores, sino más bien caminando en la arena caliente de los caminos de los pobres y con los pobres, cuyo afán solamente era servirles y hacer que se les sirva bien.

Le caracterizaba en su vida ordinaria la verdadera humildad. No le preocupaba el qué dirán, sencilla, educada, respetuosa y cordial con las personas. A flor de labios tenía su buen humor, su sonrisa que destruía muros. Pobre en sus pertenencias personales. Afable, siempre estaba de buenas: **«Oh, mi buena hermana»** era su saludo. Los pobres, los oficios, la atención a sus hermanas de Comunidad de la Casa Central consumían su tiempo. Para todos había tiempo, indican sus mismas hermanas.

Organizó junto a quienes eran sus colaboradoras laicas y las Hijas de la Caridad de la Casa Central de manera informal, aquella caridad inmediata, el vaso de leche con galletas y amor para los niños de la escuela por la mañana, la olla de sopa y arroz sazónada con amor, lo que en tiempo de Santa Luisa llamaban el puchero... que cada hija de la caridad llevaba directamente por las calles de los barrios para alimentar a los pobres. Para el corazón de Sor Cecilia, nada se debía perder en bien de los pobres: verduras, frutas, carne.

Su mirada a favor de los pobres, fue crear centros de formación integral, talleres, becas para hombres y mujeres. Para hacer de ellos artífices de su misma vida. Se hace ayudar de mujeres cristianas y dispuestas a donar no solo su dinero, sino también su persona y su tiempo. Con este fin funda **La Asociación Luisas de Marillac** el 15 de marzo de 1937, quienes junto a las Damas de la Caridad, cuyos brazos y corazones, virtudes y valores, conforman un solo cuerpo orientado al servicio de los pobres. Estas dos asociaciones continúan ejerciendo esta labor cristiana y social.

Muy minuciosos pueden ser los detalles a favor de los pobres, pero no se escapaba ninguno, cada uno iba impregnado de la grandeza de su corazón. Un par de zapatos, un vestido, una silla de ruedas, una maleta de cuero, un implemento de cocina, un saludo, ponerle la mano en la cabeza a niñas y niños. Su despensa era siempre un lugar de encuentro entre ella y los pobres. Nadie salía con las manos vacías, así, lo confirman quienes estuvieron de cerca colaborando con ella, ya pidiendo en el comercio, en casas de familia, en el mercado, ya empacando, ordenando y repartiendo.

La gente veía en ella, una hija de la caridad con unas manos de caridad y con un corazón espiritual, que inspiraba confianza más allá de lo humano. «Los creyentes recurrían a ella: Por favor, Sor Cecilia, ruegue usted a Jesús y a su Madre Santísima por mi hijo que ha sido desahuciado. Sor Cecilia, ore por mi hermano que ha sido mal herido en un accidente de tránsito. Sor Cecilia, ore por mi esposa que tiene bastante tiempo de estar malamente enferma. Sor Cecilia, pida al cielo por mi amigo que está encarcelado». (Relatos varios de personas favorecidas).

YO SEGUIRÉ SIENDO SOR CECILIA DE LOS POBRES

La humildad como virtud empieza con la aurora de la humildad y termina en el ocaso de la humildad, es una virtud que asumida en el qué hacer diario de la fe, ilumina la vida, conducta y obras, convirtiéndose en el motor mismo de la misma fe, vida y actividad, de quien vive dicha virtud y la envuelve totalmente como la luz, sin lugar a dudas y sombras.

«Era modesta por sus obras y por sus virtudes. Jamás hizo ostentación de sus méritos personales, que los tenía abundantes y notorios. Antes bien los escondía tras una leve sonrisa que lucía todas las veces que protagonizaba determinada acción humanitaria a favor de los pobres». (La Hermanita de los Pobres. Ensayo biográfico. Gerardo Hurtado Aguilar. Pg. 14. Archivo Sor Cecilia).



Su humildad le llevaba a no decir nunca casi nada de tales invitaciones y agasajos. Entre otros:

- ✓ **La Orden del Hermano Pedro de San José de Betancourt, que le concedió el Gobierno de Guatemala el lunes 22 de diciembre de 1958.**
- ✓ **Electa mujer del año en diciembre de 1958 promovida por Prensa Libre.**
- ✓ **Diploma de honor que le concedió la Asociación de Señoras de la Caridad, el 15 de mayo de 1969.**
- ✓ **El Diploma de reconocimiento y Medalla Conmemorativa de la Alianza Francesa, el 5 de junio de 1970.**

- ✓ **La Orden Nacional del Mérito en el Grado de Caballero, concedida por la República de Francia el 12 de mayo de 1971.**
- ✓ **Diploma de honor al Mérito de los amigos y admiradores de su obra social el 11 de abril de 1973.**

Sor Cecilia, conoció bien los límites entre lo que es la verdadera caridad y lo que es filantropía, como una acción simplemente. Conocía bien el espíritu entre lo que es poseer y dar; y entre lo que es no tener nada y recibir. Supo vivir como dice San Pablo, en abundancia y pobreza. Y esto la hizo libre

En el pensamiento y proyecto de Sor Cecilia, había suficiente claridad. Dios la había llamado y de Dios se había llenado, por eso su entrega a vivir y desvelarse por los pobres, a tiempo y a destiempo, giraba sobre un espacio suficiente de movilidad para que su corazón estuviera siempre vibrando de amor y libre de toda contaminación, que le hiciera perder la brújula de su objetivo.

Sucede que, al darse cuenta de todos los honores y galardones que recibe y que publica la prensa nacional, un día una señora sencillamente le pregunta: **¿Hermana, con todos esos honores, usted no va a cambiar? Yo le aseguro... No se preocupe: «Yo seguiré siendo Sor Cecilia de los pobres»**, aquí se acuñó esta frase de consagración que fue el oriente, el norte seguro hacia el puerto de su vida.

(Carta a su familia 6 de enero de 1959. Archivo Sor Cecilia Charrín)

MENDIGAR NO, CARIDAD SÍ

En la vida diaria de Sor Cecilia, no se precisa la fecha, pero sí es vox populi el hecho que un día en una de sus jornadas diarias a favor de los pobres, a un agente de seguridad no le pareció gracioso, que una monjita

anduviera mendigando en las calles, la ley lo prohibía, porque durante el gobierno del general Jorge Ubico, se proclamó un decreto prohibiendo la mendicidad, por lo que el agente con la ley en la mano, ni corto, ni perezoso y sin resistencia alguna, llevó a Sor Cecilia a la oficina de su jefe como infractora de la ley, y éste sin saber qué hacer la retuvo por varias horas sentada en el banco de la espera o en el banco de los acusados. ¿Qué había pasado?

«Yo siempre la miraba en la calle pidiendo para sus pobres. No puedo precisar la fecha, pero recuerdo que en la 25 calle y avenida Bolívar, en donde antiguamente estaba una demarcación de la policía, la detuvieron porque estaba prohibida la mendicidad en Guatemala. Alguien dio aviso a la Superiora de la Casa Central, yo trabajaba en la Casa Central y con Sor Superiora fuimos a la demarcación de la policía para testimoniar que Sor Cecilia era hija de la caridad de la Casa Central. Ella estaba serena, tranquila y nos saludó como era habitual en ella. El jefe muy apenado dijo: hermana ya está libre y regresó con nosotros». (Relato oral de Doña Rosa Quinteros de Haranzen).

Sus hermanas de comunidad nunca vieron en ella nada que no fuera dentro de lo que el horario de la comunidad indicaba, desde la hora de levantarse hasta la hora de acostarse. Lo extraordinario era su fidelidad y fervor en los actos espirituales y en su oración personal, siempre fue un modelo. Su vida espiritual y su humildad iban juntas, comentaba una hermana de su misma comunidad.

El horario de trabajo de Sor Cecilia le permitía y exigía salir a la calle todos los días, a pedir en los comercios, mercados, visitar familias, visitar algún enfermo, llevarle a una familia pobre algunos enseres de utilidad, llevar las urnitas. Verla todos los días fuera de la Casa Central, estaba dentro de su horario de trabajo y no iba nunca en detrimento de la vida comunitaria.

SU CONFIANZA EN LA DIVINA PROVIDENCIA

Sor Cecilia, tuvo la oportunidad de escuchar el grito de los pobres, no solamente en las calles de la ciudad, sino también en quienes llegaban a la Casa Central, de tal suerte que con toda libertad estaba llamada a toda clase de cuidados y a toda suerte de pobres: hombres, mujeres, niños, desempleados, familias, enfermos, escolares, a quienes no solamente dio el Pan de Cada día, sino también, realizó una verdadera promoción humana, con talleres vocacionales en distintas opciones para señoras y jóvenes, ese era su campo de acción, esa era su misión: por su frutos los conoceréis, afirmaba Jesús.

Sus obras realizadas en Guatemala las enumera muy sencillamente, unos meses antes de su canto de partida: «Fundé el Hospital Pedro de Bethancourt, el colegio la Medalla Milagrosa, La sala Cuna de la 7ª calle y avenida Elena, la Sala Cuna de la Colonia Santa Luisa, El Amparo del Patojo (niño), el hogar de ancianos de la zona 2, organicé la Semana del Pobre, fundé la Escuela de Loreto, trabajé por el Asilo de Ancianos de la 20 calle y muchas obras que me sería largo enumerar». (Entrevista con la Licda. María Luisa Cajas. 11 de abril 1973. Archivo Sor Cecilia).

DEBO ESPERAR EL CANTO DE PARTIDA

Todavía salgo a pedir limosna. Por la mañana me siento de 15 años y voy de puerta en puerta solicitando ayuda para la construcción de la escuela que Sor Leclercq está haciendo en Tecpán, pero por la tarde ya no puedo, me duelen los pies....!Ay, qué triste la vejez! (Archivo Sor Cecilia).

El 6 de abril de 1973, Sor Vicenta Corpeño y Sor Cecilia cumplían sus Bodas de Oro de vida consagrada, pero no fue, sino hasta el día 14 la celebración que las Hijas de María le festejaron tan grande acontecimiento. Recibió un Diploma firmado por los asistentes. Al



terminar la Misa, agradeció la fiesta y añadió: **«Mi mayor deseo es seguir cantando en el cielo, pero, debo esperar el canto de partida»**. (Licda. María Luisa Cajas. Revista La Milagrosa. Archivo Sor Cecilia).

Tres meses más tarde, sonó el canto de su partida: «Ahora ya puedes dejar a tu sierva irse en Paz». Sor Cecilia, emprendió su camino al Padre en la mañana del 26 de junio 1973, luego de participar en la Eucaristía de esa mañana en la bella Capilla de la Casa Central. Sufrió un derrame cerebral, sin que hubiera padecido anteriormente de ningún problema de presión arterial o cardíaca.

Inmediatamente fue internada en el Sanatorio Hermano Pedro en la zona 5, **se agravó el día 13 por la mañana y a las 8:30 a.m. se quedó dormida para siempre**. (Archivo Sor Cecilia Charrín).

La hermosa Capilla de la Casa Central, dicen, se quedaba muy pequeña, delante del grueso de peregrinos que caminaban a despedir a la «Hermana

de los Pobres». No faltó ni el menor de los detalles ni material, ni espiritual, todos querían ayudar. Nadie se quedó sin testimoniar favores recibidos.

AÑOS MÁS TARDE

Al fallecer Sor Cecilia – la hermana de los pobres – en Guatemala el 13 de julio de 1973, ***su fama de santidad y su obra a favor de los pobres*** se ha mantenido intacta, incólume hasta hoy y ellas mismas han sido el lazo donde los antiguos y nuevos miembros de dichas obras y las obras mismas, han fortalecido y renovado el espíritu emprendedor caritativo de Sor Cecilia. Al fallecer la hermana de los pobres se habló de ella con el porte de una santa entre quienes la conocieron en la búsqueda de los pobres, como en su comunidad religiosa.

Sor Cecilia en sus correrías marianas y de caridad visitó con cariño especial a sinnúmero de familias de distintos estratos sociales y en cada visita las familias experimentaban la gracia de su buen Dios en su expresión y en su porte externo: **¡Era una santa!** Esta afirmación es voz común.

Si durante su vida terrena le decían: Sor Cecilia ¿ahora qué hacemos? Ahora después de su muerte; reclaman su intercesión y presencia ¡Sor Cecilia, esta obra es tuya ayúdanos por favor, te necesitamos y los pobres también te necesitan ayúdanos! Las obras fundadas, nunca han perdido su espíritu y nunca han estado vacías. Los miembros de las obras nunca han perdido el amor a los pobres, los pobres siempre tienen la esperanza de encontrar el calor de un hogar, un corazón y pan con amor, en cada una de las actividades y obras ha estado presente el espíritu y corazón de Sor Cecilia a favor de sus pobres. Su proceso de Beatificación y Canonización, se encuentra en Roma. Pedimos sus oraciones amigo (a) lector para que éste llegue a su final lo antes posible.

P. WENCESLAU SZUNIEWICZ, C.M. 1892 -1963

Lourenço Biernaski, C.M.

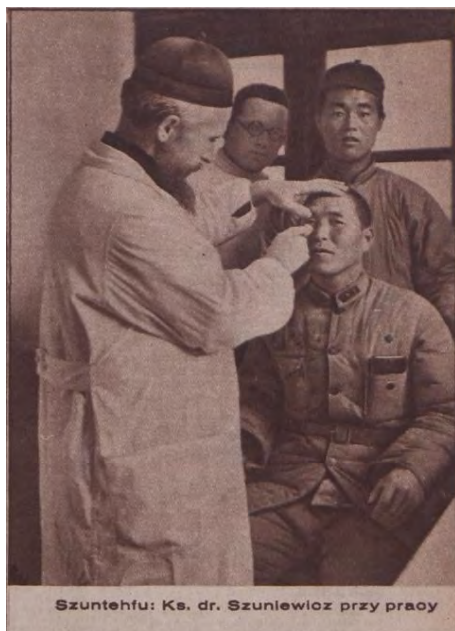
Traducción: J.A. Ubillús, C.M.



El profesor Edward Wylengala, Oftalmólogo, se encontró en un Congreso con un médico chino de Shangai que tenía interés por conocer más sobre el P. Wenceslau, sobre sus estudios y su vida en Polonia. El Dr. Edward se contactó con el Hospital de Xingai y recibió una invitación para dictar una serie de conferencias. Al llegar, le causó honda impresión el Hospital con 500 camas para enfermos de los ojos y más de 300 para otras enfermedades. Pero lo que encontró más interesante fue el Museo del Hospital, que contenía fotografías de sus actividades y equipos oftalmológicos. El P. Wenceslau es recordado como el primer Director. Frente al Hospital se encuentra un monumento del padre-médico, eminente oftalmólogo e investigador. Curaba y Evangelizaba. Los propios comunistas reconocen sus grandes méritos.

ALGUNOS DATOS BIOGRÁFICOS

Su biografía es realmente fuera de serie. Procedía de una numerosa familia conformada por Romualdo Szuniewicz y Paulina Cybulska y siete hijos, tres de los cuales fallecieron a tierna edad, sobreviviendo Wenceslau y tres hermanas, con las cuales mantuvo permanente correspondencia, llamándolas *queridas hermanitas*. Nació en Glenbokie, diócesis de Wilno, perteneciente en aquella época a Rusia y hoy a Bielorusia. Sus padres le dieron una excelente educación. Concluyó sus estudios en Smolensk, donde se había mudado su familia. Anduvo indeciso entre ser sacerdote o médico; recorría los bosques contemplando la naturaleza y buscando tomar una decisión. Habiéndola tomado, dijo a sus padres: «pedí consejo a Dios y a la naturaleza y he decidido ser médico de cuerpos que de alma». Se dirigió entonces a Moscú junto con su padre y se matriculó en la Facultad de Medicina, llegando a ser doctor en 1916. Se transfirió por un tiempo para Alma Ata. Como era el tiempo de la 1ª. Guerra Mundial, fue llamado para el servicio militar y sirvió en el frente de Minsk, luego en Tul y Voronec, dedicándose a los soldados heridos de los hospitales militares. Tratando a los enfermos de tifus, contrajo la misma enfermedad y durante 22 días estuvo entre la vida y la muerte, desahuciado por los médicos. Solamente sus hermanas creían que se recuperaría. Así fue. Por milagro volvió a la vida. Al dejar el hospital fue directamente a la Iglesia y se confesó, consciente de que su recuperación se debía al



Szuntehfu: Ks. dr. Szuniewicz przy pracy

Altísimo –recuerda su hermana Constanca-. Años después, él mismo escribió: «eso fue una resurrección».

Terminada la guerra, decidió dejar Rusia. En todas partes el Dr. Wenceslau siempre se presentaba como ciudadano polaco y por eso no tuvo dificultad de conseguir el derecho de regresar a su Patria. Escogió Wilno como residencia, donde trabajó en los hospitales y dictó clases en la Universidad Stefan Batory, en el Departamento de Pediatría y oftalmología. Fundó la Guardería «Gota de Leche» para los niños huérfanos. No tenía tiempo para amoríos, pues todo su amor era para los dolientes, enfermos y ancianos. Según su hermana Constanca, casi llega a casarse por compasión con una tuberculosa.

SU VOCACIÓN MISIONERA



El Dr. Wenceslau con 16 años de profesión gozaba de mucha consideración y respeto como buen médico y eximio organizador, pero Dios lo encontró en medio de sus actividades. Un día el Dr. Szuniewicz fue llamado para atender a un enfermo en la Casa de los Padres de la Misión en Gora Zbawiciela – Wilno. Después de haber realizado varias visitas, quedó impresionado por la acogida y el ambiente fraterno y decidió hacerse uno de ellos. ¡Oyó la voz de Dios! Otro hecho que influyó en su decisión fue la admiración que tenía por el trabajo silencioso y cariñoso para con los enfermos de las Hijas de la Caridad. Habiendo recibido y luego leído la

biografía de San Vicente de Paúl, quedó gratamente impresionado con la figura extraordinaria del Santo. Habiendo entrado en contacto con los superiores de Cracovia y habiendo sido aceptado en la Congregación de la Misión, se despidió del Hospital y de la Universidad y viajó para Stradom-Cracovia. El día 24 de abril de 1927 comenzó su nueva caminata. Después de dos años de Seminario Interno, pronunció sus votos perpetuos. Prosiguió los estudios de Teología y fue ordenado de sacerdote el día 8 de septiembre de 1930 por el Obispo Stanislaw Rospond. Durante el tiempo de sus estudios teológicos escribía artículos en «METEOR» sobre «La medicina al servicio de las misiones». Después de sus primicias sacerdotales se comenzó a preparar en Wilno para un largo viaje misionero: China.

DE WAWEL A CHINA. ¿POR QUÉ A CHINA?

La Iglesia Católica al final del siglo XIX tuvo una expansión muy dinámica en aquel país. En 1929 comenzó una misión polaca con un primer Grupo de Misioneros bajo la dirección de Don Ignacio Krause, C.M., en Shunteh-Fu, hoy Xing-tai. El P. Wenceslau formó parte del segundo Grupo. El viaje de Cracovia a París, donde celebró la Misa en el Altar de las Reliquias de San Vicente de Paúl, y luego a Marselha y Shangai, duró 40 días en el mar.

Destinado a Shunteh-Fu, después de una semana logró abrir un Ambulatorio provisorio. En ese mismo lugar promovió un gran Hospital Oftalmológico con 100 camas. No contento con eso, observando las largas distancias, promovió otros Puestos o Ambulatorios, 18 en total, a una distancia de 20 y hasta de 70 Kms., a donde se dirigía en bicicleta, acompañado por enfermeros o estudiantes de medicina. Recibía donativos de Polonia como remedios, equipos y utensilios apropiados para el tratamiento de las cataratas, etc. Las Hijas de la Caridad polacas colaboraban con los misioneros en sus actividades misioneras: hospitales, guarderías, escuelas, etc.

«En los hospitales de la misión la oftalmología se convirtió en nuestra especialidad. Podemos contar por centenas las cirugías de cataratas y otras enfermedades más difíciles. Gracias a Dios todo acontece de manera fácil y con buen suceso» —escribe a sus hermanas. «Después de las cirugías se llega a conquistar las almas. Cuando el ojo se abre, se divisa el sol, se alegra viendo las flores y los colores, se vuelve más fácil alcanzar el espíritu. Dios mueve el alma y la abre hacia la luz de la Verdad eterna. Se sirve de nosotros como instrumentos de su infinita misericordia». «Estoy viendo, queridas hermanitas, estamos viviendo aquí la plenitud de la vida» —añade. «¿Qué misionero es ese, dirán, que pasa todo el tiempo en operaciones —escribe en otra correspondencia-. ¿Qué puedo hacer cuando los ciegos o semiciegos desean ver? La Providencia conduce el bisturí ya que esas cirugías son necesarias. Además de eso, es la ocasión para dirigir unas palabras a las víctimas del bisturí para que no solamente los ojos sino también el espíritu puedan alcanzar la visión»!

EL P. Wenceslau no fue un simple oculista. Fue un eminente especialista, precursor de las operaciones de córnea, que corrige los defectos de la visión. Actualmente esas cirugías se hacen con rayos laser, él las hacía con bisturí quirúrgico, que pedía a sus hermanas enviárselos, pues éstos deberían ser siempre nuevos. «Para unas 800 cirugías por año no hay tiempo para afilar» —escribe bromeando.

PREPARACIÓN DE MÉDICOS Y ENFERMEROS/AS

El P. Szuniewicz no se contenta con tratar a los enfermos, piensa al mismo tiempo en el futuro, prevé la llegada del comunismo, y organiza cursos para los chinos, entrenando a médicos y enfermeras del país en vista a los acontecimientos venideros. Trabaja sin descanso. Su reputación sobrepasa los límites de la región. El Delegado Apostólico, Don Zanin, lo invitó para organizar el Departamento Oftalmológico de la Universidad Católica y de su Centro Hospitalario (1938) en Pequín.

En 1936, el Hospital de Shunteh recibió la visita del Presidente de la Universidad Aurora, P. Hermain, S.J., quien luego de esta visita escribió en el Boletín de la Universidad: «la fama del científico polaco ha llegado a todas las provincias del norte de China. Pacientes que recorren centenas de kilómetros llegan para ser tratados por él. Sus procedimientos quirúrgicos son reconocidos como extraordinarios por todos los especialistas. También reconocido porque ha formado a 10 doctores que trabajan con él»

Los chinos lo llamaron Suen Wei Jen o en otro lugar Xuan-Weiner, que significa hombre con barba de plata, debido al color de sus cabellos blancos. Eso era un título honorífico, de

respeto para con el doctor. Era sacerdote y doctor, con la misión, como solía decir, «de tratar el espíritu invisible y ayudar al pueblo a recuperar la vista y la salud» Los Chinos lo tenían como «Taumaturgo». Cierta día apareció en el Hospital un ciego muy pobre que había recorrido a pie dos mis kilómetros. Su estado era muy delicado debido a como se encontraban las cataratas. El P. Wenceslau aceptó tratarlo. Antes, él hizo oración postrado en cruz en la Capilla. En la madrugada celebró una Eucaristía en la que participó y comulgó todo el personal de la sala de operaciones. En seguida vino la cirugía. Durante dos semanas se hicieron incesantes preces ya que el enfermo tenía los ojos infectados. Pasadas las dos semanas, retiradas las vendas, el pobre ciego alcanzó a ver al

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: **MACIAR SZUNIEWICZ** VIA 12143.6
Admitido em território nacional em caráter: **permanente**
Nos termos do art. 2º, letra **-** do dec. n.º **7967**, de 1945
Lugar e data de nascimento: **Polônia, 28 de dezembro 1892**
Nacionalidade: **polonesa** Estado civil: **solteiro**
Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Romuald Szuniewicz e Paulina Gzulska** Profissão: **religiosa**
Residência no país de origem: **Stradom, Polônia**

SOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º: **015791** expedido pelas autoridades de Consulado da Polônia em Hankow, China
Visto sob n.º: **5746** **16 fevereiro 1948**

ASSINATURA DO PORTADOR: **M. Gaurancy C.M., M.D.**

Consulado: **geral** do Brasil em: **Nova York**
4 de dezembro 19 51.
O CONSUL: **Wenceslau Gaurancy**

NOTA: Esta ficha deve ser apresentada à autoridade competente, sendo de sua vicia em original.

«taumaturgo». Solamente Dios sabe cuántos milagros como este sucedieron.

AMAR A TODAS LAS PERSONAS CON TODO EL SER

El P. Wenceslau pasó 18 años en China. Como él mismo escribe, no pasó ningún año en paz. Siempre en cualquier parte del territorio conflictos, guerra civil, guerra sino-japonesa. En 1949 los comunistas tomaron el poder. Los superiores de la misión decidieron cerrarla y transferirla a Estados Unidos. El P. Wenceslau con mucho pesar decide viajar. «Me acostumbré con La China, amé a los chinos, muchos de ellos me trataron como uno de ellos», escribe desde el barco.

En los Estados Unidos, en New Haven, se encuentra la famosa Universidad de Yale. Una buena oportunidad para comprobar científicamente los datos adquiridos en La China y realizar nuevas experiencias. En una carta bromea: «voy a comenzar con los conejos y perros, que no faltan aquí, y tal vez enseñe a estos animales a usar lentes». Sus investigaciones aparecieron solamente después de su muerte en una publicación oftalmológica. El Padre Doctor Szuniewicz entró en la historia de la medicina como pionero de la llamada cirugía de refracción.

Sus experimentos en los Laboratorios de la Universidad y dos manuscritos preparados para ser publicados, uno en enero de 1952 y el otro en septiembre de 1954, por razones desconocidas no fueron publicados.

Sin embargo, sus esfuerzos e investigaciones fueron recordados por el Dr. Rocko Fasanella, M.D., oftalmólogo de New Haven que conoció personalmente al P. Wenceslau, anexó sus artículos en el libro: Szuniewicz W. – Fasanella RM. : *«Surgery in an attempt to change corneal curvature»*, Ophthalmologic Surg., 1981; 12/10: 719-726. El Dr. Fasanella escribe:



«El P. Szuniewicz fue una de las personas más admirables que conocí. Era un santo en vida. Su conocimiento médico era muy moderno a pesar de haber estado lejos de las instituciones durante años. Sus estudios de laboratorio sobre la cirugía de córnea, de 1951, nunca fueron publicados, sin embargo fueron presentados en disertaciones públicas. Esos estudios fueron repetidos independientemente en Europa en 1976 y evaluados 100% correctos. Fue un excelente profesor en todos los sentidos»

Según el Dr. Fasanella, «el P. Szuniewicz fue un médico cualificado con vasta experiencia en oftalmología y un gran investigador en el campo de la cirugía de córnea». El concepto de la corrección quirúrgica del astigmatismo de córnea, el P. Szuniewicz probablemente lo comenzó en Shunteh-Fu, el año de 1946, época en la que él por espacio de 21 años no tenía acceso a la literatura oftalmológica. Pensamos que no cabe duda afirmar que sus ideas eran originales, que se suscitaron independientemente y que sus investigaciones no eran simplemente la repetición de un trabajo hecho por otros»

En Estados Unidos recibió la propuesta del gobierno americano de hacerse ciudadano americano, pero él prefirió conservar su ciudadanía polaca y escogió el Brasil para dedicarse en cuerpo y alma al pueblo sencillo y necesitado en la Provincia de Curitiba. En una carta a hermana Constancia, escribe: «la vida de aquí no me satisface. El nivel de vida es muy alto, unido a lo que va detrás: vida cómoda y alma vacía...» (5-XII-1951). Dejó los Estados Unidos y el 11 de febrero de 1952 desembarcó en el Brasil. Trabajó en Mafrá con el Dr. Saliba y en la parroquia con el

P. Stefanowicz, también misionero de China. Destinado después a Irati, parroquia de San Miguel, donde el P. Segismundo Piotrowski era párroco. Organizó un Ambulatorio Médico en el barrio Río Bonito. Promovió encuentros y reuniones con los médicos con vistas a un mejor equipamiento del hospital. Con la colaboración de los mismos, consiguió dar una mayor y mejor asistencia médica a los pobres y necesitados. Daba servicio espiritual y orientación a los enfermos, a los enfermeros/as y médicos. Realizaba cirugías principalmente en su especialidad de oftalmología. Ideó un movimiento con el nombre de «Asociación de Padres Cristianos» y la Biblioteca Volante con el fin de estimular la lectura en el ámbito parroquial.

El P. Wenceslau o Padre Doctor, como era llamado, fue un hombre de una intensa actividad médico-pastoral y de una incansable dedicación por los otros, hombre de grandes talentos naturales, desarrollados gracias a su persistencia; de una rectitud sin precedentes, coronado de una humildad y sencillez verdaderamente evangélicas y vicentinas. Falleció el día 16 de octubre de 1963, muy de mañana, de un ataque cardíaco. Hacía poco tiempo que había escrito: «Llevaremos al otro mundo el bien que hicimos a los otros y lo que conseguimos en la oración». Como médico oculista realizaba la operación a los ojos recordando al mismo tiempo la inmortalidad del alma. De esta manera logró llevar a centenas y miles de personas a Cristo, el Médico Inmortal.



En La China existe un monumento al P. Wenceslau, en Polonia el profesor Edward quiere que se levante un Hospital con su nombre para inmortalizarlo.

